



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**ANTÓNIO PEDRO MENDES NEVES MOSSO**

**Voluntariado Missionário em Portugal**  
**Motivações e Balanços**

Dissertação Final

sob orientação de:

Doutor José Manuel Valente da Silva Nunes

e sob co-orientação de:

Doutora Helena Gil da Costa

**Porto**  
**2016**



## **SIGLÁRIO E ABREVIATURAS**

**LG** Constituição Dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*», do Concílio Vaticano II

**NA** Declaração *Nostra Aetate*, sobre a Igreja e as Religiões Não Cristãs, do Concílio Vaticano II

**EN** Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, do Papa Paulo VI

**RM** Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, do Sumo Pontífice Papa João Paulo II

**DA** Pontifício Conselho para o Diálogo inter-religioso - Congregação para a Evangelização dos Povos Diálogo e Anúncio

**DM** Secretariado para os Não-Cristãos - A Igreja e as outras Religiões, Diálogo e Missão

**UR** Decreto sobre o ecumenismo *Unitatis Redintegratio*, do Concílio Ecuménico Vaticano II

**ES** Carta Encíclica *Ecclesiam Suam*, do Sumo Pontífice Papa Paulo VI

**AG** Decreto *Ad Gentes*, sobre a Atividade Missionária da Igreja, do Concílio Ecuménico Vaticano II

**DH** Declaração *Dignitatis Humanae*, sobre a Liberdade Religiosa

**AAS** *Acta Apostolicae Sedis*

**ONG** Organização Não Governamental

**ONGD** Organização Não Governamental para o Desenvolvimento

**IPSS** Instituições Particulares de Solidariedade Social

**IMAG** Institutos Missionários “Ad Gentes”

**PL** *Patrologiae Cursus Completus, Series Latinae*, ed. J. P. Migne, Paris 1878-1976

## INTRODUÇÃO

Embora Portugal esteja, segundo o Eurobarómetro<sup>1</sup>, entre os países da União Europeia em que a participação em atividades de voluntariado é mais baixa, é inegável que o voluntariado vai conquistando novos espaços, atraindo cada vez mais pessoas que procuram viver a sua cidadania e solidariedade de uma forma mais ativa e em relação com outros. Organizados em entidades, estes voluntários trabalham em prol dos mais necessitados, procurando esbater fronteiras e encurtar distâncias para que todos tenham o seu lugar na sociedade e no mundo. Estas pessoas buscam a sua felicidade fazendo da sua vida um bem para o próximo, com a convicção que ninguém é uma ilha e a felicidade tem mais sentido quando é partilhada numa relação de gratuidade e serviço. O impacto destas atividades nas sociedades modernas é amplamente reconhecido, pois embora não possa ser medido, ela contribui para o bem-estar social e para a qualidade de vida de muitos cidadãos. A relevância crescente do seu papel na sociedade portuguesa levou que fosse regulamentada juridicamente pela Assembleia da República com o Decreto-Lei n.º 71/98, de 3 de novembro.

Entre esses voluntários, há um grupo que para além da solidariedade e da vivência ativa da sua cidadania segue outros valores, promovendo o encontro de culturas e povos, sempre guiados pelo ideal missionário da Igreja e pelo mandato de Cristo. A sua ação não se reduz a um assistencialismo, mas sim na procura do desenvolvimento humano integral desses povos e dessas culturas, dentro de um espírito evangélico e missionário. São voluntários que vão ao encontro de situações muitas vezes difíceis e desconhecidas. A sua missão é, muitas vezes, sustentada por infraestruturas frágeis, mas, no entanto,

---

<sup>1</sup> A este propósito consultar o Eurobarometer [online]. Disponível na Internet via WWW. URL: [http://www.europarl.europa.eu/pdf/eurobarometre/2011/juillet/04\\_07/rapport\\_%20eb75\\_2\\_%20benevolat\\_en.pdf](http://www.europarl.europa.eu/pdf/eurobarometre/2011/juillet/04_07/rapport_%20eb75_2_%20benevolat_en.pdf) [acedido no dia 1 de outubro de 2015]

empenham-se em atingir os seus objetivos. Instintivamente pensamos que estes homens e mulheres são movidos por razões meramente altruístas, sem esperar nenhuma compensação financeira. Esta crença é fortalecida pela escassez de estudos, teóricos ou empíricos, sobre voluntariado em Portugal, principalmente voluntariado missionário. Esta lacuna levou-nos a escolher a motivação do voluntário missionário como assunto de estudo. Pois, para que a missão seja fecunda e atinja os seus propósitos é necessário que o voluntário se mostre capaz, satisfeito, e em constante renovação. A motivação tem neste processo um papel importante, pois toda a pessoa motivada procura sempre ir mais longe e dar mais de si, estimulada pelo desejo de fazer melhor, de criar novas realidades. A motivação no contexto do voluntariado missionário é também essencial para que se aborde os imprevistos com serenidade, e acima de tudo, com criatividade. O conhecimento da real motivação dos voluntários traz uma melhor gestão, preparação e formação, e também ajuda a garantir que os voluntários não se sentirão frustrados nas suas expectativas. Por outro lado, como veremos ao longo deste trabalho, a missão é desenvolvida numa dinâmica eclesial, com fundamentos próprios e que pedem que essa motivação tenha algumas características precisas, para que ela responda à vocação missionária que é inerente a cada missionário, ao mandato que Cristo deixou à sua Igreja e à própria noção de missão da Igreja.

Esta experiência de voluntariado tem um impacto real na sociedade onde os voluntários exercem a sua atividade. Mas, ela tem um impacto ainda mais profundo, principalmente no voluntariado missionário de curta duração, sobre os próprios voluntários. Os proveitos desta experiência missionária são uma mais valia que não podem ser desperdiçados e que devem ser capitalizados. Por outro lado, os voluntários de longa duração partem correndo o risco de, no regresso, não terem uma oportunidade de emprego e de terem um futuro imediato marcado pela instabilidade e a insegurança. É importante que as entidades saibam acompanhar, apoiar e ajudar os voluntários a relerem

toda a experiência à luz da fé. Para perceber como tudo isto é possível procuramos contactar os voluntários missionários, recorrendo à ferramenta do inquérito, esperando que as suas respostas nos trouxessem algumas luzes sobre o voluntariado missionário, a relação entre os fatores de motivação e a prática do voluntariado, bem como as mais valias desta atividade na vida do voluntário e na vida da Igreja em geral. É propósito deste estudo fazer uma reflexão teológica, pastoral e sociológica desta atividade. Este trabalho foi desenvolvido recorrendo à literatura existente na área e procurou conhecer motivações e expectativas dos voluntários em geral, tendo depois procurado confrontar os dados obtidos junto dos voluntários de três entidades diferentes: o Voluntariado Missionário Espiritano, o Ondjoyetu e o GAS'África, com esse referencial teórico.

A presente dissertação está organizada em três capítulos. O capítulo 1, apresenta o enquadramento teórico da tese e os conceitos fundamentais do voluntariado estruturado em cinco subcapítulos: o primeiro, “O conceito de voluntariado”, o segundo, “Princípios enquadramentos do voluntariado”, o terceiro, “Principais áreas e grupos alvos do voluntariado”, o quarto, “Motivação do voluntário” e o quinto, “Voluntariado e Solidariedade”. No subcapítulo “O conceito de voluntariado” começamos por apresentar as diferentes definições relativas ao voluntariado, recorrendo a instituições de referência, bem como sociólogos e legislação existente em Portugal. Este subcapítulo termina com uma breve contextualização histórica desta atividade em Portugal. No subcapítulo, “Princípios enquadramentos do voluntariado”, apresentamos os sete princípios, referenciados na Lei nº 71/98, que guiam a atividade de voluntariado. Estes princípios são: solidariedade, gratuidade, complementaridade, cooperação, responsabilidade, convergência e participação. No terceiro subcapítulo, “Principais áreas e grupos alvos do voluntariado”, identificamos as diferentes áreas aonde atuam as diferentes organizações e entidades e que tipo de ação desenvolvem, os tipos de problemas a que tentam dar resposta e os grupos que beneficiam com essa ação. Neste subcapítulo apresentamos nove

áreas, com base no documento da conferência episcopal portuguesa, que tem o título “Voluntariado e nova Consciência Social”. O quarto subcapítulo denominado “Motivação do voluntário” aborda as motivações do voluntariado em geral, fundamentado em diferentes abordagens teórico-empíricas, nomeadamente a apresentação de Teorias de Conteúdo Organizacionais. Este é um dos subcapítulos chave para a abordagem e estudo de uma das questões desta dissertação. O capítulo 1 termina com o subcapítulo “Voluntariado e Solidariedade”, que procura aprofundar a compreensão da relação existente entre o voluntariado e a solidariedade, principalmente a partir de um sentido e de uma lógica cristã.

O capítulo 2, “Teologia da Missão”, é composto por quatro pontos de reflexão. Neles pretendemos, de forma sintética, analisar a missão à luz do Vaticano II e dos documentos recentes do Magistério. Assim, num primeiro subcapítulo – “Fundamentos Teológicos” – abordamos os diferentes prismas da missiologia e as suas consequências na forma como a Igreja exerce o mandato que Cristo deu aos seus discípulos e que a Igreja hoje continua a seguir e a concretizar. No segundo subcapítulo – “Perspetivas da Missão Contemporânea” – procuramos apresentar os desafios e os diferentes aspetos da missão atual, principalmente partindo desse grande marco que foi o Concílio Vaticano II e as mudanças que trouxe na relação Igreja-Mundo. Este subcapítulo termina com a apresentação de cinco sinais que caracterizam esta ação missionária da Igreja. No terceiro subcapítulo, designado “O lugar e a missão dos leigos na Igreja e no Mundo”, procuramos fazer uma abordagem sobre o papel cada vez mais relevante que o leigo foi ocupando na Igreja e na ação desta no mundo. Ele é um dos principais atores do voluntariado missionário, pois toda a ação é por ele desenvolvida. O subcapítulo seguinte, ““Missão como meio de promoção humana”, apresenta esta faceta da missão que fundamenta a ação do voluntariado missionário. No último subcapítulo, “Um olhar sobre

o voluntariado missionário em Portugal”, fazemos uma apresentação deste fenómeno e a sua história, apresentando dados da sua curta existência.

No capítulo 3 “Estudo Empírico” – abordamos o núcleo desta dissertação. No subcapítulo “Questões de partida” são expostos o objetivo deste estudo e as questões de partida que serviram de guia para esta pesquisa. No subcapítulo seguinte, “Caminho percorrido”, apresentamos as etapas deste estudo: a forma como se desenvolveu a recolha de dados, os procedimentos utilizados para essa recolha e apresentamos, por último, os procedimentos estatísticos destinados à análise dos dados obtidos. De seguida, na “Caracterização das entidades que participam no estudo”, fazemos uma breve apresentação das entidades parceiras. O subcapítulo seguinte, “Análise e interpretação de dados”, inicia com a caracterização demográfica da amostra, seguido da análise das respostas referentes à motivação, terminando com a análise dos resultados relativos ao balanço e impacto. Por fim, na “Síntese e reflexão final”, fazemos uma síntese dos resultados obtidos neste estudo. Apresentamos as limitações presentes no estudo, abrangendo quer as que são específicas da forma como o estudo foi conduzido, quer as que decorrem mais genericamente do método utilizado, a análise conjunta. Confrontamos os dados obtidos com a referência teórica, retirando algumas elações e descrevemos algumas especificidades verificadas neste voluntariado em relação ao voluntariado em geral. Finalmente apresentam-se propostas para futuras abordagens, e num subcapítulo próprio, apresentamos algumas recomendações que derivam diretamente do estudo, mas evidenciando também outras.

O texto desta dissertação conclui-se com cinco anexos. No Anexo 1 – “Guião do questionário por inquérito” – apresentamos o guião do questionário, tal como foi proposto aos elementos da amostra inquirida para preenchimento. No anexo 2 – “Dados do inquérito por questionários: caracterização dos voluntários” – exibimos, de forma gráfica, os dados estatísticos conseguidos através da análise da primeira parte do inquérito. No

Anexo 3 – “Dados do inquérito por questionários: motivação dos voluntários” – expomos um conjunto de tabelas com os dados gerais da análise aos dados estatísticos da segunda parte do inquérito. No Anexo 4 – “Respostas relativas ao impacto da experiência de voluntariado” – apontamos algumas respostas dos voluntários, distribuídas em categorias de análise: expectativas, mudanças pessoais notadas, elementos que marcaram de uma forma benéfica os voluntários, elementos que marcaram de uma forma desfavorável a experiência de voluntariado, o impacto da experiência de voluntariado na comunidade de acolhimento, o impacto da formação recebida e, por último, o impacto da experiência missionária na contribuição eclesial, pastoral, humana e profissional. No último anexo – “Entidades de voluntariado missionário em Portugal” – apresentamos, com base na lista de entidades presente na página de internet da Fundação Fé e Cooperação, de uma forma sumária, as organizações e entidades que promovem o voluntariado missionário em Portugal.

Os resultados do estudo estão condicionados pela amostra que, por ser uma amostra de conveniência, não permite resultados generalizáveis. Para além disso, a amostra sofre de várias limitações, das quais a mais importante é, em princípio, o facto de grande parte dos participantes no inquérito serem do Voluntariado Missionário Espiritano. Por fim, realçamos que o principal objetivo deste inquérito não é o de obter dados quantitativos, mas sim dados qualitativos, ricos em pormenores descritivos que permitam uma reflexão crítica e com conteúdo, para que esta dissertação dê um real contributo para a construção de propostas que possam representar ganhos para o voluntariado missionário.

# CAPÍTULO 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEITOS FUNDAMENTAIS DO VOLUNTARIADO

## 1.1 O conceito de voluntariado

Tentar encontrar um conceito de voluntariado é um trabalho complexo, pois, sendo uma realidade plural, qualquer que seja a definição de voluntariado que assumimos, ela não consegue abranger plenamente todo o seu significado. Conforme o contexto ou espaço temporal é destacado um ou outro cariz que se julgue essencial. Assim, segundo a Organização das Nações Unidas:

*“O voluntariado é uma expressão do envolvimento do indivíduo na sua comunidade. Participação, confiança, solidariedade e reciprocidade, baseado em um entendimento compartilhado e no senso das obrigações em comum, são valores que se reforçam mutuamente no coração do governo e da boa cidadania”.*<sup>2</sup>

No universo anglo-saxónico, nomeadamente no Reino Unido, encontramos uma definição no “Compact”<sup>3</sup>, um acordo que regula as relações entre o governo e o terceiro sector. O terceiro sector é o sector da sociedade onde podemos encontrar instituições ou entidades autónomas, organizadas, sem fins lucrativos e de carácter voluntário<sup>4</sup>. Neste documento o voluntariado vem descrito como: “uma atividade que envolve o despender tempo, não remunerado, fazendo algo que pretende beneficiar o ambiente, indivíduos ou grupos que não sejam parentes próximos”.<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> VOLUNTARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS, Relatório: O Estado do Voluntariado no Mundo [online], 1. Disponível na Internet via WWW. URL: [http://www.unv.org/fileadmin/docdb/pdf/2011/SWVR/English/SWVR2011\\_full\\_%5B04%5D\\_chapter1.pdf](http://www.unv.org/fileadmin/docdb/pdf/2011/SWVR/English/SWVR2011_full_%5B04%5D_chapter1.pdf) [acedido no dia 10 de dezembro de 2014]

<sup>3</sup> COMMISSION FOR THE COMPACT THE INSTITUTE FOR VOLUNTEERING RESEARCH, Volunteering compact code of good practice [online], 6. Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.compactvoice.org.uk/sites/default/files/volunteering.pdf> [acedido no dia 10 de dezembro de 2014]

<sup>4</sup> Cf. ROCA, Joaquín, *Solidaridad y voluntariado*, 165

<sup>5</sup> Tradução livre do autor. No original “volunteering is defined as an activity that involves spending time, unpaid, doing something that aims to benefit the environment or individuals or groups other than (or in addition to) close relatives.”

Kenn Allen, consultor da Associação Internacional de Trabalho Voluntário (IAVE), afirma que o voluntariado é:

*“Qualquer atividade que beneficie o próximo, realizada livremente e sem esperar nenhuma recompensa financeira imediata”<sup>6</sup>*

Ao analisarmos as definições apresentadas em cima, podemos verificar que existem características que ressaltam. O voluntariado solicita que haja disponibilidade por parte do voluntário para participar de uma forma regular numa atividade. Segundo as definições apresentadas, esta atividade é motivada por um carácter altruísta, generoso e desinteressado do voluntário, mas ela não pode subsistir unicamente a partir desse desejo, desse impulso abnegado de quem o realiza, tem que existir um compromisso, um sentido de dever moral perante aqueles que beneficiam da sua ação.

De acordo com Joaquín Roca, a ação do voluntário está marcada por uma espontaneidade, mas ao mesmo tempo por uma racionalidade<sup>7</sup>, o voluntário não pode somente seguir os seus sentimentos, mas tem que ter alguma objetividade, rigor e imparcialidade na sua ação. Este fator é necessário para que a ação do voluntariado tenha um poder de intervenção social autêntico e sem duplicação de competências. É por isso que essa ação deve ocorrer dentro de uma entidade ou instituição organizada, para que os benefícios sejam maximizados e focados nos motivos certos. Não podemos confundir voluntariado com voluntarismo, pois o voluntarismo tem uma ligação com a dimensão individual do voluntariado, a vontade e o desejo que o voluntário tem em ajudar o outro. Mas, não basta querer ajudar, há que saber ajudar, há que ter condições para que a ajuda fornecida tenha qualidade. Daí a necessidade da ação voluntária ser coordenada por uma

---

<sup>6</sup> ALLEN, Kenn, “Accion Ciudadana y Voluntariado: Construyendo un Movimiento para el Cambio Social y Económico”, 4ª Asamblea Mundial de CIVICUS [online], 90-93. Disponível na Internet via WWW. URL: <http://equipoagora.es/Documentacion/El-voluntariado.html> [accedido no dia 5 de fevereiro de 2015]

<sup>7</sup> Cf. ROCA, Joaquín, *Solidaridad y voluntariado*, 165

organização que a enquadre. É preciso uma organização institucional onde o voluntário receba uma formação ética e organizada, onde tenha estruturas e o apoio necessário para completar de uma forma eficiente a sua missão, mas também onde o voluntário possa ser responsabilizado pela sua ação. A sua ação deve ser coordenada com outros. Não há individualismo no voluntariado, o voluntariado é um trabalho em equipa, uma ação em rede. A sua eficácia e o seu sucesso dependem muito da cooperação e da complementaridade de todos os atores.

O voluntariado nunca deverá ter como motivação máxima o benefício do voluntário, mas sim o benefício do outro. O voluntariado deve ser um ato livre, mesmo havendo um dever, o voluntário jamais deverá sentir-se obrigado a agir em prol do bem comum. Seja qual for a conceção de voluntariado, no centro está sempre a pessoa humana, o bem-estar da sociedade, mesmo quando falamos de voluntariado ecológico, pois, o objetivo desta forma de voluntariado é defender e promover o património biofísico da Terra, consciente de que este património é um dos bens comuns da humanidade e da sua conservação depende o futuro de todo o homem.

Em Portugal o voluntariado encontra-se legalmente enquadrado pela Lei do Voluntariado, de 03 de novembro de 1998, que não define só o voluntariado, mas igualmente quem é o voluntário e as organizações promotoras das atividades de voluntariado. O número 1 do artigo 2º desta lei afirma que:

*“Voluntariado é o conjunto de acções de interesse social e comunitário realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projectos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas.”<sup>8</sup>*

---

<sup>8</sup> Lei nº 71/98 “D.R. I Série A” 254 (98-11-03) 5694

O número 2 do mesmo artigo realça que a atividade de voluntariado não pode ser movida por laços familiares, de amizade ou de proximidade. Não estão abrangidas, neste artigo, igualmente qualquer ação que seja pontual ou desenvolvida de forma pessoal e casual. Podemos encontrar nesta definição muitas das características numeradas anteriormente: o bem-estar da sociedade, a gratuidade, a organização, a livre vontade.<sup>9</sup>

Segundo Ricardo Marques, podemos contextualizar historicamente a realidade do voluntariado português em três épocas<sup>10</sup>. Temos uma primeira época, durante a idade média, onde o voluntariado estava principalmente sobre égide da Igreja ou movida por valores cristãos, sempre numa esfera de relação com o Estado, como é exemplo a Santa Casa de Misericórdia. Este era um voluntariado pautado por um assistencialismo e de âmbito caritativo. Com a revolução francesa, que levou a uma separação entre a ação do Estado e da Igreja, e a revolução industrial, surge um voluntariado de cariz laico, que tem como campo de ação a área social. O seu agir era muitas vezes guiado por uma forte carga ideológica que contrapunha-se aos princípios e à doutrina cristã, que antes modelavam a ação voluntária. O objetivo dessa nova forma de voluntariado era a transformação efetiva da realidade vivente e não apenas um agir assistencialista/caritativo. Este voluntariado enquadrava-se em novos modelos: cooperativo, mutualista, associativo e sindical. Durante o período do Estado Novo, com as limitações impostas aos movimentos associativos e sindicais, coube ao estado intervir de uma forma mais ativa na área social. Exemplo disso é o surgimento da providência social, reduzindo o espaço às ações voluntárias<sup>11</sup>. Após o 25 de Abril, no seguimento do aparecimento do Estado de Bem-

---

<sup>9</sup> Ibidem

<sup>10</sup> Cf. MARQUES, Ricardo, O voluntariado na dialética estado/igreja em Portugal – Princípios da substituição da complementaridade [online], 10-14. Disponível na Internet via WWW. URL: [http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097\\_01\\_%20Ricardo%20Marques.pdf](http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097_01_%20Ricardo%20Marques.pdf) [acedido no dia 1 de outubro de 2015]

<sup>11</sup> Cf. SERAPIONI, Mauro; LIMA, Teresa; MARQUES, Ricardo, *Estudo sobre o Voluntariado: contextos, desafios e conclusões*, 5-6

Estar Social<sup>12</sup>, houve uma reorganização do voluntariado com o aparecimento de novas formas e áreas de voluntariado.

Quanto à participação dos portugueses no voluntariado, analisando os indicadores do Eurobarómetro existentes, pode-se ver que os valores são muito reduzidos quando comparados com os restantes parceiros da União Europeia<sup>13</sup>. Os valores da participação portuguesa, segundo esses dados, situavam-se nos 12%, em 2011, quando a média europeia se encontrava nos 24%.

## 1.2 Princípios enquadradores do voluntariado

Do ponto de vista jurídico, o trabalho de voluntariado obedece a sete princípios: solidariedade, gratuidade, complementaridade, cooperação, responsabilidade, convergência e participação.

- a) O **princípio da solidariedade**, parte do reconhecimento do outro e do valor do outro. Não é dissociável da solidariedade o princípio de cidadania, o sentir-se parte de algo maior, que concebe laços entre a pessoa e a sociedade onde se inclui, alguém com direitos, mas igualmente com responsabilidades e deveres.<sup>14</sup> Mas ao mesmo tempo, este princípio não é um mero reflexo de normas sociais ou deveres de cidadania. O homem não é uma ilha, mas um ser que vive em sociedade, e cuja parte da sua realização passa pela realização dos outros. Pelo que, numa sociedade marcada pela injustiça, pela desigualdade, pelo individualismo, a solidariedade vem abrir portas para uma nova resposta ética e moral a estas realidades, e é nesta resposta que se enquadra o voluntariado. A nossa vivência quotidiana em

---

<sup>12</sup> Cf. JAVALOY, Patricia, *Voluntariado en red Hacia un nuevo universo solidário*, 47

<sup>13</sup> Cf. Eurobarometer [online], 6. Disponível na Internet via WWW. URL: [http://www.europarl.europa.eu/pdf/eurobarometre/2011/juillet/04\\_07/rapport\\_%20eb75\\_2\\_%20benevolat\\_en.pdf](http://www.europarl.europa.eu/pdf/eurobarometre/2011/juillet/04_07/rapport_%20eb75_2_%20benevolat_en.pdf) [acedido no dia 1 de outubro de 2015]

<sup>14</sup> Lei n° 71/98. “D.R. I Série A” 254 (98-11-03) 5694-5695

sociedade, deve-nos abrir para o outro, principalmente para os mais fracos e para os seus sofrimentos. Essa coabitação diária com o sofrimento do outro, que partilha connosco a condição de ser humano, gera uma identificação, que por seu lado gera o sentimento de solidariedade. A solidariedade tem a sua origem na dimensão emocional do ser humano e só posteriormente deixa-se guiar pela racionalidade, que a objetiva para um agir concreto.<sup>15</sup> O agir solidário está ao serviço da sociedade, do ser humano, pois, um dos perigos de uma sociedade caracterizada pelo individualismo, leva a fazer da ação solidária um espetáculo, uma mera auto-realização, fundada numa ética niilista e relativista, uma solidariedade de consumo. Dentro destas ações solidárias podemos enquadrar algumas campanhas solidárias, que se tornaram moda, cujas motivações muitas vezes são dúbias e que proporcionam uma solidariedade sem sacrifício, indolor e sem esse carácter relacional de proximidade.<sup>16</sup> O agir solidário não deve apenas tentar atenuar as injustiças e a angústia do outro, ele tem de ter como objetivo mudar as estruturas que geram essas injustiças, ou seja, deve ser um dos pilares para a construção de uma sociedade mais justa, fraterna, equitativa, uma sociedade que seja verdadeiramente baseada nestes ideias tão aclamados pela modernidade.

- b) O **princípio da gratuidade** conjectura que a ação do voluntário não tem como objetivo uma renumeração, subvenções ou donativos. Para Joaquín Roca, na sociedade atual, a ação, em relação ao outro, é pensada mais num sentido de reciprocidade e não de gratuidade.<sup>17</sup> A gratuidade é um dar que nasce da nossa generosidade e não somente porque o outro tem algo a dar. Perante uma cultura materialista e mercantilista, onde se coloca um valor em tudo, podemos

---

<sup>15</sup> Cf. GONZALO, Luis, “La Solidaridad, más que una moda”, *Revista Cáritas* 376 (1997) 17-28

<sup>16</sup> Cf. IDEM “Voluntariado, más que un impulso solidario”, *Athenai* 54 (2011) 4

<sup>17</sup> Cf. ROCA, Joaquín, *Solidaridad y voluntariado*, 115

questionar: qual o valor e o sentido da vida humana? Vivemos segundo um utilitarismo, muitas vezes egoísta e cego, onde o ser humano é um meio de realização, que o quantificamos segundo a sua produtividade, rentabilidade e competitividade. A gratuidade é um valor quase incompatível com essa sociedade, onde predomina o consumismo e o individualismo, pois, tudo tem que ser imediato e satisfazer os apetites e desejos do indivíduo, ou seja, centrado no “eu” e não no outro, chegando muitas vezes o outro a ser um obstáculo para o meu bem-estar. A gratuidade é um reconhecer o outro não como um instrumento, mas como alguém com um valor próprio e em quem vale a pena investir tempo e esforço. Este valor reconhece o elo que me liga ao outro e afirma que a minha felicidade também está radicada na realização daqueles que me rodeiam.

- c) O **princípio de responsabilidade** tem, por um lado, um fundo ético que foi tratado pela filosofia através de pensadores como Lévinas ou Kant. A nossa cidadania e o viver em sociedade, pede que haja uma cultura e uma ética de responsabilidade, originada pelo olhar que temos em relação ao outro. Sou chamado a olhar face a face aquele que é diferente de mim mesmo e fundar a minha relação a partir desse olhar. O rosto do outro, para Lévinas, é a presença de toda a humanidade, de onde me olham os olhos de todos os outros. É diante desse rosto, desse outro radicalmente outro, que eu tenho uma responsabilidade infinita.<sup>18</sup> O voluntário é este ser-outro, é aquele que tem uma responsabilidade perante a face que o olha e a quem ele olha.<sup>19</sup> É imprescindível, nesse caso, que o voluntário se liberte de si para dar espaço ao outro. Mas a responsabilidade, no voluntariado, mais de que um imperativo ético é uma resposta e reciprocidade ao outro com quem nos relacionamos, principalmente para com os mais fracos e indefesos, a quem

---

<sup>18</sup> Cf. LEVINAS, Emmanuel, Totalité et Infini. Essai sur L'extériorité, 74

<sup>19</sup> Cf. IDEM Autrement qu'être ou au-delà de l'essence, 203

reconhecemos como diferentes, mas iguais em dignidade. O reconhecimento dessa dignidade como valor universal, que não pode ser, nem deve ser posta em causa, abre portas para que todos lutemos pelo bem comum daqueles que devemos ver como membros de uma família comum, a família humana. É na falta desse reconhecimento que consiste o maior risco a este princípio. A construção de uma sociedade sem sujeito, sem pessoas, mas de meros números e objetos, leva a que haja uma indiferença generalizada pelo outro. Eu não me vejo responsável pelo que é distante, com o qual não me relaciono ou nem “olho”. Assim, o voluntário deve ser alguém que afirme a dignidade de todos e não só de alguns, para que se sinta responsável pelo bem comum de todos e para que todos usufruam dos benefícios dos bens relacionais oferecidos por ele. Não se trata de afirmar que sobre o voluntário recai a responsabilidade de resolver todas as necessidades e carências dos injustiçados, dos fracos, do outro, mas que se sinta movido pela responsabilidade que tem perante a humanidade, perante a dignidade da pessoa que ao seu lado se vê desprovida dela e dessa forma desprovida dos seus direitos mais básicos.<sup>20</sup>

- d) O **princípio de complementaridade** defende que o recrutamento do voluntário não deve ter como objetivo substituir nenhum recurso normalmente necessário para que a entidade ou associação promotora do voluntariado exerça a sua ação ou finalidade.<sup>21</sup> Este princípio impede que o voluntário seja utilizado pelas entidades como mão-de-obra gratuita, substituindo postos de trabalho em exercício ou necessários, instrumentalizando o voluntário. Esta prática é uma tentação, quando se pensa o voluntariado de uma forma utilitarista e financeira, particularmente em

---

<sup>20</sup> Cf. AYALA, Víctor; SALAS, Emilio, “Globalización y voluntariado: construir una sociedad desde los valores del voluntariado”, *Documentación Social* 160 (2011) 76-77

<sup>21</sup> Cf. Lei n° 71/98. “D.R. I Série A” 254 (98-11-03) 5694

tempos de crises como aqueles que vivemos atualmente. O voluntário deverá trabalhar em regime de complementaridade com os restantes recursos humanos da entidade escolhida para exercer a sua ação. Por seu lado, a entidade deverá colocar o voluntário numa tarefa adequada à ação que lhe foi proposta e o voluntário se comprometeu, por forma a maximizar as suas aptidões e tempo disponível, respeitando a sua vontade de fazer algo pela sociedade e pelo seu próximo. O voluntário pode ser considerado um ativo, cujo valor vem da sua solidariedade, gratuidade e disponibilidade pelo próximo, não pela capacidade de produzir uma mais-valia financeira ou economias à entidade.

- e) O **princípio de participação** defende que o voluntariado deve promover a participação dos cidadãos nas áreas em que desenvolve a sua atividade, que deverão ser de interesse social e promover o bem comum da sociedade<sup>22</sup>.
  
- f) O **princípio de cooperação** prevê que as entidades promotoras do voluntariado possam estabelecer relações entre si e programar ações combinadas, por forma a desenvolverem de uma forma mais precisa e eficiente a sua ação.<sup>23</sup> Muitas vezes o trabalho em rede, entre diferentes atores sociais com objetivos comuns, numa dimensão multidisciplinar, permite atuar de uma forma mais abrangente, próxima do problema e responder a questões que talvez sozinhas teriam dificuldades em responder. Mas, a criação de redes de voluntariado é ainda um desafio que se coloca às entidades do terceiro setor, já que pede que todos ponham em comum os seus recursos. Em muitos casos, este princípio se traduz numa cooperação com o setor social do estado.

---

<sup>22</sup> Cf. Ibidem

<sup>23</sup> Cf. Ibidem

g) O **princípio da convergência** determina que o voluntário deve harmonizar a sua ação com a cultura e os objetivos institucionais da entidade promotora da ação de voluntariado. A ação do voluntário não é uma cruzada solitária contra os problemas que assolam a sociedade e o mundo. Ele não escolhe uma entidade apenas por conveniência, nem a instrumentaliza para seu bel-prazer e satisfação pessoal. A escolha e a participação do voluntário devem se basear em elementos comuns nos objetivos, nos âmbitos e nas motivações da entidade promotora.

### **1.3 Principais áreas e grupos alvos do voluntariado<sup>24</sup>**

O voluntariado tenta responder a vários problemas que afetam a sociedade, pelo que, a sua área de ação é abrangente e diversa. Estas áreas de intervenção vão desde o campo social até ao campo ecológico, passando pela cultura. De seguida apresenta-se, de forma breve, nove áreas nas quais o voluntariado intervém, retiradas de uma nota pastoral publicada pela conferência episcopal portuguesa, com o título “Voluntariado e nova Consciência Social”.

A primeira área abordada é o **voluntariado agregado a movimentos e obras sociais**. Esta é uma área no qual o voluntariado tem uma longa tradição. É aqui que se situa o trabalho específico em hospitais, em prisões e em instituições de solidariedade social, esta área reclama uma grande formação, por forma a melhorar o desempenho e a motivação do voluntário. Neste tipo de voluntariado é bom criar uma forte consciência de pertença para que haja uma assimilação das normas e do propósito das instituições que promovem as ações. A segunda área, referida no documento, é o voluntariado na resposta a situações de pessoas sós, que devido a uma situação de exclusão, carecem de visitas e companhia

---

<sup>24</sup> Este subcapítulo sintetiza sobretudo Conferência Episcopal Portuguesa, Nota Pastoral sobre Voluntariado e nova Consciência Social [online]. Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/2011/02/16/voluntariado-e-nova-consciencia-social> [acedido no dia 25 de setembro de 2015]

efetuadas por terceiros, em vários serviços, como alimentação, higiene, trabalhos domésticos. A função consagrada por estes voluntários exige uma grande sensibilidade humana, paciência e espírito de serviço.

O terceiro campo é o do **voluntariado na área da educação**. Este voluntariado tem-se mostrado bastante relevante, quer na ajuda que proporciona na promoção da educação para a cidadania dos alunos, quer na educação e preparação do aluno para responder a situações problemáticas da vida real, ou igualmente, fomentando o interesse das famílias na participação em atividades desenvolvidas pela escola: no auxílio da resolução das tarefas escolares, acompanhamento das turmas em visitas de estudo, colaboração no aconselhamento vocacional, na manutenção e construção de estruturas ou equipamentos escolares.

Outra área abordada é o **voluntariado ao serviço da evangelização**, particularmente, aquele que feito nas paróquias e movimentos, pelos catequistas, animadores de grupos ou pelas diversas pastorais. Aqui o voluntariado é visto como uma missão. Inspirado pela vivência eclesial e espiritual, o voluntário desempenha a sua ação com uma fecunda e prezada devoção na comunicação do Evangelho. A Igreja acolhe vários voluntários, que gratuitamente participam nas diversas ações eclesiais, designadamente na catequese ou pastoral da juventude, nos diversos “ministérios” litúrgicos, na pastoral da saúde, nos conselhos paroquiais, entre outros.

A quinta área de voluntariado abordado, que analisaremos com mais pormenor no terceiro capítulo, é o **voluntariado missionário**, este tipo de voluntariado tem afinidades com o Voluntariado Internacional para a Cooperação, pois ambos têm como objetivo o envio de voluntários para o contexto internacional, inseridos em projetos de promoção humana e social, em áreas muito diversas: saúde, educação, desenvolvimento comunitário e social, desenvolvimento de competências técnicas ou construção e desenvolvimento de

infraestruturas. O que faz dela uma área considerada exigente quer no que diz respeito ao tempo de duração e custos, quer na formação, preparação e competências do voluntário. O voluntariado missionário é visto como um sinal de fraternidade entre os povos, sensibilizando e formando a opinião pública para as questões do desenvolvimento e promoção humana.

Falta ainda referir áreas como o **voluntariado de socorro de emergência**, que se destinam a intervir rapidamente em situações de crise e de emergências. Aqui podemos incluir instituições como os Bombeiros Voluntários, a Cruz Vermelha, os Médicos Sem Fronteiras.

O **voluntariado ecológico**, produto da cultura contemporânea, promove ações de sensibilização, formação da sociedade e o seu envolvimento em iniciativas de preservação e proteção do meio ambiente.

O **voluntariado cultural** é uma área em expansão, tem como objetivo a promoção de várias formas de cultura, como música ou teatro, participação em ações de salvaguarda e promoção do património, apoio à implementação e ao desenvolvimento de arquivos e centros documentais, bibliotecas, museus e outros centros culturais. Com um custo relativamente reduzido para as entidades, os voluntários tornaram-se um dos principais elementos de apoio dos eventos culturais disponibilizados aos cidadãos.

Por último, o **voluntariado dos direitos humanos**, particularmente aquele que promove os valores da vida, os valores humanos, a justiça e paz na sociedade e entre os povos.

## **1.4 Motivação do voluntário**

Este capítulo pretende, a partir de vários referenciais teóricos, apresentar um conjunto de motivos pelos quais os voluntários se doam e se comprometem com as instituições de

voluntariado. Antes de tudo, é imprescindível um olhar sobre o conceito de motivação. Segundo o dicionário Porto Editora de língua portuguesa 2003-2015, “trata-se do conjunto de fatores que determinam a conduta de alguém ou processo que desencadeia uma atividade que desencadeia uma atividade consciente”<sup>25</sup>. Neste capítulo não é pretendido fazer a distinção entre as motivações intrínsecas ou extrínsecas do voluntariado, o que é pretendido é uma apresentação simples, apoiada em bibliografia diversa. Podemos ser levados a pensar, de uma maneira intuitiva, que os voluntários se moveriam por razões altruístas, mas a verdade é que os voluntários, a maioria das vezes, são movidos por diversas e variadas causas. Vários estudos indicam que as motivações variam com a idade e mesmo com o tempo de voluntariado. Uma pessoa pode ser movida a comprometer-se com uma entidade de voluntariado por uma razão e depois de um contato alargado com a realidade do voluntariado mudar de razões para permanecer nessa mesma atividade. Esses estudos sobre o voluntariado e a motivação dos voluntários apoiam-se em vários modelos de motivação e por isso apresentam resultados diversos. De um modo geral, podemos dividir em duas grandes categorias as motivações do voluntário<sup>26</sup>:

- a) **Motivações autocentradas**, constituídas por motivações mais egoístas ou expressivas, que podemos dividir em dois sub-conjuntos: Um conjunto de motivações mais pessoais, cujos fundamentos são a realização pessoal e a satisfação do voluntário e um conjunto de motivações que podem ser identificadas como mais instrumentais, que se centram na própria ação desenvolvida e o que elas podem trazer ao voluntariado.

---

<sup>25</sup> Motivação *in* Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [online]. Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/motivacao> [acedido no dia 1 de janeiro de 2015]

<sup>26</sup> Cf. JAVALOY, Patricia, *Voluntariado en red Hacia un nuevo universo solidario*, 81-82

b) **Motivações heterocentradas**, um conjunto de motivações são as que nascem do altruísmo, onde o outro é fundamento máximo do compromisso do voluntário. O foco do voluntário dirige-se para o outro e é fruto da necessidade do outro.

Uma forma mais desenvolvida de classificação das motivações foi desenvolvida, em 1998, por McCurley e Lynch, que catalogaram as motivações em três categorias<sup>27</sup>:

- a) **Altruísta**: O querer ajudar o outro, porque sente que tem uma dívida para com a sociedade, por dever cívico, por convicção religiosa.
- b) **Interesse próprio**: Por forma a adquirir competências e experiência, desenvolver aptidões, interação com outras pessoas.
- c) **Familiar**: O querer ser um exemplo para outros, sentimento que tem uma dívida a pagar devido a algo recebido por um membro da família.

Mostyn, em 1993, por sua vez, delineou cinco classes de organizações voluntárias, conhecido como o modelo dos 5'As. A partir deste modelo, os autores Washington de Sousa e Jássio de Medeiros criaram uma hierarquia de valores ordenadas pela distinção do valor da ação e por atitudes de sujeitos. As cinco classes ou níveis são as seguintes<sup>28</sup>:

**Nível I - Altruísta**: O ponto de partida é: como poderá o voluntário contribuir para o desenvolvimento da sociedade?! Este nível reflete a compreensão subjetiva, que o voluntário poderá ter de auto-sacrifício, a partir da consciência dos riscos, das angústias e dos perigos que podem estar a viver outras pessoas. Para essa consciência, contribui a sua perceção e as suas interrogações sobre as condições de vida daqueles

---

<sup>27</sup> Cf. DE SOUZA, Washington; DIAS, Thiago; MOURA, Laysce; CUNHA, Abdon, “Elementos do Trabalho Voluntário: motivos e expectativas na Pastoral da Criança”, *Revista Espacios* [online] 9 (2012) 14. Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.revistaespacios.com/a12v33n09/12330914.html> [acedido 10 de janeiro de 2015]

<sup>28</sup> Cf. DE SOUZA, Washington; DE MEDEIROS, Jássio, “Trabalho Voluntário: motivos para sua realização”, *Revista de Ciências da Administração* 33 (2012) 99-100

que com ele constituem o género humano. Nesse caso, há uma consciência alargada de sociedade;

**Nível II - Afetivo:** O ponto de partida é: como poderá o voluntário promover os direitos e dignidade de cada pessoa. Este nível agrupa os motivos concernentes aos sentimentos de caridade, compaixão e socorro a pessoas e grupos em situações de exclusão ou aflição, através de uma ajuda e apoio a esses grupos tão frágeis e em risco, grupos como: os idosos, as crianças, os doentes, os sem-abrigo, procurando o voluntário reduzir o sofrimento e o sentimento de exclusão, bem como restituir a dignidade e a plena integração na sociedade;

**Nível III - Amigável:** O ponto de partida é: como poderá o voluntário dar um contributo positivo à sociedade. Este nível atende a motivos relacionados com a leitura pessoal do voluntário da contribuição que pode dar à sociedade para o bem-estar e para o bem comum, com uma particular atenção para os mais pobres e os mais fracos, sob um horizonte cordial, em que o voluntário se sente chamado a partilhar algo de si mesmo com outra pessoa, dentro de uma ação organizada a nível institucional;

**Nível IV - Ajustado:** O ponto de partida é: como poderá o voluntário apreender e descobrir com o seu compromisso voluntário. Este nível agrupa motivos que podem levar o voluntário a procurar transformar a realidade social de uma forma específica; as realidades que ele busca transformar poderão não estar a viver situações urgentes ou de crise, mas permitem que o voluntário tenha uma sensação de estar, de alguma forma, a desenvolver-se a si mesmo, mas igualmente, a trabalhar para a promoção humana daquele que beneficia com a sua ação, através de uma interação grupal;

**Nível V - Ajuizado:** O ponto de partida é: que benefício pode o voluntário retirar do seu contributo à sociedade. Este nível reúne os motivos centrados na imagem pessoal do voluntário, através do sentimento de privilégios, de status e de proteção. Acima de

tudo o voluntário está interessado em construir e projetar uma autoimagem positiva ou promover-se junto de indivíduos e comunidades. Os sentimentos que o movem estão centrados em si mesmo, no seu benefício, sendo por isso egoístas.

Podemos igualmente analisar os motivos do voluntário de uma forma mais específica. O Inventário Funcional do Voluntariado (IFV) ajuda a identificar seis funções que o voluntariado tem capacidade de fornecer e que podem ser fatores que conduzem os voluntários a comprometerem-se com o voluntariado, satisfazendo uma ou mais necessidades a partir de sua experiência. As funções apresentadas neste inventário são aquelas que igualmente fazem o voluntário deter-se na sua ação durante vários meses ou anos. As seis funções motivacionais enumeradas são<sup>29</sup>:

- a) Os valores no qual o voluntário é movido para o voluntariado. Esta função remete para a pessoa que se torna voluntário com o fim de expressar ou agir com base em valores que lhe são importantes, esta categoria indica a intuição altruísta e humanista em relação aos indivíduos mais desfavorecidos na sociedade. Um exemplo é o sentimento de que é importante fazer o bem ao próximo;
- b) O conhecimento, função exercida pelo voluntário, que lhe vai possibilitar a oportunidade de aprender coisas diferentes, viver novas realidades e exercer habilidades e aptidões que não seriam praticadas em outros meios sociais. Um exemplo é a impressão de que o voluntariado ajuda o voluntário a ganhar uma nova visão sobre as prioridades da vida;
- c) A autovalorização/desenvolvimento, no seguimento da sua experiência o voluntário sente um desejo de crescer e de se desenvolver. Este crescimento e desenvolvimento psicológico, de capacidades e conhecimentos, criam uma satisfação

---

<sup>29</sup> Cf. CLARY, E.; SNYDER, Mark, “The Motivations to Volunteer: Theoretical and Practical Considerations in Current Directions”, *Psychological Science* 5 (1999) 156-157

pessoal e uma imagem mais positiva de si mesmo. Exemplo disso é a sensação de sentir-se útil e com valor para a sociedade enquanto voluntário;

d) A carreira, o voluntário vê na ação desenvolvida uma oportunidade de ganhar experiência, que mais tarde poderá utilizar ou auxiliá-lo a afirmar-se num contexto profissional. Um exemplo é o pensamento de que através do voluntariado poderá criar novos contactos e assim abrir portas para conceber uma carreira profissional.

e) A função social, o voluntariado é uma oportunidade de fazer novas amizades, um espaço que permite conviver com outras pessoas. O voluntariado possibilita simultaneamente participar numa atividade que pode ser considerada favorável e importante pelos amigos, família e comunidade. O voluntariado passa a ser uma forma de ser reconhecido e de se promover socialmente. Como exemplo, podemos considerar a importância que o voluntário tem de se afirmar nos mais diversos contextos sociais devido ao reconhecimento;

f) A proteção, o voluntariado pode ser um meio de compensar alguma culpa social ou sentimentos mais negativos, proporcionar algum tipo de conforto, de bem-estar ou assegurar que no futuro, devido à sua ação, possa ter lugar algum tipo de compensação; neste último quadro podem encaixar-se motivos religiosos. Como exemplo temos o facto de que ajudar os mais desafortunados pode criar uma sensação de conforto ao voluntário.

Apesar de não aparecer no IFV como uma função principal, temos de realçar o fator satisfação, que surge retratado em muitas das funções apresentadas anteriormente. Mas há fatores que podem condicionar a motivação dos voluntários:<sup>30</sup>

**o tempo** - poderá haver um processo de maturação dos motivos iniciais, apesar de ser muito difícil de antecipar como e quanto poderá influenciar o voluntário;

---

<sup>30</sup> Cf. GARCIA, Oscar, *La pasión de seguir: Voluntariado transformador, sin excusas, sin fronteras*, 98

**uma vivência prolongada da realidade** - poderá levar a um cansaço ou a um renovado compromisso;

**a permeabilidade da pessoa** - está ligado ao fator anterior, pois este fator tenta repercutir como é que as condições exteriores poderão ser adquiridas e interiorizadas pelo voluntário. O frente a frente com dificuldades, com contextos diversos poderá ter influência na motivação do voluntário, criando novas razões para o seu comprometimento ou poderá desmotivar o voluntário, levando-o a suspender a sua ação;

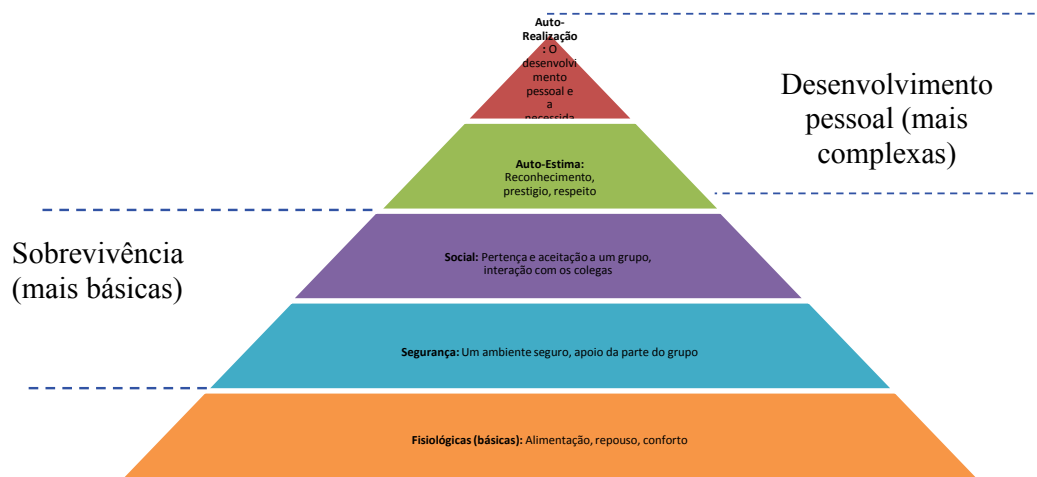
**o grupo ou entidade** - a participação no grupo ou na organização que desenvolve a ação de voluntariado podem gerar motivações inerentes e únicas, o voluntário pode desenvolver novas lealdades ou interesses.

Após a criação deste inventário, que surgiu de entrevistas a múltiplos voluntários, Clary e Snyder a partir das respostas dos entrevistados, constataram que as funções mais importantes eram valores, conhecimento e autovalorização/desenvolvimento, por outro lado, a análise às mesmas respostas levaram à conclusão de que as funções menos importantes, para os voluntários, eram a carreira, o social e a proteção. Quanto a conclusões, os autores notaram que os entrevistados mais jovens davam mais importância à função carreira, outra conclusão foi que um mesmo voluntário poderia ter mais de que uma motivação, podendo mesmo conviver, num mesmo voluntário, motivações que consideramos antagónicas, ou seja, egoístas – altruístas.

Existem muitos investigadores, na área da psicologia, que desenvolveram muitas teorias de motivação, que procuram explicar as motivações de um indivíduo em participar ou trabalhar num organismo. Um desses investigadores é Abraham Maslow, um psicólogo comportamental, que desenvolveu em 1970 uma teoria da motivação humana, com base na hierarquia das necessidades fisiológicas e psicológicas. Esta teoria

fundamenta-se na ideia de que o comportamento humano é movido por uma ordem hierárquica de necessidades, que procura satisfazer. Segundo Maslow é esta procura de satisfação que faz o ser humano mover-se de uma necessidade básica para outra necessidade de nível superior, pois as motivações estão interligadas.<sup>31</sup> Esta teoria permite saber em que nível está o voluntário e que necessidade é indispensável satisfazer para que ele sinta motivado. Os cinco níveis de necessidades, que o ser humano busca satisfazer, encontram-se indicados na figura seguinte:

Figura 1- Pirâmide da Hierarquia das Necessidades de Maslow



Fonte: Elaborado pelo autor, com base na hierarquia de necessidades de Maslow

Outros dois temas muito importantes, e que estão ligados ao da motivação, é o do recrutamento e o da permanência do voluntário. São muitos os obstáculos que fazem com que a maioria das pessoas não se comprometa com o voluntariado, designadamente a pouca informação existente e acessível aos cidadãos, falta de tempo, a pouca proteção existente e alguma falta de capacidade de resposta das entidades, face ao risco que as

<sup>31</sup> Cf. FRANCO, José, *Recursos Humanos: Fundamentos e Processos*, 71-72

ações desenvolvidas por alguns tipos de voluntariado podem trazer.<sup>32</sup> O melhor conhecimento das motivações do voluntário permitiria às organizações escolherem, de uma forma mais consciente, os voluntários que melhor adaptariam às funções e atividades por elas desenvolvidas.

## 1.5 Voluntariado e Solidariedade

Já foi referido nos princípios enquadradores do voluntariado, de uma forma breve, a relação entre o voluntariado e a solidariedade. Neste capítulo tentaremos aprofundar esta relação, que consideramos muito importante para o desenvolvimento da ação de voluntariado.

A palavra solidariedade foi utilizada, dentro de um contexto político no século XIX, para negar e retirar do campo social a caridade cristã. O espaço desta contestação era o socialismo utópico e uma expressão da corrente de solidariedade social conhecido como solidarismo, principalmente no campo francês. Eles afirmavam que “o contexto da emergência, afirmação e prática da solidariedade não é cristão.”<sup>33</sup> A solidariedade não faz parte do domínio cristão; ela é leiga; parte da forma como se relacionam os homens, como se deve comportar o “eu” quando encontra o “outro”. Esta busca de um verdadeiro encontro com o outro, segundo os socialistas utópicos e o solidarismo, não era o real objetivo do cristianismo, pois embora ele estabelecesse um elo de fraternidade entre todos os homens e assim a caridade como um dever, para eles, o verdadeiro fim do amor cristão é Deus e não as criaturas, não havendo por isso uma verdadeira vivência do princípio de solidariedade. Desta forma, a limitação e a relação entre a caridade e a solidariedade é

---

<sup>32</sup> Cf. PLATAFORMA DE VOLUNTARIADO DE ESPAÑA, *Diagnóstico de la situación del voluntariado de acción social en España*, 162

<sup>33</sup> VIEIRA, Domingos, “Solidariedade Cristã – Horizonte de Sentido e Lógica de Acção”, *Communio – Revista Católica* 2 (2009) 187

manifesta, a caridade é fruto da religião cristã e a solidariedade é fruto da ciência, sendo assim, de alguma forma opostas.

Como resposta, a esta utilização desajustada do termo solidariedade, muitos setores da Igreja deixaram de a empregar no quadro da intervenção social católico e cristão. Esta carga ideológica, dada pelos socialistas e solidaristas, só foi desmembrada umas décadas mais tarde, tendo sido a sua utilização feita de uma forma mais natural, no contexto católico, por João Paulo II empregando de uma forma habitual o termo nos seus discursos, homilias e encíclicas, como é o caso da “*Laborem exercens*” de 1981 e a “*Sollicitudo rei socialis*” do ano de 1987, embora houvesse desconfianças sobre o termo solidariedade.

Só recentemente a ética social cristã descobriu a solidariedade como uma proposta para o atuar do cristão na sociedade e na sua vida pessoal. Com a encíclica de João Paulo, “*Sollicitudo rei socialis*”, a solidariedade passou a fazer parte das virtudes a serem praticadas nas relações entre povos, nações e pessoas, por forma a atingir o bem comum, principalmente para os mais pobres e fragilizados. A solidariedade passou a ser vista como uma atitude ética capaz de proporcionar a justiça ao próximo. Existe assim na solidariedade cristã um sentido evangélico, pois nela se espelha o mandamento de Cristo: “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22,40), num espírito de serviço e abnegação, havendo assim, várias ligações entre a solidariedade, como virtude, e a caridade. A solidariedade vivida à luz da fé abre novos horizontes para o agir cristão, supera a sua definição tradicional e chega a revestir-se de dimensões inconfundivelmente cristãs: gratuidade, perdão e reconciliação. A solidariedade torna-se assim um meio para transformar a realidade social, uma transformação que tem início no íntimo do ser humano, pois, ela inicialmente leva o homem a sair de si e a descobrir o “outro como um outro “eu”. É nesta descoberta do “outro” como um outro “eu”, que radica a fraternidade, a ligação empática que leva o homem a descobrir a humanidade como uma grande família,

onde todos somos iguais. Só assim, o homem poderá caminhar para uma verdadeira solidariedade, na qual partilha os seus bens, busca a paz, o desenvolvimento de todos e a liberdade de tudo aquilo que oprime toda a humanidade, atingindo a divisa, sobre a qual radica a solidariedade apregoada pelos solidaristas, “fraternidade, igualdade e liberdade”.

A compreensão da solidariedade cristã como “virtude” vai ser aprofundada com a encíclica de João Paulo II “Centésimos annus”, do ano de 1991, na qual vai ser qualificada como um “princípio ético”. A solidariedade cristã passa a ser um “princípio” que reivindica uma mudança da realidade social e não só uma mudança ética da pessoa humana. Este “princípio” compromete o estado como um dos garantes da justiça social, incitando-o a intervir junto das pessoas e dos grupos mais frágeis e indefesos, procurando respeitar o princípio de subsidiariedade. A solidariedade, como “princípio” busca beneficiar estes grupos mais débeis a nível económico, social, cultural e saúde. A solidariedade cristã passa a ter duas componentes, uma subjetiva enquanto “virtude” e outra objetiva enquanto “princípio”, que orientam o agir pessoal e social do cristão.<sup>34</sup> A solidariedade não pode resumir-se a ser um mero sentimento, mas deve ser um requisito ético que molda a vida e o agir, fazendo o cristão ultrapassar todos os obstáculos, pessoais e sociais, que impedem a construção de um mundo justo, fraterno e igualitário. Desta forma, a vivência da opção preferencial pelos mais necessitados, torna-se mais real, pois, passa-se a valorizar a dignidade de toda a pessoa humana e procura-se atingir um ideal mais nobre para a vida social, reduzindo as assimetrias sociais entre os mais desfavorecidos da sociedade e os demais cidadãos do mundo.

A solidariedade cristã, como “virtude” e “princípio”, apoia-se em outras duas virtudes e princípios cristãos: a caridade e a justiça.<sup>35</sup> A caridade faz com que a solidariedade seja um meio para realização da opção preferencial pelos pobres, pois orienta a solidariedade

---

<sup>34</sup> Cf. Ibidem

<sup>35</sup> Cf. Ibidem

para o sofrimento e para as assimetrias dessas pessoas e esses grupos, dando assim à solidariedade um dinamismo ético fundado na fé. A solidariedade apoia-se igualmente na justiça, pois ela a pressupõe desde o início, uma vez que a justiça é um dos pilares da ordem social, através de uma busca da igualdade e da liberdade, e ao mesmo tempo, um garante da dignidade moral da pessoa humana, pese embora, que sem a solidariedade, essa busca e esse garante não levariam em conta as assimetrias sociais, ou seja, a situação particular de cada pessoa. A solidariedade sustentada pela justiça e guiada pela caridade, poderá ajudar os cristãos a terem uma ação mais comprometida diante de situações de crise económicas e sociais, como as que vivemos hoje em Portugal, pois não permite ao cristão ficar indiferente às angústias e às inquietudes que afetam as pessoas. Ela assume-se como um meio para enfrentar esta crise e lutar contra as situações de desequilíbrio quer social, geográfico ou étnico através de uma sociedade justa e igualitária. Mas essa igualdade não pode ser cega, pois correria o risco de degenerar-se num reivindicar de direitos, sem ter em conta o bem-comum ou a justiça, ou seja, um reivindicar egoísta e individualista. A solidariedade cristã leva a consciência humana a reconhecer o outro e a dirigir-se a ele num espírito de verdade e de partilha, sem o querer dominar, mas sim, querendo-o tratar como um igual em tudo.

A solidariedade age assim como um despertador de consciências, levando a reconhecer as nossas conviências com as injustiças e o mal, com os nossos silêncios, os nossos conformismos, a nossa falta de fraternidade, olhando para o outro como um estranho, ou seja, o medo em nos sacrificarmos, na cruz com Jesus, pelos nossos irmãos mais frágeis e abandonados. A solidariedade cristã leva-nos não só à cruz, mas nos ressuscita para uma nova realidade, onde o nosso agir solidário tem um mestre - Deus - comprometendo-nos a lutar para que essa nova realidade se torne cada vez mais efetiva e universal. Numa época em que os valores humanos são postos em causa, devido à crise social e económica, a solidariedade oferece um caminho de reconciliação, de um verdadeiro juízo social e

uma consciencialização sobre o que é importante e vale a pena ser defendido. Ela implica um agir em vários campos e diferentes níveis: económico e político, através de estratégias locais ou mais abrangentes, que produzam resultados efetivos: geração de emprego, promoção da educação, a proteção ambiental, prestação de serviços sociais aos que vivem na precariedade, acolhimento dos que fogem da injustiça e da guerra.

A transformação do mundo numa aldeia global, leva a que a delimitação de espaços de atuação dos atores sociais e económicos, antes pensados numa lógica local-global, sejam difíceis de definir e podendo produzir consequências inesperadas. A interdependência é uma consequência da globalização, levando que o destino de um habitante ou de uma família numa área geográfica, possa ser ditada pela decisão ou atuação de um grupo, nação ou poder numa outra área geográfica da Terra. Esta dispersão leva a que haja um anonimato daqueles que são os causadores das desgraças, mas igualmente o anonimato das vítimas, daqueles que sofrem com a ação desses poderes mundiais. Esta interdependência faz com que haja igualmente respostas e solidariedades que sejam de nível global; um exemplo disso é a globalização dos direitos humanos, que são reclamados em sociedades que anteriormente nunca tinham refletido ou discutido tais direitos. A solidariedade cristã não se pode apenas mover no campo dos bons propósitos, mas tem de criar meios efetivos para que se implementem medidas que levem a um mundo onde todos tenham uma vida digna e justa. Para isso há que educar a consciência global e levá-la a comprometer-se com essa meta. A Igreja como um espaço privilegiado para a vivência de uma cultura de solidariedade permite que o cristão possa ver o mundo a partir do olhar do outro e do sofrimento do outro, reconhecer as suas aspirações. Este espaço, de cultura da solidariedade, leva a uma identificação das “estruturas de pecado” e que as procuremos converter em “estruturas de solidariedade”, em levar o mundo a dar maior primazia ao “ser” do que ao “ter”.

Um dos campos onde o exercício da solidariedade é mais efetivo é o do voluntariado. A sociedade é chamada a “ser protagonista na criação da solidariedade e de redes de solidariedade.”<sup>36</sup> Como membro desta sociedade, os cristãos são chamados também a tomar parte nesta obra e a Igreja convocada a animar e a impulsionar a solidariedade através do voluntariado. O voluntariado torna-se, deste modo, um espaço onde a pessoa humana pode ser altruísta, gratuita, solidária, exercendo a sua cidadania para o bem comum. O voluntariado social, como expressão da solidariedade e como uma ação que exprime a virtude humana, promove a sociabilidade entre os homens, levando-os a descobrirem-se como irmãos e reduzindo as disparidades sociais.

O voluntariado, quando vivido dentro de uma ótica cristã, isto é, tendo como um dos fundamentos a solidariedade cristã, não se pode limitar a esta, mas tem que ir além desta perspetiva solidária para com os mais fracos e os mais pobres, através da promoção humana ou da diminuição das desigualdades sociais. O voluntariado tem que procurar colocar em prática os valores do Evangelho, como um “imperativo” que o seu ser cristão, a sua fidelidade ao Evangelho auto-impõe. A sua fé deve levar a praticar a justiça, a paz, a comunhão e a diaconia em prol do bem comum de toda a humanidade. A sua lógica de ação e o sentido dela, exprime uma nova forma de relacionar-se com o outro, um olhar e um agir que devem espelhar o próprio Cristo. Nesse agir há uma dimensão profética, mas igualmente uma vontade, alicerçada na solidariedade, de transformar estas realidades injustas e de exclusão em realidades novas. A cultura de solidariedade do cristão deveria levá-lo a comprometer-se com novas políticas de amplitude geral, sem temer os riscos de tal aventura.

A diferença entre um voluntariado humanista e um voluntariado que tem por base valores cristãos, entre eles a solidariedade cristã, é que este último tem como motivos a

---

<sup>36</sup> Ibidem, 194

fé em Cristo, a fidelidade ao Evangelho e um sentido de caridade fraterna. A vivência cristã do voluntário faz com que a ação do voluntário seja marcado por um espírito de gratuidade, que leva a doar-se a partir de uma disponibilidade fundamentada no íntimo de si mesmo, levando-o a saciar as necessidades dos seus irmãos.<sup>37</sup> Quanto ao voluntariado humanista, a sua motivação poderá ser de cariz filantrópico, que não deixa de ser válido e que não impede esse voluntariado de contribuir e buscar o bem comum.

---

<sup>37</sup> Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Voluntariado: Porta aberta para a humanização social*, 3

## CAPÍTULO 2 - TEOLOGIA DA MISSÃO

### 2.1. Fundamentos Teológicos

#### 2.1.1. A missão como “*Missio Dei*”

Na pós-modernidade, teologia do concílio Vaticano II e a reflexão pós-conciliar, trouxe consigo um novo paradigma missionário, uma viragem na forma de ver e conceber a missão. Antes desta mudança, a definição de missão já era plural, ela era definida como missão da Igreja - *missio ecclesiae* - que abarcava diversas metas, desde metas soteriológicas a metas eclesiológicas e culturais. A ação missionária da Igreja consistia na expansão do reino de Deus, na conversão dos povos pagãos, na salvação das almas, na implantação de novas igrejas, no levar ao conhecimento das bênçãos e privilégios da Igreja ocidental aos povos que se encontravam geograficamente no hemisfério Sul e no Oriente.<sup>38</sup> O caráter trinitário, cristológico e soteriológico da missão, que fundamentava a ação missionária da Igreja nos primeiros tempos, foi paulatinamente substituído por distintas versões da doutrina da graça.

Com o novo paradigma, a missão começou a ser entendida, de um ponto de vista teológico, como *missio Dei* no mundo - a missão de Deus. David Bosch, na sua obra “Missão Transformadora: Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão”, parte deste novo entendimento para incrementar este paradigma ecuménico de missão. O conceito de *missio Dei* manifesta que a missão não é primordialmente uma atividade da Igreja, mas sim, ela é previamente uma ação de Deus, ela é um atributo de Deus.<sup>39</sup> Inicialmente este conceito começou por ser desenvolvido nos ambientes protestantes, após a primeira guerra mundial, sendo fundamentalmente desenvolvido pelos teólogos Karl Barth e Karl Hartenstein. O trabalho de Barth seria discutido na Conferência Missiológica de

---

<sup>38</sup> Cf. BOSCH, David, *Transforming Mission: Paradigm shift in theology of mission*, 389

<sup>39</sup> Cf. BOSCH, David, *Transforming Mission: Paradigm shift in theology of mission*, 390

Brandemburgo em 1932<sup>40</sup>, tornando-se Barth o primeiro a estruturar a ideia de missão como ação de Deus. Influenciados por este conceito, os delegados da conferência de Willingen, em 1952, afirmaram, num âmbito da doutrina Trinitária, que a missão derivava da própria natureza de Deus, ou seja, Deus é um Deus missionário. Este passou a ser um ponto que justifica a natureza missionária da Igreja, como acabou por ser sistematicamente pronunciado no decreto do Vaticano II sobre a missão *Ad Gentes*, no seu capítulo introdutório. Desta forma, à doutrina Trinitária clássica de que Deus, o Pai, enviou o Filho ao mundo para o salvar, e que Deus o Pai e o Filho enviaram o Espírito Santo, soma-se mais um outro movimento, que o Pai, Filho e Espírito Santo enviaram a Igreja ao mundo, para que esta continuasse a missão de Deus.<sup>41</sup> Missão é compreendida como uma ação divina, que se manifesta na ação missionária da Igreja. A vocação da Igreja é a de co-participar na própria ação missionária de Deus no mundo. Há como uma passagem de uma visão de auto-suficiência e independência na tarefa missionária da Igreja para uma total relação e dependência da ação da Igreja com a ação de Deus. Pois, se a missão é de Deus, então é Dele que a Igreja deve depender para participar da tarefa missionária.

Dentro da dinâmica teológica da *missio Dei*, o concílio Vaticano II afirma no decreto Ad Gentes a essência missionária da Igreja e que esta natureza está enraizada em Deus. No capítulo 1 desse documento declara-se que “a Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na «missão» do Filho e do Espírito Santo” (AG 2). Deus Pai é assim fonte de toda a missão e o Filho é auto-revelação desse desígnio amoroso do Pai em oferecer a toda a humanidade a salvação. É através do Filho que Deus Pai entra e age de um modo definitivo na história. O Filho torna-se mediador entre a humanidade e o Pai, levando a humanidade a participar

---

<sup>40</sup> Cf. BOSCH, David, *Transforming Mission: Paradigm shift in theology of mission*, 389

<sup>41</sup> Cf. BOSCH, David, *Transforming Mission: Paradigm shift in theology of mission*, 390

da sua natureza divina. Por Sua vez, o Espírito Santo, enviado pelo Pai e pelo Filho, tem a missão de “realizar no interior das almas a sua obra salvadora e impelir a Igreja à sua própria dilatação” (AG 4). A partir desta nova perspectiva, há igualmente outra mudança, o concílio passa a falar primacialmente de “missão” em detrimento de “missões”. O primeiro termo refere-se à *missio Dei*, o segundo às *missiones ecclesiae* (*missões da Igreja*), os diferentes dinamismos missionários da Igreja, designando formas particulares de participação na *missio Dei*, uma atividade concreta nos diversos contextos religiosos, sociais e culturais.<sup>42</sup> Desta forma, a missão da Igreja é reflexo da missão de Deus, sendo esta última mais vasta, mais envolvente do que a primeira, porque espelha a própria natureza de Deus, o Seu agir e o Seu desígnio, os quais devem ser assumidos pela Igreja como aquela que tem o privilégio de ser parceira nesta tão nobre tarefa.<sup>43</sup>

### **2.1.2. A missão como anúncio do reino de Deus**

A segunda premissa que foi ponto de partida para uma nova teologia missionária, é a visão da missão como anúncio do Reino de Deus. Nesta corrente teológica, a missão ultrapassa o mero exercício da salvação das almas e de expansão da Igreja, e auto concebe-se mais largamente como "serviço de libertação tendo em vista o reino de Deus."<sup>44</sup> Em 1975, Paulo VI redige a exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*, após o Sínodo dos Bispos de 1974, sobre a evangelização. Neste documento, Paulo VI começa por afirmar que:

*“O testemunho que o Senhor dá de si mesmo e que São Lucas recolheu no seu Evangelho, “Eu devo anunciar a Boa Nova do Reino de Deus”, tem, sem dúvida nenhuma, uma grande importância, porque define, numa frase apenas, toda a missão de Jesus: “Para isso é que fui enviado”.”<sup>45</sup>*

---

<sup>42</sup> Cf. NUNES, José, *Teologia da Missão*, 50

<sup>43</sup> Cf. BOSCH, David, *Transforming Mission: Paradigm shift in theology of mission*, 391

<sup>44</sup> BEVANS, Stephen; SCHROEDER, Roger, *Teología para la misión hoy*, 521

<sup>45</sup> PAULUS PP. VI, “Adhortatio Apostolica Evangelii nuntiandi”, nº 6, in *AAS* 68 (1976)

Este documento tem uma dimensão escatológica, conseqüência das reflexões teológicas do concílio Vaticano II e do Sínodo dos Bispos que o precederam. Esta dimensão teológica, presente na exortação, tem como fundamento o anúncio do Reino e a revelação de Jesus como Messias. Jesus é o primeiro e o supremo evangelizador, o modelo que a Igreja é chamada a imitar e a seguir, por forma a levar a Palavra da salvação.<sup>46</sup> Paulo VI declara que o papel da Igreja na evangelização é o de continuar e incrementar a missão de Cristo no mundo. A missão de Jesus tem no anúncio do Reino o seu absoluto, tudo o resto surge e converte-se em relação com este anúncio:

*“Como evangelizador, Cristo anuncia em primeiro lugar um reino, o reino de Deus, de tal maneira importante que, em comparação com ele, tudo o mais passa a ser “o resto”, que é “dado por acréscimo”. Só o reino, por conseguinte, é absoluto, e faz com que se torne relativo tudo o mais que não se identifica com ele.”<sup>47</sup>*

A chave para compreender o Reino de Deus é o próprio Cristo. Ele encarna o desejo que Deus tem de aproximar-se da humanidade, para que o homem se abra ao Seu amor salvífico, como graça e como dom e inicie um caminho de conversão interior, “uma modificação profunda dos modos de ver e do coração.”<sup>48</sup> Deus entra e age na história humana através de Jesus. A salvação anunciada por Jesus tem uma dimensão antropológica. Ela não procura libertar o homem só do pecado e da morte, mas igualmente, libertar de suas conseqüências sociais e pessoais. A salvação anunciada por Cristo traz a libertação integral do homem, uma salvação que “é libertação de tudo aquilo que oprime o homem”. Paulo VI ao falar de libertação não define nenhum conteúdo, nem concebe nenhuma concepção de libertação. Ele fala antes de libertação tendo como pontos de partida conceitos que se crê conhecidos de todos. Mas, por haver perigos de distorção ao falar da libertação o Papa alerta que:

---

<sup>46</sup> Cf. PAULUS PP. VI, “Adhortatio Apostolica Evangelii nuntiandi”, n° 7

<sup>47</sup> PAULUS PP. VI, “Adhortatio Apostolica Evangelii nuntiandi”, n° 8

<sup>48</sup> PAULUS PP. VI, “Adhortatio Apostolica Evangelii nuntiandi”, n° 10

*“ela não pode ser limitada à simples e restrita dimensão económica, política, social e cultural; mas deve ter em vista o homem todo, integralmente, com todas as suas dimensões, incluindo a sua abertura para o absoluto, mesmo o absoluto de Deus.”<sup>49</sup>*

Segundo o *Evangelii Nuntiandi*, a libertação que o Sínodo dos Bispos propõe pode ser enquadrada pelas seguintes premissas: ela tem de estar em conformidade com aquilo que foi anunciado e realizado por Jesus Cristo, mas igualmente, ser “conforme a Igreja a apregoa.”<sup>50</sup> Ela não pode ser exterior a Deus ou ao Seu desígnio.<sup>51</sup> A libertação que a evangelização proclama e prepara é evangélica, assente no Reino de Deus, pacífica e capaz de converter os corações e as estruturas injustas.<sup>52</sup>

Jon Sobrino afirma que na *Evangelii Nuntiandi* “a evangelização é realizada através: 1) da proclamação verbal da Boa Nova, 2) do testemunho da própria vida, e 3) de uma práxis transformadora.”<sup>53</sup> A primeira dimensão, o anúncio do Evangelho, foi desde sempre uma das atividades da Igreja, mas ela não esgota a ação evangelizadora:

*“Em cada nova fase da história humana, a Igreja, constantemente estimulada pelo desejo de evangelizar, não tem senão uma preocupação instigadora: Quem enviar a anunciar o mistério de Jesus? Com que linguagem anunciar um tal mistério? Como fazer para que ele ressoe e chegue a todos aqueles que o hão-de ouvir? Este anúncio, kerigma, pregação ou catequese, ocupa um tal lugar na evangelização que, com frequência, se tornou sinónimo dela. No entanto, ele não é senão um aspeto da evangelização.”<sup>54</sup>*

Há ainda uma segunda dimensão, o testemunho da própria vida, pois, para além de anunciada, “esta Boa Nova há-de ser proclamada, antes de mais, pelo testemunho.”<sup>55</sup> Só

---

<sup>49</sup> PAULUS PP. VI, “Adhortatio Apostolica Evangelii nuntiandi”, nº 33

<sup>50</sup> PAULUS PP. VI, “Adhortatio Apostolica Evangelii nuntiandi”, nº 31

<sup>51</sup> Cf. PAULUS PP. VI, “Adhortatio Apostolica Evangelii nuntiandi”, nº 32

<sup>52</sup> Cf. PAULUS PP. VI, “Adhortatio Apostolica Evangelii nuntiandi”, nºs 33-37

<sup>53</sup> SOBRINO, Jon, *Resurrección de la verdadera Iglesia: Los pobres, lugar teológico de la eclesiología*, 281

<sup>54</sup> PAULUS PP. VI, “Adhortatio Apostolica Evangelii nuntiandi”, nº 22

<sup>55</sup> PAULUS PP. VI, “Adhortatio Apostolica Evangelii nuntiandi”, nº 21

precedida do testemunho de vida, pode o anúncio ser eficaz. Pois, como é que os outros hão-de acreditar e acolher a Palavra anunciada, se nós que a anunciamos, vivemos como se Ela nos fosse estranha e exterior?<sup>56</sup> A terceira dimensão é a ação transformadora que vai realizando o que está contido na Palavra anunciada e assim implantando o Reino de Deus. Podemos concluir que no documento ressaltam quatro categorias teológicas importantes para a evangelização, tanto a que Jesus de Nazaré anunciou e realizou, como aquela que a Igreja, como seguidora de Cristo, é também chamada a anunciar e a realizar: Reino de Deus, Salvação, Esperança e Parusia. Categorias que exigem da humanidade uma resposta livre, comprometida e solidária, através de um testemunho fiel.

### **2.1.3. A missão como anúncio da salvação de Cristo**

A missão, para além de ter uma origem trinitária e existir tendo como meta o Reino e o seu anúncio, deve manter viva e forte a sua conexão cristológica. Uma preocupação que se torna ainda mais relevante neste tempo de pluralismo religioso. Surge assim uma terceira corrente missionária, que tem por base o "anúncio de Jesus Cristo salvador universal", uma certeza fundamental da nossa fé, que devemos manter na pluralidade do "contexto" linguístico, antropológico, cultural e social. Em 1990, foi promulgada por João Paulo II, a encíclica *Redemptoris missio*, com o intuito de recordar a “validade permanente do mandato missionário.”<sup>57</sup> O ambiente era de grandes interrogações quanto à ação evangelizadora em culturas e sociedades em que já havia a presença de religiões não cristãs. Neste documento, João Paulo II diante dessas dúvidas, provocadas pela inclusão do tema das grandes religiões do mundo e do imprescindível diálogo inter-religioso no cenário teológico, colocou muito perspicazmente a questão: “Para quê, pois, a missão?”<sup>58</sup>

---

<sup>56</sup> Cf. PAULUS PP. VI, “Adhortatio Apostolica Evangelii nuntiandi”, n° 76

<sup>57</sup> IOANNES PAULUS PP. II, “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, in *AAS* 83 (1991)

<sup>58</sup> IOANNES PAULUS PP. II, “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, n°4

Esta abertura levou que em muitos ambientes da Igreja, se passasse de uma visão exclusivista da salvação oferecida pela Igreja, que excluía a possibilidade de qualquer outra religião aceder à verdade, para um pluralismo, que advogava a igualdade de todas as religiões e das propostas de salvação oferecidas por elas. Esta última corrente nega que Jesus Cristo seja o único Salvador, afirmando que há uma diversidade de caminhos de salvação, que acontecem de formas distintas no âmbito de todas as grandes tradições religiosas. João Paulo II afirma de uma forma clara o fundamento cristológico da missão da Igreja: “a missão universal da Igreja nasce da fé em Jesus Cristo.”<sup>59</sup> Este mesmo ato de fé é proclamado por toda a Igreja cada vez que se recita o credo Niceno-Constantinopolitano: “Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigénito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos(...) E por nós homens, e para nossa salvação, desceu dos céus. E encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria, e Se fez homem.” A afirmação desta convicção remonta às origens da Igreja. Desde sempre a Igreja proclamou a universalidade salvífica de Cristo, como é descrito em várias passagens do Novo Testamento. Para a Igreja, Cristo é a auto-revelação definitiva de Deus, o único mediador entre Deus e os homens, sacramento do desígnio amoroso e salvífico do Pai. Por isso, o fundamento da missão da Igreja está na obrigação de proclamar estas verdades de fé, esta vida nova oferecida por Jesus Cristo.<sup>60</sup> A riqueza que a Igreja recebeu de Cristo é, acima de tudo, para toda a humanidade. Assim, respondendo à sua própria questão João Paulo II afirma que “abrir-se ao amor de Cristo é a verdadeira libertação. N'Ele, e só n'Ele, somos libertos de toda a alienação e extraviio, da escravidão ao poder do pecado e da morte.”<sup>61</sup>

O que, à primeira leitura, pode parecer ser uma encíclica exclusivista, não o é de facto, principalmente nos excertos onde o Papa fala da ação do Espírito Santo como protagonista

---

<sup>59</sup> IOANNES PAULUS PP. II, “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, n°4

<sup>60</sup> Cf. BEVANS, Stephen; SCHROEDER, Roger, *Teología para la mission hoy*, 547

<sup>61</sup> IOANNES PAULUS PP. II, “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, n°11

da missão. A ação do Espírito ultrapassa as fronteiras da Igreja. O documento afirma isso ao citar o número 22 da *Gaudium et Spes*: “devemos acreditar que o Espírito Santo oferece a todos, de um modo que só Deus conhece, a possibilidade de serem associados ao mistério pascal.”<sup>62</sup> O mistério da graça salvífica que Deus oferece através do Espírito Santo em nada reduz o valor da Salvação de Cristo ou o valor da Sua mediação junto do Pai. Pois o pleno canal da graça divina é Cristo, Ele é o único que nos pode levar a uma comunhão com Deus. A relação da Igreja com as religiões não cristãs não pode levar a um relativismo; não podemos negar que há uma procura da verdade nas outras religiões, que “a obra do Espírito no coração de cada homem”, faz “germinar as «sementes do Verbo».”<sup>63</sup> Mas temos também de realçar uma outra certeza, que a “Igreja, e nela cada cristão, não pode esconder nem guardar para si esta novidade e riqueza, recebida da bondade divina para ser comunicada a todos os homens.”<sup>64</sup> Associado ao anúncio esta nova realidade inter-religiosa demanda um diálogo, porque, segundo Paulo VI, o anúncio e diálogo “são ambos considerados elementos componentes e formas autênticas da única missão evangelizadora da Igreja. Ambos são orientados para a comunicação da verdade salvífica.”<sup>65</sup> Um não serve para substituir o outro, ambos se complementam e ambos são parte importante da evangelização da Igreja e devem sempre procurar levar os homens e mulheres de qualquer época e lugar à Verdade.<sup>66</sup> João Paulo II afirma que:

*“O diálogo inter-religioso faz parte da missão evangelizadora da Igreja. Entendido como método e meio para um conhecimento e enriquecimento recíproco, ele não está em contraposição com a missão ad gentes; pelo contrário, tem laços especiais com ela, e constitui uma sua expressão.”*<sup>67</sup>

---

<sup>62</sup> IOANNES PAULUS PP. II, “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, n°6

<sup>63</sup> IOANNES PAULUS PP. II, “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, n°28

<sup>64</sup> IOANNES PAULUS PP. II, “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, n°11

<sup>65</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIALOGO INTER-RELIGIOSO; CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS, Instrução Diálogo e Anúncio, n° 2, in *AAS* 84 (1992)

<sup>66</sup> Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIALOGO INTER-RELIGIOSO; CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS, Instrução Diálogo e Anúncio, n° 4

<sup>67</sup> IOANNES PAULUS PP. II, “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, n°55

O diálogo não é uma estratégia hábil para levar os crentes das religiões não cristãs a aderirem à mensagem de Jesus e à Igreja. É um elemento da evangelização que tem um valor próprio, que não deve ser instrumentalizado. Jamais se deve pensar no diálogo como um elemento primordial da evangelização da Igreja ou que ele pode subsistir, na evangelização, de uma forma separada do anúncio.<sup>68</sup> Apesar de ser um documento que tem por objetivo comemorar os vinte e cinco anos da conclusão do Concílio e da publicação do Decreto sobre a atividade missionária *Ad gentes*, a quinze anos da Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi* de Paulo VI, o *Redemptoris missio* tem uma dimensão Cristocêntrica que não existia em ambos documentos. Esta dimensão teve que ser avivada pois muitos setores da Igreja, nos finais da década de oitenta, começavam a cair num pluralismo e num indiferentismo religioso, sendo por isso preciso voltar a chamar a atenção para o carácter central e único de Cristo e a obrigação da Igreja em oferecer e anunciar a plenitude da Verdade a toda a humanidade. Por forma a clarificar a relação entre o diálogo e o anúncio foi publicado, em 1984, o documento “Diálogo e Missão”. Este documento escrito pelo Secretariado para os Não Cristãos declarava que a missão da Igreja é “uma realidade unitária, mas complexa e articulada”<sup>69</sup>. Este documento apresenta como elementos principais da missão: a presença e o testemunho; o empenho pela promoção social e pela libertação do ser humano; a vida litúrgica, a oração e a contemplação; o diálogo inter-religioso; e, por último, o anúncio e catequese. O diálogo deveria ser pautado por um equilíbrio, num espírito de abertura à verdade e com convicção religiosa. Este diálogo não se realiza sem obstáculos como: uma fé pouco profunda dos intervenientes, um conhecimento e de compreensão das outras religiões muito superficial, as diferenças sócio-culturais e políticas que existem entre as partes que dialogam, a ausência de abertura e as posições de defesa e desconfiança diante dos outro

---

<sup>68</sup> Cf. IOANNES PAULUS PP. II, “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, nº56

<sup>69</sup> SECRETARIADO PARA OS NÃO CRISTÃOS, A atitude da Igreja face aos seguidores de outras religiões: reflexões e orientações do diálogo e missão, nº 13, in *AAS* 76 (1984)

e diante do próprio diálogo. Importa também referir o documento “Diálogo e Anúncio”, de 1992, um documento conjunto do Pontifício Conselho para o Dialogo Inter-religioso e Congregação para a Evangelização dos Povos. Nele, é reafirmada a relação existente entre estes dois elementos, aprofundando estas duas áreas da missão, já identificadas pelo documento “Diálogo e Missão”.

## **2.2. Perspetivas da Missão Contemporânea**

### **2.2.1. A Igreja e o mundo**

Para compreender melhor a missão cristã hoje, será preciso inicialmente procurar saber que compreensão temos da Igreja e do mundo. É entendendo estas duas realidades que podemos aferir a forma como a Igreja anuncia e propõe Cristo aos homens e mulheres do nosso tempo. Também, só a partir da percepção do mundo é que podemos refletir sobre o que pede hoje o mundo à Igreja. Pois, estas são questões fundamentais para a credibilidade do testemunho de toda a comunidade eclesial. A Verdade que a Igreja anuncia é a mesma que há 2000 anos apregoa, mas ela tem que ser uma resposta para “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje” (GS 1). A Igreja tem como tarefa fundamental auxiliar os homens de cada época e de cada lugar experimentar a graça universal da salvação de Deus.

A Igreja reconhecendo a importância da relação Igreja-mundo na sua missão, procurou de acordo com os sinais dos tempos, encontrar um novo modelo eclesiológico que articulasse melhor com o mundo contemporâneo e que verdadeiramente espelhasse aquilo que ela é chamada a ser e para a qual Cristo a constituiu. Como afirmou Paulo VI, na época, a Igreja “precisa refletir sobre si mesma; precisa sentir-se viver. Deve aprender a conhecer-se melhor, se quer realizar a própria vocação e oferecer ao mundo a sua

mensagem de fraternidade e salvação.”<sup>70</sup> O Vaticano II vai compreender a Igreja atuante e presente no mundo como aquela que é servidora, anunciando a boa-nova da salvação em Jesus Cristo. Historicamente, pouco a pouco, após o Édito de Milão de Constantino, começou a haver uma progressiva identificação entre a Igreja e o mundo. Esta identificação teve o seu auge durante o período medieval, em que a Igreja era o mundo e o mundo era a Igreja. Com o período das luzes essa relação mudou, passando o mundo a ser compreendido como algo distinto da Igreja, duas sociedades separadas. A sociedade passa a caminhar num ritmo diferente daquele que era o da Igreja, afastando-se cada vez mais e rasgando os elos de relação.

Atento a esse fosso existente entre a Igreja e o mundo, João XXIII decide convocar o concílio Vaticano II, procurando criar uma oportunidade de reaproximação entre a Igreja e a sociedade, de estabelecer linhas de diálogo com a humanidade que habita o mundo, um *aggiornamento*.<sup>71</sup> A Igreja que sai do concílio é uma Igreja em conversão. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* traz para o mundo uma nova imagem da Igreja e do mundo para a Igreja (GS 2). Procurando estabelecer pontes de diálogo com toda a humanidade, a Igreja, que passou a compreender-se como “Povo de Deus”, faz-se presente na história humana procurando a conversão das estruturas de pecado que são a origem da injustiça e da exclusão social (GS 3). A constituição *Gaudium et Spes* permanece ainda hoje um documento indispensável para pensar sobre as mudanças que exprimem a sociedade atual.

O mundo para qual a Igreja é enviada a evangelizar é compreendido de uma forma plural e dessa forma também é a missão da Igreja nele. Ele pode ser entendido como criação divina, lugar próprio no qual o homem pode encontrar Deus. Este mundo, do qual o homem foi constituído cocriador, foi-lhe confiado por Deus. O mundo também é o local

---

<sup>70</sup> PAULUS PP. VI, “Litterae Encyclicae Ecclesiam suam”, nº10, in *AAS* 56 (1964)

<sup>71</sup> Palavra italiana que se pode traduzir por «atualização», popularizado por Papa João XXIII para enunciar um dos intentos essenciais do Concílio Vaticano

no qual todo o ser humano é chamado por Deus a realizar-se plenamente como homem. Uma segunda concepção de mundo é o de uma realidade que o homem transforma através do seu trabalho e do seu espírito renovador. Mas esse espírito livre e reformador do homem não deve afastar do projeto divino, como relata a Bíblia no episódio da Torre de Babel (Gn 11, 1 -9), pois aí o mundo deixaria de cumprir a sua vocação como local de encontro. O mundo também pode ser concebido como local onde o homem habita e se relaciona com outros da sua espécie. Por fim, podemos compreender o mundo como foi entendido no Evangelho de São João, nos capítulos 12, 14 e 16 quando fala “deste mundo”. Um mundo que não reconhece o Seu criador, vivendo numa autonomia que o fecha à presença transcendente de Deus. Todas estas formas de compreender o mundo não esgotam o que ele é, apenas tentam manifestar algumas das compreensões possíveis daquilo que é o mundo de hoje, no qual a missão cristã deverá constituir-se por forma a facultar esse encontro salvífico da humanidade com Deus.

### **2.2.2. Perspetivas e Desafios atuais da missão**

O carácter missionário da Igreja expressa-se numa *praxis* e numa teologia, que se vai convertendo em função do modo como a Igreja se compreende na sua relação com o mundo. Na história houve momentos profícuos, tais como mudanças civilizacionais, épocas de crise ou rutura devido a eventos, que ajudaram a Igreja a refletir o modo como os cristãos têm cumprido o mandato missionário do Senhor. Um desses momentos foi o que ocorreu com o concílio Vaticano II, e que ainda hoje pode servir de chave de leitura para analisar a ação missionária da Igreja. No concílio, a Igreja redefiniu totalmente o seu compromisso fundamental e profético com o mundo de hoje. Este evento tentou renovar o ardor missionário através de um novo paradigma, como foi referido anteriormente. Mas ao olhar o caminho percorrido, pode-se afirmar que passado 50 anos, essa nova visão de missão ainda não se encarnou totalmente na ação evangelizadora da Igreja. Um dos

desafios é o de implementar a visão da Igreja como *missio Dei*. O Reino de Deus é graça, é dom, que recebemos da parte de Deus. Nós somos servidores desse Reino e devemos reconhecer que tudo é graça, não havendo, por isso, motivos para no vangloriar-mos ou imputar a nós mesmos os êxitos das nossas ações. Este facto está patente na afirmação de Francisco na sua exortação apostólica “*Evangelii Gaudium*”:

*“Embora esta missão nos exija uma entrega generosa, seria um erro considerá-la como uma heróica tarefa pessoal, dado que ela é, primariamente e acima de tudo o que possamos sondar e compreender, obra de Deus. (...) Em qualquer forma de evangelização, o primado é sempre de Deus, que quis chamar-nos para cooperar com Ele e impelir-nos com a força do seu Espírito.”*<sup>72</sup>

Francisco relembra que a missão primordialmente é de Deus e que Ele ainda age no meio dela, continuado a Sua missão no qual o Povo de Deus é chamado a colaborar. Outra constatação é a dimensão global da missão, que anteriormente se realiza de uma forma unidirecional, ou seja, no sentido norte-sul, e que hoje envolve todas as igrejas locais. Esta nova realidade desafia a Igreja a viver a missão como uma verdadeira comunidade eclesial, onde todos têm algo para dar e para receber, quer na missão *ad gentes* ou *ad intra*, manifestando uma verdadeira estrutura de comunhão cristã. A Igreja local deve ser o primeiro sujeito da missão. Por isso, o Bispo é o primeiro e principal responsável para “promover, dirigir e coordenar a atividade missionária” no território que lhe está confiado (AG 30). A eles cabe o dever de tornar verdadeiro a comunhão e a cooperação das diversas Igrejas locais. Os diferentes institutos missionários trabalham em conjunto com a Igreja local, coadjuvando o Bispo nas atividades missionárias (AG 32)

Na sua exortação apostólica, Francisco alerta, igualmente, para o risco de a ação da Igreja se limitar a uma pastoral de manutenção, limitando-se apenas a receber aqueles que vêm até ela. Por isso ele convida os católicos a empenharem-se numa “nova etapa

---

<sup>72</sup> FRANCISCUS PP., Adhortatio apostolica Evangelii gaudium, nº 12, in AAS 105 (2013)

evangelizadora”, que exige que todos sejam "ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades.”<sup>73</sup> A Igreja é missionária na sua natureza, por isso, é urgente transformar cada cristão num evangelizador, a missão deve envolver todas as comunidades e cada um que a constitui. Há que educar consciências e abri-las a esta realidade constitutiva da Igreja. Na linha da frente deste “combate”, estão os bispos, a quem o Papa pede que caminhem com o seu povo por forma a “ajudar aqueles que se atrasaram”, mas também que estejam recetivos às intuições do povo, “porque o próprio rebanho possui o olfato para encontrar novas estradas.”<sup>74</sup>

Uma Igreja missionária é uma Igreja "em saída". Nela deve estar sempre presente as palavras que o Senhor dirigiu aos seus discípulos: “Ide pelo mundo inteiro” (Mc. 16, 15). Neste “ide” de Cristo não há limites, nele “estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova «saída» missionária.”<sup>75</sup> Levar Cristo, com ardor e alegria, para o meio do mundo é imperativo, por forma a ainda responder às angústias e esperanças dos homens de hoje. Temos de ir ao encontro dos nossos contemporâneos como aqueles que descobriram em Cristo o seu maior tesouro e que não O podendo guardar só para si, anunciam-No com o maior desprendimento e generosidade possível. Perante a doação gratuita de Deus, que saindo de Si veio ao encontro da humanidade, o cristão é chamado a responder com a mesma atitude. É nesta doação de si que o cristão encontra a plena realização da sua vida e da sua vocação, pois, “na doação, a vida se fortalece; e se enfraquece no comodismo e no isolamento. De facto, os que mais desfrutam da vida são os que deixam a segurança da margem e se apaixonam pela missão de comunicar a vida aos demais.”<sup>76</sup>

---

<sup>73</sup> FRANCISCUS PP., Adhortatio apostolica Evangelii gaudium, n° 33

<sup>74</sup> FRANCISCUS PP., Adhortatio apostolica Evangelii gaudium, n° 31

<sup>75</sup> FRANCISCUS PP., Adhortatio apostolica Evangelii gaudium, n° 20

<sup>76</sup> FRANCISCUS PP., Adhortatio apostolica Evangelii gaudium, n° 10

A missão da Igreja não se fundamenta essencialmente numa mensagem moral, mas antes numa mensagem de amor. Este facto reclama a cada cristão um encontro personalizado com o seu próximo, por forma a anunciar este Deus de amor, pessoa a pessoa, de coração a coração. Este é o essencial da missão, no qual o Papa pede que nos concentremos, pois de outro modo corremos o risco de desvirtuar a missão e não a viver na plenitude, uma vez que “quem ama o próximo cumpre plenamente a lei.”<sup>77</sup> É necessário uma missão que tenha o Espírito Santo como alma e protagonista, ela não se pode resumir a um executar de tarefas, pelo que, “do ponto de vista da evangelização, não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração.”<sup>78</sup> Só Cristo pode ser resposta salvífica para as questões e os males do homem. A salvação oferecida por Ele é eterna, não é um algo do passado, como muitos hoje tentam fazer crer, o Seu Evangelho é um valor sempre atual, é uma eterna novidade para o homem. Os caminhos da missão terão que passar por testemunho, caridade e diálogo. Por isso é importante que o diálogo com a cultura pela inculturação, ou seja, levar o Evangelho a falar ao coração humano na realidade e nas circunstâncias em que cada um está e vive, sem nunca perder esse caráter singular e original. Mas, igualmente, o diálogo com culturas secularizadas, aonde se tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado, negando toda a transcendência e vivendo num relativismo moral. Esta cultura tende a ser hostil perante a ação evangelizadora da Igreja. É por isso importante que os cristãos tenham a coragem de testemunhar a fé com mais ardor e serem dóceis ao Espírito Santo para discernir os “sinais dos tempos”, e encontrar novas possibilidades de plantar a semente do Reino.

---

<sup>77</sup> FRANCISCUS PP., Adhortatio apostolica Evangelii gaudium, n° 161

<sup>78</sup> FRANCISCUS PP., Adhortatio apostolica Evangelii gaudium, n° 262

### 2.2.3. As cinco dimensões da missão cristã: anúncio, testemunho, serviço, liturgia e comunhão

A ação missionária tem como coração o mistério pascal de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, e que se faz presente na Igreja e no mundo. Esta ação evangelizadora da Igreja tem cinco sinais, que mostram a sua riqueza e autenticidade, atualizando a missão de Jesus no mundo e na história. Estes sinais, ou dimensões, que o Secretariado para os Não-cristãos destaca nos n<sup>os</sup> 13 e 15 do documento “Diálogo e Missão”, são cinco formas de ação que se harmonizam com aspetos antropológicos basilares da condição humana:

1. O **anúncio** (kerygma), a proclamação profética da mensagem evangélica, no qual Jesus é manifestado e aclamado como o único que pode oferecer a salvação definitiva e absoluta. É um convite à conversão e a uma vida nova em Cristo.<sup>79</sup>
2. O **testemunho** (martyria), a proclamação do Evangelho através de uma fidelidade vivida no dia-a-dia. É um anúncio, igualmente, profético da Palavra, no qual o Evangelho é a chave de interpretação da vida cristã do fiel e da sua história.
3. O **serviço** (diakonía), a realização do Reino através do amor (agápe) e do serviço fraterno à comunidade humana. O ato de realizar tudo por amor, com a humildade de quem tem como modelo Aquele que se fez servo de todos. Um serviço que passa por comunhão de bens e por uma atenção especial pelos mais pobres e fracos, promovendo valores que contribuam para uma realização integral do homem.<sup>80</sup>
4. A **liturgia** (leitourgia), celebração do mistério pascal, através de ritos e gestos. Ação cultural que expressa louvor a Deus. Toda a ação da Igreja tem na liturgia a sua fonte e o seu cume. Através desta dimensão, toda a Igreja é projetada para um ideal de continuidade. Todos os fiéis fecundados pelo encontro sacramental com

---

<sup>79</sup> Cf. BLANCO, Juan, *Emplazados para una nueva evangelización*, 263-264

<sup>80</sup> Cf. BOROBIO, Dionisio, *Los ministerios en la comunidad*, 84

Cristo, sentem-se estimulados a serem testemunhas e anunciadores do Evangelho através de uma missão ininterrupta.<sup>81</sup>

5. A **comunhão** (koinonía), a unidade entre todos os membros e comunidades da Igreja e, igualmente, o desejo de fraternidade e paz entre toda a humanidade. A comunidade eclesial, radicada nas palavras de Cristo, deve manifestar uma forma nova de conviver como irmãos, procurando igualmente levar todos homens a viver reconciliados e unidos, como uma verdadeira família humana.<sup>82</sup>

A renovação do compromisso evangelizador da Igreja, nas suas duas dimensões: *ad intra* e *ad extra*, passa por uma auto-compreensão de ela também ser local de evangelização e conversão permanente. O profetismo do povo de Deus nasce da sua participação do *múnus* profético de Cristo através do batismo. Este *múnus* profético tem, entre outras, duas formas de manifestação na missão evangelizadora: o anúncio e o testemunho. Estas duas formas são duas facetas da mesma realidade missionária, elas complementam-se. O testemunho anuncia a adesão à Boa-Nova, através de gestos e a fidelidade do cristão a Cristo. Ele expressa a autenticidade da ação da Palavra na vida de cada fiel. O anúncio manifesta de uma forma explícita a Palavra, o mistério de salvação, que se alcança através do acolhimento da verdade em Cristo.<sup>83</sup> Paulo VI diz que:

*“Por conseguinte, a Boa Nova proclamada pelo testemunho da vida deverá, mais tarde ou mais cedo, ser proclamada pela palavra da vida. Não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados.”*<sup>84</sup>

Na escritura, os profetas eram homens e mulheres escolhidos por Deus com a missão de interpretar a Sua Palavra, em circunstâncias concretas da história de salvação,

---

<sup>81</sup> Cf. BOROBIO, Dionisio, *Los ministerios en la comunidad*, 84

<sup>82</sup> Cf. BOROBIO, Dionisio, *Los ministerios en la comunidad*, 84

<sup>83</sup> Cf. BIFET, Juan, *Misiologia: evangelizar en un mundo global*, 414

<sup>84</sup> PAULUS PP. VI, “Adhortatio Apostolica Evangilli nuntiandi”, nº 22

assinalando os pecados do povo, geralmente em tempos de crise ou urgência. O profetismo exercido pela Igreja é ele também um denunciar de situações de pecado na realidade humana, que só podem ser vencidos através da Boa-Nova de Jesus.<sup>85</sup> Anunciando as bem-aventuranças, convida-se a humanidade a deixar-se converter pela lei de amor, derrubando todas as barreiras que impedem uma plena doação a Deus e aos irmãos. Mas esta dimensão profética deve levar cada homem a mais:

*“O anúncio, de facto, não adquire toda a sua dimensão, senão quando ele for ouvido, acolhido, assimilado e quando ele houver feito brotar naquele que assim o tiver recebido uma adesão do coração. (...) Uma tal adesão, que não pode permanecer abstrata e desencarnada, manifesta-se concretamente por uma entrada visível numa comunidade de fiéis.”<sup>86</sup>*

A comunhão eclesial é um sinal da presença de Cristo ressuscitado no meio da Igreja, pois Cristo afirma que “onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles” (Mt 18, 20). A comunidade é composta por diversas pessoas com diversos ministérios e serviços, fortalecidas e habilitadas pela ação do Espírito Santo. Ela é um só corpo animada pelo Espírito Santo, cuja cabeça é Cristo. Esta comunhão eclesial tem como modelo Deus, pois Nele subsistem três pessoas diferentes, numa só essência, uma só substância. Em Deus o Pai, o Filho e o Espírito Santo convivem numa relação perfeita e numa doação mútua. Só através da comunhão eclesial pode o cristão dar um bom uso aos dons comunicados pelo Espírito e que ele põe ao dispor dos irmãos através de uma vocação, ministério ou serviço.<sup>87</sup> A comunhão não deverá ser nunca um mero estratagema, mas sim um sinal autêntico e eficaz de que Cristo age no mundo por meio da Igreja. Num mundo tão marcado por divisões e conflitos, os cristãos são chamados a ser sacramento do Reino de fraternidade e de união, propiciando espaço para a liberdade,

---

<sup>85</sup> Cf. BIFET, Juan, *Misiologia: evangelizar en un mundo global*, 414-415

<sup>86</sup> PAULUS PP. VI, “Adhortatio Apostolica Evangelii nuntiandi”, nº 23

<sup>87</sup> Cf. BIFET, Juan, *Misiologia: evangelizar en un mundo global*, 418-419

entendimento e amor. Um sinal desta comunhão é a pastoral de conjunto exercida pelos sacerdotes, consagrados e leigos, numa relação equilibrada de ministérios e serviços, segundo o carisma de cada um. Sinal visível da unidade da Igreja particular é o bispo na sua diocese, sendo o Papa o sinal visível de toda a Igreja, que ele preside com o colégio episcopal.<sup>88</sup>

Esta comunhão eclesial tem a sua plenitude na liturgia, especialmente na celebração eucarística. Ao celebrar o mistério de Cristo, os fiéis afirmam num ato cultual essa mesma unidade em torno de Cristo e do Seu mistério pascal. A conferência episcopal italiana, no seu documento pastoral “Evangelização e Sacramento”, afirma que:

“A missão da Igreja, portanto, pode e deve ser expressa no binómio evangelização-sacramento. Um binómio que todavia parece inadequado para expressar o vínculo íntimo das duas realidades; evangelização é premissa indispensável para o sacramento, enquanto o sacramento entende e leva à plenitude o anúncio, que assim se torna operativa graça através do sinal.”<sup>89</sup>

O concílio Vaticano II declarou que a liturgia poderia ajudar os cristãos a ter uma maior leitura dos acontecimentos e das situações humanas. O exemplo apresentado por Paulo VI é o da homilia, que poderá levar a uma maior perceção e eficácia da Palavra de Deus na vida dos cristãos.<sup>90</sup> A evangelização consiste, também, em comunicar uma experiência de fé com o próprio Cristo. A liturgia é concomitantemente meta para onde caminha toda a ação da Igreja e fonte de onde brota a sua missão e o seu ânimo. O trabalho missionário prepara os homens para se tornarem filhos de Deus pela fé e pelo batismo e se reunirem em assembleia eclesial para louvar o Senhor por meio do culto litúrgico, tendo como âmago a participação no sacrifício e no alimento na Ceia do Senhor (SC 10).

---

<sup>88</sup> Cf. BIFET, Juan, *Misiologia: evangelizar en un mundo global*, 431-433

<sup>89</sup> CONFERENCIA EPISCOPAL ITALIANA, Documento pastoral “Evangelizzazione e sacramenti” n°41, in «*Notiziario della Conferenza episcopale italiana*» (2005). Disponível na Internet via WWW. URL: [https://www.chiesacattolica.it/cc\\_i\\_new/documenti\\_cei/2014-11/11-1047/"Evangelizzazione.e.sacramenti"](https://www.chiesacattolica.it/cc_i_new/documenti_cei/2014-11/11-1047/)\_Documento\_12.7.1973.pdf [accedido no dia 22 de novembro de 2015]

<sup>90</sup> Cf. PAULUS PP. VI, “Adhortatio Apostolica Evangelii nuntiandi”, n° 43

A experiência dos mistérios de Cristo, a comunhão fraterna, o serviço da caridade e a ação profética de anúncio e testemunho, não deverão ser cinco formas para realizar a missão evangélica, mas sim, a vivência basilar duma única experiência, a da comunhão eclesial e fraterna. Ela é festa celebrada, é proclamação através de palavras e gestos e serve os outros na caridade. Cada membro da Igreja tem uma missão precisa a cumprir, segundo a sua vocação específica.<sup>91</sup> A Igreja, como comunidade, é chamada a ter como modelo a comunidade enunciada em Atos 2. Desta forma, a caridade e serviço fraterno, como é indicado em Atos 2, 44-45, é um sinal de comunhão e de fraternidade entre todos os membros dessa grande família. Uma das áreas dessa caridade e serviço tem sido o campo social, em que se tenta prestar assistência aos irmãos mais necessitados e marginalizados. Outra área é da promoção, no qual se tenta criar meios para que esses irmãos sejam senhores do seu destino. Ambas ações procuram levar os irmãos à descoberta da Boa-Nova e possibilitar que eles recebam o dom da fé e a salvação integral em Cristo, através do batismo que os levará a adquirir uma vida nova.<sup>92</sup> A urgência de recuperar a imagem de filhos de Deus desses nossos irmãos desfigurados pelo sofrimento, marginalização e pobreza levou a Igreja a ter uma opção preferencial pelos pobres e convidar a comunidade eclesial a fazer “uma sincera revisão da própria vida, na perspectiva da solidariedade com os pobres”<sup>93</sup>. O amor é o motor da missão e um critério ímpar para aferir se a ação é apropriada ou ineficaz. A caridade, quando não instrumentalizada, dá à missão uma credibilidade e uma eficácia incomparável. Todo aquele que é inspirado e guiado pelo amor vive dirigido por Deus, pois Deus é amor, e toda a sua obra dará bons frutos. Esta foi a intuição de S. Agostinho ao declarar a célebre sentença: “Ama e faz o que quiseres.”<sup>94</sup>

---

<sup>91</sup> Cf. BIFET, Juan, *Misiologia: evangelizar en un mundo global*, 419-420

<sup>92</sup> Cf. BIFET, Juan, *Misiologia: evangelizar en un mundo global*, 420

<sup>93</sup> IOANNES PAULUS PP. II, “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, n°60

<sup>94</sup> AGOSTINHO, *Comentário à Primeira Carta S. João*, 7, 8, PL 35, 2033

### 2.3. O lugar e a missão dos leigos na Igreja e no Mundo

O concílio Vaticano II marca, de uma forma incontornável, a relação Igreja-mundo, emergindo dele um novo modelo eclesiológico, que procurava levar a Igreja a servir e a dialogar com o mundo, de acordo com os sinais dos tempos e segundo a sua verdadeira vocação e missão. José Borges de Pinho, no artigo “Lumen Gentium: A Igreja (antes, depois, 50 anos depois)”, afirma que a Igreja no período pré-conciliar estava fechada sobre si mesma, pouco aberta a pensar sobre a realidade de um mundo em transformação, particularmente desde a reforma protestante. Ela era definida como uma sociedade perfeita e hierárquica, uma definição puramente jurídica e institucional. Este modelo eclesial não tinha a sua fundamentação nas fontes bíblicas ou na Igreja primitiva, mas fundava-se na sociedade civil.<sup>95</sup> Nesse modelo eclesial, a salvação oferecida pela missão da Igreja era uma salvação individual, que se obtinha pela pertença à Igreja. Era um modelo que vivia a partir da referência hierárquica, definindo-se de cima para baixo, uma sociedade desigual. O concílio Vaticano II alterou essa perspectiva que definia a Igreja a partir do ministério ordenado. De um modelo de Igreja como sociedade perfeita passou-se a definir a Igreja a partir uma multiplicidade de imagens, complementares entre si e direcionadas pelo prisma do mistério e da Trindade. Este fato está patente na constituição dogmática *Lumen Gentium*, que como ponto de partida a Igreja como Povo de Deus, no capítulo I, dando prioridade à igualdade essencial e à comum responsabilidade de todos os fiéis num modelo de comunhão e serviço, antes de se falar da Constituição Hierárquica da Igreja, no capítulo III. A *Lumen Gentius*, no capítulo I, fala igualmente da Igreja católica como “sacramento” (LG 1), “como «um povo unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo»”. A Igreja passou, assim, a rever-se como povo de Deus, uma Igreja peregrina em direção ao futuro que Deus deseja para a humanidade. Desta forma,

---

<sup>95</sup> Cf. BORGES DE PINHO, José, *Lumen Gentium: A Igreja (antes, depois, 50 anos depois)*, 257-264

é como povo que a Igreja é chamada a abraçar a missão de Cristo, vivendo em comunhão com o Seu Senhor e com os seus irmãos, para se realizar plenamente como sacramento de salvação e sinal da presença divina entre os homens e toda criação.

Com o concílio, os leigos passaram a ter um papel mais relevante e próprio na missão da Igreja. Esta nova visão é fruto de uma teologia do laicado desenvolvida especialmente durante o séc. XX, tendo como um dos grandes impulsionadores o teólogo dominicano Yves Congar. Ela é também consequência do surgimento de movimentos e associações laicais, que tinham distintos carismas, que apresentavam toda a excelência e fertilidade de ser discípulo de Cristo através do apostolado laical; neste campo destaca-se a ação católica.<sup>96</sup> Assim, a relação dos leigos com a hierarquia deixa de ser definida unicamente como uma relação de subordinação, os leigos passam a ter um espaço próprio no interior da Igreja, uma autonomia. A hierarquia, segundo a constituição dogmática LG, tem a função de servir os restantes irmãos, para que estes possuam a “verdadeira dignidade cristã, alcancem a salvação, conspirando livre e ordenadamente para o mesmo fim”, ou seja, à hierarquia compete animar e celebrar sacramentalmente a missão da Igreja. O sacerdócio comum e o sacerdócio ministerial diferenciam-se por essência e não só por grau: não porque um participa de uma forma mais ou menos plena no único sacerdócio de Cristo, mas porque são participações fundamentalmente diferentes. O sacerdócio ministerial alicerça-se no caráter dado pelo sacramento da Ordem, que configura o ordenado com Cristo Sacerdote, para que este aja *in persona Christi*.

Aos leigos impende a missão de anunciar o Evangelho através da palavra, testemunho de vida e o diálogo, com um espírito de *diakonia*, inspirada no próprio Cristo, que não “veio para ser servido, mas para servir” (Mc 10, 45).<sup>97</sup> Nesta dimensão “diaconal” dos leigos tem grande importância o reconhecimento da ação do Espírito Santo em todos

---

<sup>96</sup> Cf. KIZHAKKEPARAMPIL, Isaac, *The Invocation of the Holy Spirit as Constitutive of the Sacraments according to cardinal Yves Congar*, 20

<sup>97</sup> Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, nº 543

aqueles que constituem a Igreja e sobre quem é confiada a missão da Igreja. Cada cristão é presenteado com dons do Espírito Santo, dons que os capacitam com carismas, que se constituem como um elemento fundamental para a missão de cada fiel na Igreja e no mundo. Os leigos têm o papel de anunciar e testemunhar o Evangelho nas realidades temporais da sociedade, da cultura, da política, do trabalho, a partir da sua vivência eclesial, espiritual e sacramental, para que se realize também no seu apostolado, a comunhão que Cristo nos convida a viver e a construir com vista ao Reino. Esta presença no mundo é importante, como afirma João no início da sua primeira carta:

*“O que existia desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos e as nossas mãos tocaram relativamente ao Verbo da Vida, de facto, a Vida manifestou-se; nós vimo-la, dela damos testemunho e anunciamo-vos a Vida eterna que estava junto do Pai e que se manifestou a nós o que nós vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também vós estejais em comunhão connosco. E nós estamos em comunhão com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo.”* (1 Jo, 1-3)

O Concílio veio resgatar um modelo no qual a importância não está no estado dos cristãos, clérigos ou leigos, mas sim na sua condição de batizados. Pois, é através desse sacramento que todos somos incorporados em Cristo, exercendo com Ele, na Sua missão, a função de sacerdotes, profetas e reis, embora cada qual a seu modo. O concílio procurou uma definição positiva do estado laical, mas a partir de uma descrição negativa, ou seja, os leigos não são clero, nem são religiosos, são um estado próprio, com uma autonomia e missão própria (LG 31). A Igreja passa a ser um só corpo, o de Cristo, no qual existe uma diversidade de membros e de funções, que são exercidos, através dos dons do Espírito Santo de acordo com “a sua riqueza e as necessidades dos ministérios para utilidade da Igreja” (LG 7) Através dessa ação do Espírito, os leigos devem tornar-se mais conscientes da sua responsabilidade intrínseca de construir a comunhão eclesial, converter as realidades temporais a partir de dentro,

promovendo a sua própria santificação. O decreto Apostolicam Actuositatem realça a importância do Espírito Santo no apostolado laical afirmando que o:

*“Espírito Santo - que opera a santificação do Povo de Deus por meio do ministério e dos sacramentos concede também aos fiéis, para exercerem este apostolado, dons particulares (cfr. 1 Cor. 12, 7), «distribuindo-os por cada um conforme lhe apraz» (1 Cor. 12, 11), a fim de que «cada um ponha ao serviço dos outros a graça que recebeu» e todos atuem, «como bons administradores da multiforme graça de Deus» (1 Ped. 4, 10), para a edificação, no amor, do corpo todo (cfr. Ef. 4, 1)” (AA 3).*

Neste contexto a LG afirma que “os leigos são especialmente chamados a tornarem a Igreja presente e ativa naqueles locais e circunstâncias em que só por meio deles ela pode ser o sal da terra” (LG 33). Enquanto cidadãos, os leigos são chamados a cooperar com a restante sociedade civil, de acordo com as suas capacidades e responsabilidades, para que se torne real a justiça do Reino anunciada por Cristo.

João Paulo II, na exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles laici*, afirma que os leigos “participam no *múnus* sacerdotal, pelo qual Jesus se ofereceu a Si mesmo sobre a Cruz e continuamente Se oferece na celebração da Eucaristia para glória do Pai e pela salvação da humanidade.”<sup>98</sup> Pela participação no *múnus* sacerdotal, o leigo celebra a presença salvífica de Deus na história, oferecendo-se a si mesmo e a sua ação pelo Reino de Deus. A participação do leigo no *múnus* profético “habilita e empenha os fiéis leigos a aceitar, na fé, o Evangelho e a anunciá-lo com a palavra e com as obras, sem medo de denunciar corajosamente o mal.”<sup>99</sup> O leigo anuncia aquilo que ele próprio traz em si: a esperança, a fé e a caridade evangélica. O profetismo laical é vivido a seu modo, fermentando e testemunhando a presença de Cristo, combatendo e denunciando o mal. O *múnus* real de Cristo é vivido ao serviço do Reino de Deus e dos irmãos, pois os leigos vivem

---

<sup>98</sup> IOANNES PAULUS PP. II, “Adhortatio apostolica post-synodalis *Christifideles Laici*”, nº14

<sup>99</sup> IOANNES PAULUS PP. II, “Adhortatio apostolica post-synodalis *Christifideles Laici*”, nº14

...“a realeza cristã, sobretudo no combate espiritual para vencerem dentro de si o reino do pecado (cf. Rom 6, 12), e depois, mediante o dom de si, para servirem, na caridade e na justiça, o próprio Jesus presente em todos os seus irmãos, sobretudo nos mais pequeninos (cf. Mt 25, 40).”<sup>100</sup>

Desde sempre houve um envolvimento laical na missão da Igreja católica, pese embora essa presença fosse, muitas vezes, reduzida ao papel auxiliar e sempre sobre o controlo estrito da hierarquia. No mundo protestante, a realidade era diferente, já que nas missões havia um movimento laical muito forte, resultado de um voluntariado muito ativo. Esse envolvimento laical na missão é enunciado no decreto AG, como sendo o dever de todos os fiéis de “colaborar no crescimento e na expansão do Seu corpo para o levar a atingir, quanto antes, a sua plenitude”. Esta colaboração, como já afirmado anteriormente, deverá ser feita como é próprio de um leigo, isto é, tanto como testemunhas, quanto como “instrumentos vivos”, cooperando na obra de evangelização (AG 41). O terceiro capítulo do decreto *Apostolicam actuositatem* faz uma exposição pormenorizada dos espaços em que os leigos são convocados a atuar. Em primeiro lugar, este documento, fala das comunidades da Igreja, seguidamente, reserva uma especial atenção à família e aos jovens, por fim, o campo de ação social, apostolado nacional e internacional. Nestes últimos campos, o decreto determina que na ação social, os leigos devem através da caridade fraterna, sensíveis aos sofrimentos, aspirações e condições de vida dos seus irmãos, estar disponíveis a participar na construção da sociedade (cf. AA 13).

No que se refere ao apostolado na ordem nacional e internacional, os leigos devem promover a solidariedade entre os povos, o afeto fraternal, cooperando com todos os homens de boa vontade, pela verdade e desenvolvimento da sociedade (Cf. AA 14). A missão é de toda a Igreja, ninguém pode sentir-se excluído ou renegado para um papel secundário; a missão tem que ser alcançada na responsabilidade partilhada entre todos.

---

<sup>100</sup> IOANNES PAULUS PP. II, “Adhortatio apostolica post-synodalis Christifideles Laici”, nº14

Os leigos não podem ser vistos como uma resposta à falta de vocações, como substitutos, suplentes, mas sim, como cooperadores. Desta forma, eles são também corresponsáveis pelo sucesso da missão. Muito da missão laical “*ad gentes*” tem sido feito em colaboração com os institutos missionários, na linha do que foi indicado na *Redemptoris Missio*:

*“Na atividade missionária, devem-se valorizar as várias expressões do laicado, respeitando a sua índole e finalidade: associações do laicado missionário, organismos cristãos de voluntariado internacional, movimentos eclesiais, grupos e sodalícios de vários géneros, sejam aproveitados na missão ad gentes e na colaboração com as Igrejas locais. Deste modo se favorecerá o crescimento de um laicado maduro e responsável cuja “formação, nas jovens Igrejas, se requer como elemento essencial e irrenunciável da plantatio Ecclesiae.”*<sup>101</sup>

E fazem-no de uma forma generosa, desprendida, acolhendo o mandato do Senhor “ide pelo mundo inteiro” (Mc 16, 15), oferecendo um testemunho de “amor apaixonado por Cristo e pela Igreja com a sua presença ativa em terras de missão.”<sup>102</sup>

## **2.4. Missão como meio de promoção humana**

A missão da Igreja efetua-se através dos trilhos da história, consciente dos elos antropológicos profundos presentes entre evangelização, desenvolvimento integral, promoção humana e libertação.<sup>103</sup> A discussão teológica sobre a promoção humana, também denominada de teologia de libertação em certas áreas, nasceu da preocupação da Igreja em dirigir-se a todos aqueles que vivem em situação de exploração, injustiça e opressão, por forma a fazer-se um anúncio salvífico do Evangelho como salvação integral do homem. Nas palavras de João Paulo II, “também o compromisso com a paz, a justiça, os direitos do homem, a promoção humana, é um testemunho do Evangelho, caso seja um

---

<sup>101</sup> IOANNES PAULUS PP. II, “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, nº72

<sup>102</sup> IOANNES PAULUS PP. II, “Adhortatio apostolica post-synodalis Christifideles Laici”, nº35

<sup>103</sup> Cf. PAULUS PP. VI, “Adhortatio Apostolica Evangilli nuntiandi”, nº 31

sinal de atenção às pessoas e esteja ordenado ao desenvolvimento integral do homem.”<sup>104</sup>

Com a globalização houve mudanças profundas no modo de viver, de valores e de ver o mundo. Se houve bons frutos que nasceram deste processo, houve igualmente consequências nefastas tais como: exclusão social, vagas migratórias, pobreza crescente de nações inteiras, violação dos direitos humanos, poluição ambiental, etc. Estes problemas passaram a ser discutidos em vários organismos e organizações internacionais. A Igreja, perante a sua missão salvífica, sentiu que não podia manter-se à margem dessa discussão e do sofrimento da humanidade. Com um Espírito profético, João Paulo II afirma na *Sollicitudo Rei Socialis*:

*“No quadro das tristes experiências dos últimos anos e do panorama predominantemente negativo do momento atual, a Igreja sente-se no dever de afirmar com vigor: a possibilidade de superar os entraves que se interpõem, por excesso ou por defeito, ao desenvolvimento; e a confiança numa verdadeira libertação. Esta confiança e esta possibilidade fundam-se, em última instância, na consciência que tem a mesma Igreja da promessa divina, a assegurar-lhe que a história presente não permanece fechada em si mesma, mas está aberta para o Reino de Deus.”*<sup>105</sup>

O ponto de partida para esta discussão é a realidade local, quer ao nível sociopolítico, quer ao nível económico de cada povo. O seu objetivo é o de combater estas realidades de pecado através de ações que promovam a justiça, a solidariedade e a paz, realizando verdadeiras transformações nas sociedades. Mas, esta ação deve ter sempre em conta que a missão da Igreja não é de ordem económica, social ou política, mas antes, de ordem religiosa. Esta tentação levaria a Igreja a perder o seu sentido salvífico e escatológico e, igualmente, a originalidade da libertação que anuncia, correndo o risco de ser manipulada por sistemas ideológicos. Esta é uma fronteira muito ténue, assim, consciente deste facto João Paulo II avisa:

---

<sup>104</sup> IOANNES PAULUS PP. II, “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, n°42

<sup>105</sup> IOANNES PAULUS PP. II, “Litterae Encyclicae Sollicitudo Rei Socialis”, n°47

*“Não devemos esconder, entretanto, que numerosos cristãos, generosos e sensíveis perante os problemas dramáticos que se apresentam quanto a este ponto da libertação, ao quererem atuar o empenho da Igreja no esforço de libertação, têm frequentemente a tentação de reduzir a sua missão às dimensões de um projeto simplesmente temporal; os seus objetivos a uma visão antropocêntrica; a salvação, de que ela é mensageira e sacramento, a um bem-estar material; a sua atividade, a iniciativas de ordem política ou social esquecendo todas as preocupações espirituais e religiosas.”<sup>106</sup>*

Este anúncio tem como interlocutores aqueles que são vítimas de uma ordem económica desajustada, de poderes injustos, mas também, aqueles a quem é negado o conhecimento do amor de Deus e da Sua solicitude pelos pobres e necessitados. Assim, se por um lado, o anúncio se destina aos povos do hemisfério sul, no qual se desenvolve grande parte da missão *ad gentes*, por outro lado, também se destina aos povos do hemisfério norte, centrados em si mesmos, prisioneiros de uma sociedade consumista, individualista e egoísta, por forma, a educar consciências, converter corações e abrir caminhos de solidariedade.<sup>107</sup> Por isso:

*“A atividade missionária leva aos pobres a luz e o estímulo para o verdadeiro progresso, enquanto a nova evangelização, entre outras tarefas, deve criar, nos ricos, a consciência de que chegou o momento de se tornarem realmente irmãos dos pobres, na conversão comum ao «progresso integral», aberto ao Absoluto.”<sup>108</sup>*

A missão como promoção humana tem dois fins, o primeiro é o de impulsionar a libertação do ser humano de tudo aquilo que o torna sub-humano, de tudo aquilo que o leva a viver em condições opressivas e limita o seu desenvolvimento. O segundo é o de alcançar um desenvolvimento integral dos povos e dos valores que os guiam. Esta missão não deve, nem se pode reduzir a um mero assistencialismo, como foi prática corrente

---

<sup>106</sup> PAULUS PP. VI, “Adhortatio Apostolica Evangilli nuntiandi”, n° 32

<sup>107</sup> Cf. NUNES, José, *Teologia da Missão*, 61

<sup>108</sup> IOANNES PAULUS PP. II, “Litterae Encyclicae Redemptoris Missio”, n°59

durante largos períodos da missão ad gentes. Ela tem de levar os povos a assumir a plena responsabilidade dos seus destinos, garantindo que os povos participem nos processos de decisão que os afetam. Um desenvolvimento autêntico toca a dignidade dos homens e dos povos, não é meramente uma questão material ou técnica, questão à qual não compete à Igreja, enquanto tal, apresentar soluções.<sup>109</sup> Esta missão tem de ter o seu fundamento e norte na pessoa de Cristo, que assumindo a nossa natureza nos divinizou. Cristo é o próprio Deus que vem para levantar todo o homem caído e ferido, como tão claramente Ele apregoou, nas sinagogas, ao expor o Seu projeto: “anunciar a Boa-Nova aos pobres; (...) proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor” (Lc 4, 18-19). Nesta dimensão está em causa a própria fidelidade de todos os cristãos ao Evangelho, pois ao assumir a sua “opção preferencial pelos pobres”, a Igreja não pede só o envolvimento dos religiosos ou da hierarquia, mas de toda a Igreja. É nesta missão que está presente um dos aspetos da dimensão profética de toda a Igreja, que é a denúncia dos males e da injustiça que atinge o homem e a proclamação da “verdade acerca de Cristo, de si mesma e do homem aplicando-a a uma situação concreta.”<sup>110</sup>

Existe nesta missão uma dimensão escatológica, já que ela aponta para a plenitude do Reino de Deus, para a recapitulação de todas as coisas em Cristo. Mas, esta teologia não se limita apenas a apontar caminhos futuros, ela quer já indicar que o *eschaton* já se realiza no presente da história humana através da missão. Todos somos chamados a anunciar, a aclamar e a edificar a Boa-Nova do Reino de Deus que Jesus veio inaugurar com a Sua encarnação. Para que essa missão tenha credibilidade e consistência é necessário mais do que palavras, é preciso que haja uma práxis associada, gestos e sinais, testemunhos de vida. De acordo com João Paulo II, é “conveniente salientar o papel preponderante que

---

<sup>109</sup> Cf. IOANNES PAULUS PP. II, “Litterae Encyclicae Sollicitudo Rei Socialis”, nº41

<sup>110</sup> IOANNES PAULUS PP. II, “Litterae Encyclicae Sollicitudo Rei Socialis”, nº41

incumbe aos leigos, homens e mulheres, (...) A eles compete animar, com espírito cristão, as realidades temporais e testemunhar, nesse campo, que são operadores de paz e de justiça”.<sup>111</sup> Só assim, a evangelização não se reduz a uma mera vontade, mas vai-se encarnando na vida e na realidade histórica, através de uma práxis transformadora fundada no Evangelho. Contudo, a nossa fé deve-nos levar mais além neste campo, o desenvolvimento que buscamos não é o que o mundo reclama, mas sim um, no qual todo o homem encontra a sua verdadeira humanidade e a vida para o qual foi chamado, com os seus irmãos e principalmente com Deus.

## **2.5. O voluntariado missionário em Portugal**

Segundo o Padre António Neves, os alicerces do voluntariado missionário em Portugal foram lançados em 1988, quando dois grupos de jovens leigos missionários partiram para dois Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Foi nesse ano que os Jovens Sem Fronteiras, um movimento católico ligado aos Missionários do Espírito Santo, enviaram sete voluntários para o interior da Guiné-Bissau, para o lançamento dos fundamentos da Escola Sem Fronteiras de Caió – Tubebe, em território manjaco. Este foi o primeiro passo do projeto “Ponte”<sup>112</sup>, depois deste já se realizaram mais vinte e cinco outras “Pontes”. Nesse mesmo ano, em outubro, um grupo de quatro jovens, pertencentes aos Leigos para o Desenvolvimento, uma ONGD de cariz católica, partiu de malas e bagagens para São Tomé e Príncipe, ao encontro de outros dois voluntários, que haviam viajado previamente, e da população local.<sup>113</sup> Iniciou-se, desta forma, uma nova etapa da missão em Portugal. Após estes dois grupos, foram enviados voluntários pelo Gas’Africa, um grupo de ação social da Universidade Católica Portuguesa, em 1990, pelo Movimento

---

<sup>111</sup> IOANNES PAULUS PP. II, “Litterae Encyclicae Sollicitudo Rei Socialis”, nº47

<sup>112</sup> Um projeto de voluntariado atualmente desenvolvido pelos Jovens Sem Fronteiras em parceria com a ONGD Sol Sem Fronteiras e que tem a duração de um mês.

<sup>113</sup> Cf. NEVES, Tony, Crónicas com Missão 2, 251

ao Serviço da Vida em 1991 e pelo Vides, uma associação de voluntariado ligada ao Instituto Filhas de Maria Auxiliadora, em 1992<sup>114</sup>. Hoje já são mais de cinquenta os grupos, entre eles os Leigos Missionários Combonianos, a Juventude Hospitaleira e os Leigos Missionários da Consolata, que partiram para Moçambique, para Timor, para Angola, para o Brasil, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe.

No princípio de 1990, no contexto das comemorações dos cinco séculos de evangelização e encontro de culturas, a Conferência Episcopal Portuguesa, em consonância com os institutos religiosos, constituiu a Fundação Fé e Cooperação (FEC), para ser uma plataforma de apoio e de partilha entre as várias entidades que atuam no voluntariado missionário.<sup>115</sup> A FEC é uma ONGD, um órgão autónomo da Conferência Episcopal Portuguesa que trabalha com dioceses, congregações religiosas e entidades da sociedade civil. A FEC detém o estatuto de Pessoa Coletiva de Utilidade Pública, reconhecido pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros e pela União Europeia, sendo igualmente uma instituição canónico-civil de direito privado, que se rege por Estatutos próprios e, nos casos omissos, pelas disposições legais específicas da sua natureza jurídica. Tem como missão desenvolver, estimular, potencializar e coordenar as atividades e os meios da Igreja portuguesa na sua relação, solidariedade e cooperação com os países lusófonos. Ela procura o desenvolvimento humano integral através da cooperação e solidariedade entre pessoas, comunidades e Igrejas, tendo como áreas preferenciais de atuação: cooperação para o desenvolvimento; educação para o desenvolvimento & advocacia social. Enquanto organismo da Igreja Católica em Portugal, a FEC efetua a sua missão operando como uma ampla rede de diálogo, mobilização, cooperação e sensibilização entre pessoas, comunidades e Igrejas, em particular dos países lusófonos. Para esse efeito, ela é membro de várias redes, donde

---

<sup>114</sup> Cf. OBRAS MISSIONÁRIAS PONTIFICIAS, Missão – Urgência e Prioridade, 229

<sup>115</sup> Cf. Fundação Fé e Cooperação. *Estatutos da Fundação Fé e Cultura*. Disponível na Internet via URL: [http://www.fecongnd.org/qs\\_noticia.asp?noticiaid=32754](http://www.fecongnd.org/qs_noticia.asp?noticiaid=32754) [acedido no dia 22 de dezembro de 2015]

ressaltamos: Plataforma Portuguesa das ONGD, Confederação Portuguesa de Voluntariado e Cooperação Internacional para o Desenvolvimento e Solidariedade (CIDSE). Foi pedido à FEC que exercesse a função de Plataforma das Entidades de voluntariado Missionário. Esta Plataforma é importante pois permite, através de várias atividades anuais, que haja uma partilha de experiências e a criação de um sentido de responsabilidade mútuos, entre as várias entidades, na missão *ad gentes*, uma formação partilhada e comum de voluntários centrada em temáticas fundamentais e essenciais aos formadores, para que apesar das diversas espiritualidades e tipologias de formação específicas de cada entidade, possam ter um ponto de partida e de chegada comum. A FEC também ajuda no acolhimento dos voluntários no regresso das suas experiências missionárias e também atua como ponte entre voluntários e entidades, disponibilizando informações sempre que necessário.

Apesar do voluntariado missionário ser um fenómeno ainda muito recente, nos últimos 12 anos partiram, segundo a FEC, cerca de 4348 voluntários inseridos em projetos de voluntariado missionário, de curta e longa duração, em países em desenvolvimento. Estes voluntários, de diversas entidades e grupos de diferentes carismas e projetos, tentam implementar no terreno ações concretas de desenvolvimento humano integral nas suas diversas dimensões. Segundo os dados da FEC, apresentadas na tabela seguinte, podemos verificar que há um crescimento de voluntários entre os anos de 2012 e 2014, em relação aos anos anteriores. Em 2015 esse crescimento sofreu uma contração, partindo 276 jovens e adultos, integrado em 44 entidades. Ao examinarmos estes números temos que ter em atenção que nem todas as entidades forneceram os dados referentes aos diferentes projetos de voluntariado missionário desenvolvidos durante os anos em análise. A maioria dos voluntários são jovens estudantes, que aproveitam o tempo de férias para se integrarem num projeto missionário. As principais áreas de intervenção das entidades promotoras são a educação e a formação.

Tabela 1- Evolução do número de voluntários por ano/missões internacionais

<b>Ano</b>	<b>Nº total de voluntários</b>	<b>Nº Entidades envolvidas</b>	<b>Partidas por 1 a 6 meses</b>	<b>Partidas por 1 a 2 anos</b>
<b>2003</b>	290	26	227	63
<b>2004</b>	301	29	202	99
<b>2005</b>	291	33	223	68
<b>2006</b>	261	30	214	47
<b>2007</b>	263	32	198	65
<b>2008</b>	283	37	220	63
<b>2009</b>	381	44	321	60
<b>2010</b>	360	41	317	43
<b>2011</b>	287	47	231	56
<b>2012</b>	402	44	353	49
<b>2013</b>	405	37	350	55
<b>2014</b>	548	49	514	34
<b>2015</b>	276	44	249	27

Fonte: Fundação Fé e Cooperação

Segundo uma estatística realizada pela FEC em 2004, muitas das entidades que promovem este tipo de voluntariado são Institutos e Congregações religiosas, seguida de Associações, Fundações, Movimentos, ONGD, Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) e outro tipo de organizações, havendo também entidades diocesanas ou paroquiais e grupos universitários<sup>116</sup>. As entidades e organizações promotoras do voluntariado estão estabelecidas de acordo com a Lei n.º 71/98, de 03 de novembro de 1998, que determina as Bases do enquadramento jurídico do voluntariado. Ela afirma que podem ser entidades promotoras de voluntariado, pessoas coletivas de direito público ou privado ou entidades públicas da administração central, regional ou local, que foram legalmente constituídas e que reúnam condições de integrar voluntários e os coordenar dentro dos âmbitos previamente definidos. Podem igualmente promover o voluntariado entidades públicas da administração central, regional e outras organizações socialmente reconhecidas. Segundo a Lei n.º 71/98, de 03 de novembro de 1998, as atividades desenvolvidas por essas entidades deverão ser de interesse social e comunitário e poderá

<sup>116</sup> Cf. Fundação Fé e Cooperação. *Voluntariado Missionário em Retrospectiva*. Disponível na Internet via URL: <http://www.fecong.org/imprimir.asp?noticiaid=13470> [acedido no dia 7 de março de 2016]

ser desenvolvida nos âmbitos cívicos, da ação social, da saúde, da educação, da ciência e da cultura, da defesa do património e do ambiente, da defesa do consumidor, da cooperação para o desenvolvimento, da vida associativa e da economia social, do emprego e da formação profissional, da reinserção social, da proteção civil, da promoção do voluntariado e da solidariedade social.<sup>117</sup> Segundo a FEC são sessenta e uma as entidades que integram a rede de voluntariado missionário<sup>118</sup>. Estas organizações têm diferentes tipologias e diversas áreas de ação,

---

<sup>117</sup> Pode ler-se sobre as organizações promotoras de voluntário no artigo 4º da lei 71/98 de 3 de novembro, presente no Diário da República – I série – A nº254 – 3 -11 – 1998.

<sup>118</sup> Cf. ROCHA, Paulo; BORGES, Carlos, *Voluntariado: 900 portugueses envolvidos em projetos de voluntariado*. Disponível na Internet via URL: <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/nacional/voluntariado-900-portugueses-envolvidos-em-projetos-de-voluntariado/> [acedido no dia 11 de abril de 2016]

## **CAPÍTULO 3 - ESTUDO EMPÍRICO**

Recentemente o voluntariado missionário tem vindo a ganhar importância e espaço em vários setores da vida da Igreja em Portugal, principalmente no espaço jovem. No nosso País são vários os movimentos, associações, grupos e organizações que promovem voluntariado de caráter missionário em diferentes regiões do mundo. Assim, o presente estudo tem como principal objetivo analisar este fenómeno, de forma a perceber e identificar as motivações que impelem homens e mulheres a doarem o seu tempo e competências em prol dos outros e, igualmente, saber a leitura e balanço que fazem dessa experiência. O conhecimento destes pontos pode ajudar a planear, otimizar e a promover ações que vão ao encontro dos interesses dos voluntários; permitir que haja um melhor “recrutamento” e seleção dos mesmos, conforme as necessidades das entidades que promovem o voluntariado; ajudar as instituições a acompanharem melhor os voluntários no pós-missão; fazer um melhor aproveitamento da experiência acrescida do voluntário no regresso à sua comunidade de origem.

O presente capítulo está dividido em quatro partes. A primeira apresenta e justifica as questões que guiam o estudo realizado. A segunda faz uma descrição das diferentes fases que integraram o planeamento e a realização do estudo empírico. A terceira apresenta uma breve caracterização da entidade parceiras do estudo. A quarta, e última, faz a apresentação, análise e interpretação dos resultados.

### **3.1. Questões de partida**

Perceber e identificar as motivações que levam uma pessoa a enveredar pelo voluntariado missionário é uma tarefa difícil, pois estamos a falar de um fenómeno muito amplo e porque, de acordo com Oscar Garcia, as motivações que levam uma pessoa a

exercer o voluntariado podem alterar-se com o tempo e com a vivência da experiência<sup>119</sup>. Esta dificuldade em determinar as motivações do voluntariado é visível nas conclusões de alguns estudos. Num estudo realizado, em 1991, por Carlo et al., os autores afirmam que o trabalho voluntário é movido pelo altruísmo.<sup>120</sup> Num outro estudo, realizado uma década antes, por Archer et al., afirma que a motivação para o trabalho voluntário abarca conceitos mais egocentricos: sentir-se bem, melhorar autoestima, ou obter reconhecimento social<sup>121</sup>.

Esta investigação tem como objeto de estudo o voluntário missionário e pretende alcançar os seguintes objetivos:

- Saber o que leva os voluntários missionários a comprometerem-se com a missão e a partir, abandonando o seu conforto, segurança e bem-estar;
- Saber que impactos tem a experiência missionária nas suas vidas e nos seus compromissos,
- Conhecer a leitura que eles fazem dessa experiência.

Foram formuladas duas questões de partida, de modo a existir uma abordagem estruturada ao problema de investigação. Desta forma as duas questões que guiaram todo este estudo foram:

- a) Quais são as principais motivações que levam os diversos voluntários missionários a partir e a desenvolver a sua missão?
- b) Que balanço fazem os voluntários da sua experiência missionária?

---

<sup>119</sup> Cf. GARCIA, Oscar, *La pasión de seguir: Voluntariado transformador, sin excusas, sin fronteras*, 98

<sup>120</sup> Cf. CARLO, Gustavo; EISENBERG, Nancy; TROYER, Debra; SWITZER, Galen; SPEER, Anna, "The altruistic personality: In what contexts is it apparent?", *Journal of Personality and Social Psychology* 61 (1991) 450-458

<sup>121</sup> Cf. ARCHER, Richard; DIAZ-LOVING, Rolando; GOLLWITZER, Peter; DAVIS, Mark; FOUSHEE, H. Clayton, "The role of dispositional empathy and social evaluation in the empathic mediation of helping", *Journal of Personality and Social Psychology* 40 (1981) 786-796

### 3.2. Caminho Percorrido

Figura 2- Cronograma do Estudo Empírico

Fases do Estudo Empírico	2014						2015					2016					
	N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	J	F	M
Definição do tema de investigação																	
Revisão bibliográfica																	
Problema de investigação – perguntas de partida																	
Decisões metodológicas																	
Contacto das Direções ou Coordenações das entidades																	
Composição e organização inquérito por questionário																	
Realização do pré-teste																	
Envio do link inquérito por questionário																	
Recolha de dados																	
Final da recolha de dados																	
Leitura da informação recolhida – análise de dados, interpretação, triangulação																	
Síntese, reflexão final, propostas																	
Identificação de novos projetos e novas perguntas																	

Na fase da elaboração teórica recorreremos a técnicas documentais por pesquisa bibliográfica e eletrónica.

Numa primeira fase, em dezembro de 2014, foram contactadas via telefone a Direção ou Coordenação de quatro entidades promotoras do voluntariado missionário, escolhidas como objeto do estudo prático, com intuito de explicar o objetivo e o enquadramento desta investigação. Estas entidades foram o Voluntariado Missionário Espiritano, os Leigos para o Desenvolvimento, o GAS'África e o Ondjoyetu. Elas foram escolhidas por representarem quatro modelos diferentes de organização e se situarem em universos diferentes de recrutamento - em grupos ligados a congregações religiosas, em ONGD's, nos ambientes universitários e em grupos diocesanos. Após aqueles contactos, três das entidades prontificaram-se a participar e colaborar de uma forma integral na investigação.

A quarta, por já ter participado num estudo semelhante em 2011, orientou-nos para a consulta dos resultados no respetivo relatório<sup>122</sup>.

A recolha de dados, junto das entidades parceiras desta investigação, foi feita com recurso ao inquérito por questionário. A ferramenta de recolha de dados selecionada foi o inquérito por questionário, elaborado utilizando o Formulário do *Google Docs*<sup>123</sup>. O inquérito é constituído por 3 partes. A primeira parte do questionário tem 13 questões para fazer uma caracterização sociodemográfica da amostra e recolha de variáveis descritivas mais particulares dos voluntários (nome da entidade que promoveu a experiência de voluntariado missionário, tempo de duração dessa experiência, etc).

A segunda parte, deste questionário, é constituída por 35 itens (tabela 2) e teve por base o Inventário Funcional do Voluntariado elaborado por Clary e Snyder<sup>124</sup>. A resposta é em formato de escala, onde inquirido pode optar por uma das seis opções de resposta para cada item, no qual 1 significa “nada motivado” e 6 significa “totalmente motivado”. Os 35 itens estão agrupados de acordo com as seis funções definidas por aquele inventário:

1. Valores - itens 1 a 7 (e.g. Porque me preocupo com os mais pobres e quero ajudar);
2. Conhecimento - itens 8 a 12 (e.g. Porque gosto de conhecer lugares e culturas novas);
3. Autovalorização - itens 13 a 20 e 30 a 31 (e.g. Porque faz-me sentir uma boa pessoa);

---

<sup>122</sup> AMARO, Maria; BATISTA, Catarina, *Vidas de Missão – 25 anos de voluntariado dos Leigos para o Desenvolvimento*

<sup>123</sup> O formulário pode ser consultado em Anexo I

<sup>124</sup> CLARY, E.; SNYDER, Mark, “The Motivations to Volunteer: Theoretical and Practical Considerations in Current Directions”, *Psychological Science* 5 (1999) 156-157. O inventário é um instrumento feito para identificar as motivações individuais que levam à prática do voluntariado. A função de valores, no qual o voluntariado permite que o voluntário exprima os seus próprios valores, altruísmo e humanismo; a função de conhecimento, o voluntariado é uma oportunidade para o voluntário aprender e desenvolver o seu conhecimento e habilidades; função de autovalorização, o voluntariado como oportunidade de aumentar a auto-estima e o ego; função de carreira, relacionada com a experiência e as oportunidades que podem ser obtidas através do trabalho voluntário; a função social, o voluntariado como oportunidade de novos relacionamentos sociais ou o disfrutar de relações já estabelecidas; e, finalmente, a função proteção, o voluntariado como lugar de expiação de culpa e de compensação para o futuro. Para uma descrição mais pormenorizada do Inventário Funcional de Voluntariado consultar o sub-capítulo 1.4 desta dissertação.

4. Carreira - itens 21 e 22 (e.g. Porque me ajuda a desenvolver as minhas competências profissionais);
5. Social - itens 23 a 29 (e.g. Porque me permite conhecer novas pessoas e fazer novos amigos);
6. Proteção - itens 32 a 35 (e.g. Por causa da minha convicção religiosa).

Tabela 2- Lista de itens apresentada aos voluntários

1. Porque há pessoas com necessidades que eu posso dar resposta
2. Porque me preocupo com os mais pobres e quero ajudar
3. Porque sinto que é importante ajudar os outros
4. Porque sou também responsável pelos outros mais desfavorecidos
5. Porque esta é uma causa que é importante para mim
6. Porque também já vivi situações difíceis e sei como é bom ser ajudado(a)
7. Porque me ajuda a concretizar o amor pelos outros
8. Porque as experiências que tive neste campo me levaram a ir mais longe
9. Porque gosto da aventura de ajudar pessoas num destino exótico
10. Porque gosto de conhecer lugares e culturas novas
11. Porque julgo que fazer-me entender melhor o que é a vida
12. Porque pode-me ajudar a conhecer a mim mesma
13. Porque é bom e importante para mim ser apreciado(a)
14. Porque é bom e importante para mim ser reconhecido(a)
15. Porque juro que recebo mais do que dou
16. Porque faz-me sentir uma boa pessoa
17. Porque faz-me sentir importante
18. Porque faz-me sentir útil
19. Porque gosto de ocupar-me
20. Porque pode-me mudar como pessoa
21. Porque me ajuda a desenvolver as minhas competências profissionais
22. Porque me vai ajudar a conhecer oportunidades de emprego
23. Para dar um bom exemplo aos que me rodeiam
24. Porque os meus amigos e a minha família já foram também
25. Porque me permite conhecer novas pessoas e fazer novos amigos
26. Porque me permite construir as minhas próprias redes sociais
27. Porque o sou com um grupo que partilha comigo uma mesma causa

28. Porque é importante para a minha família, amigos e conhecidos
29. Porque ajuda-me a melhor relacionar e lidar com o outro
30. Porque pode ter um efeito positivo sobre a minha autoconfiança
31. Porque poderá ter efeito positivo sobre a minha autoestima
32. Por causa da minha convicção religiosa
33. Porque a vivência da fé cria uma disposição interior que me leva a procurar ajudar as pessoas nas suas necessidades
34. Porque é bom experimentar a gratidão dos outros na sua relação comigo
35. Porque me sinto bem ao ajudar os outros

A terceira e última parte do questionário foi elaborada com o intuito de recolher dados sobre o balanço e o impacto da experiência de voluntariado missionário nos participantes do inquérito. Esta parte é composta por dez questões abertas e uma questão fechada. As questões abertas foram elaboradas de modo a que o participante pudesse expor, através das suas próprias palavras, aquilo que experimentou, a relevância e o impacto do voluntariado na sua vida profissional, humana e eclesial, bem como permitir que o participante fizesse uma leitura da sua vivência missionária durante o tempo de voluntariado.

Para facilitar o acesso a um maior número de participantes, pela maior facilidade e rapidez no preenchimento do questionário, ter custos reduzidos, e por não haver limitações espaço-temporais, promover uma sensação de segurança na resposta, devido ao anonimato, optou-se por usar a plataforma online de Formulários do *Google Docs*.

Numa fase prévia ao envio do questionário, em janeiro de 2016, a todos os voluntários, foi feito um pré-teste para identificar possíveis falhas, verificar a existência de repetições, averiguar a clareza, a validade e a precisão das questões e o tempo de resposta. Este pré-teste foi aplicado a dez pessoas e todas as opiniões foram consideradas. Desta feita, alteraram-se algumas questões, acrescentaram-se outras por forma a caracterizar melhor os participantes e acrescentaram-se, igualmente, algumas questões abertas.

O *link* do formulário foi enviado por correio eletrónico para as três entidades que participavam no estudo em fevereiro de 2016. Foi pedido às entidades que o divulgassem o referido questionário a todos os atuais e antigos voluntários. O Voluntariado Missionário Espiritano comunicou que o questionário foi enviado a 141 voluntários de longa e curta duração. As restantes instituições não conseguiram informar o número de voluntários contactados.

No final de março, embora com um número reduzido de respostas obtidas (n=60) decidiu-se encerrar o preenchimento do inquérito por questionário e passou-se a fazer a análise dos dados. Para a análise quantitativa das duas primeiras partes do questionário recorreu-se ao programa SPSS versão 23 – *Statistical Package of Social Sciences*. Para a análise qualitativa das perguntas abertas, a terceira parte do questionário, utilizou-se o programa Atlas.ti. As respostas da terceira parte foram divididas em função do tempo de duração da experiência, isto é, em experiências de curta duração e experiências de longa duração. A amostra ficou, assim, dividida em 50 participantes de curta duração e 10 participantes de longa duração. A cada participante foi atribuído um código, sendo que os participantes de curta duração foram codificados de 1C a 50C e os de longa duração de 1L a 10L.

### **3.3. Caracterização das entidades que participam no estudo**

Para o estudo decidimos trabalhar com quatro entidades que promovem o voluntariado missionário a partir de variados contextos, pois, com já foi dito anteriormente, elas recrutam os seus voluntários em quatro universos diferentes. Esta diferença, na origem dos voluntários, nos permitiria, em princípio, ter um leque mais abrangente de motivações e de experiências. De seguida faço uma breve descrição destas organizações parceiras.

### **Voluntariado Missionário Espiritano (VME)**

O Voluntariado Missionário Espiritano nasceu de uma intuição do Capítulo Provincial de 1984 dos Missionários do Espírito Santo. No documento final do Capítulo vem manifesta a vontade da Congregação pedir ao Provincial e ao seu Conselho Provincial ponderar a possibilidade e oportunidade de concretizar o lançamento do laicado missionário, no âmbito do voluntariado.<sup>125</sup> Esta mesma vontade vem expressa e assumida, de uma forma clara, no documento final do Capítulo Provincial de 1990: “Confie-se a um confrade o lançamento do Voluntariado Missionário quanto possível em colaboração com os IMAG e o desenvolvimento da cooperação dos associados”.<sup>126</sup> A partir daí foi delineado um projeto que procurava formar os jovens para uma melhor integração cultural e religiosa nas comunidades de acolhimento e nos locais onde os voluntários poderiam exercer a sua missão.

As primeiras voluntárias, partiram para Angola em 1996, após alguns atrasos devido à guerra civil que decorria no terreno. As duas voluntárias desenvolveram a sua atividade durante dois anos, na diocese do Lubango, onde trabalharam no Instituto de Ciências Religiosas de Angola.<sup>127</sup>

Atualmente o Voluntariado Missionário Espiritano desenvolve projetos de voluntariado de longa duração, com o tempo mínimo de um ano. Nesse projeto, o voluntário é integrado numa comunidade religiosa, normalmente de missionários ou missionárias do Espírito Santo, embora, a colaboração no terreno de missão possa ser desenvolvida em parceria com outras congregações missionárias. Na região podem-se estabelecer parcerias com as autoridades locais, com outras organizações presentes e

---

<sup>125</sup> Cf. CAPÍTULOS E COMISSÕES DA PROVÍNCIA PORTUGUESA DA CSSp, *Documentos Capitulares – Carisma e Missão*, nº 478

<sup>126</sup> CAPÍTULOS E COMISSÕES DA PROVÍNCIA PORTUGUESA DA CSSp, *Documentos Capitulares – Carisma e Missão*, nº 601

<sup>127</sup> Cf. NEIVA, Adélio, *Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria: a história da Província Portuguesa 1867-2004*, 874

intervenientes no terreno, dependente do perfil e da missão confiada aos voluntários. A formação e preparação dos voluntários têm a duração de um ano, durante o qual, para além de um acompanhamento pessoal e espiritual feito pelo Voluntariado Espiritano, os voluntários participam na Formação da Rede de Voluntariado Missionário promovido pelos IMAG e a FEC.

Em 21 de maio de 2000, foi assinado um protocolo entre a Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo e a organização não-governamental de cooperação e desenvolvimento “Sol sem Fronteiras” (Solsef). Nesse protocolo ficou estabelecido que os missionários do Espírito Santo coordenariam a inscrição, o acolhimento inicial, a formação, o âmbito dos projetos e locais de envio, assim como a assistência dos voluntários missionários. A Solsef coordenaria a logística e questões burocráticas, os contactos com entidades financeiras e, caso os voluntários integrassem projetos desenvolvidos pela ONGD, o acompanhamento específico dos mesmos.<sup>128</sup>

Como áreas de atuação, o Voluntariado Missionário Espiritano privilegia a educação, a saúde, os direitos humanos, a cidadania, a promoção e formação feminina, a pastoral missionária, o desenvolvimento integral, as artes (música, pintura...), a formação profissional (carpintaria, agricultura, construção civil...), tendo já desenvolvido projetos em Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Brasil. Com estes projetos o Voluntariado Missionário Espiritano pretende dar um contributo para que aconteça, no terreno, um desenvolvimento integral de todas as pessoas que ali vivem. Pretende valorizar as comunidades que acolhem os voluntários, estimulando competências que, até ao momento, não tinham conseguido desenvolver. O objetivo é capacitar as pessoas em ordem à sua auto-sustentabilidade financeira, através de um acesso de qualidade à educação, à saúde, ao desenvolvimento integral, incluindo tudo

---

<sup>128</sup> Cf. NEIVA, Adélio, *Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria: a história da Província Portuguesa 1867-2004*, 874-875

quanto diz respeito à educação e prática de acordo com os códigos de ética definidos pela Igreja na sua doutrina social.

Muitos dos voluntários são provenientes da Família Espiritana, um conjunto de milhares de pessoas que, de alguma forma, partilham a espiritualidade, a missão e a vida dos Missionários e Missionárias do Espírito Santo, sendo que a maior parte desses voluntários surgem dos Jovens Sem Fronteiras, o movimento juvenil da “família”. Mas o Voluntariado Missionário Espiritano aceita voluntários que não façam parte da Família Espiritana, recorrendo à divulgação através das páginas na internet dos Espiritanos – [www.espiritanos.pt](http://www.espiritanos.pt) – e da Solsef – [www.solsef.org](http://www.solsef.org) e *facebook*. É requerido que o voluntário seja uma pessoa aberta, comprometida, com um grande sentido de fraternidade universal, de práticas demonstradas de cidadania responsável, de compromisso pastoral na comunidade paroquial, de competência técnica nas áreas em que irá intervir, com capacidade de vida e trabalho em grupo testada na formação.

Num caminho paralelo ao do Voluntariado Missionário Espiritano, foi desenvolvido dentro da Família Espiritana, pelos Jovens Sem Fronteiras e a Solsef, um projeto de voluntariado de curta duração. O projeto recebeu o nome de “Ponte” e consiste numa atividade de voluntariado missionário jovem, que decorre durante o período de férias de verão. Este projeto tem como destino países lusófonos, com uma especial incidência nos PALOP, aonde os Missionários Espiritanos desenvolvem a sua missão. Neste projeto podem participar todos os Jovens Sem Fronteiras que tenham uma caminhada mínima de dois anos dentro do movimento. As áreas de atuação deste projeto têm sido muito diversificadas, pois tentam responder a necessidades concretas das comunidades de acolhimento, mas tem tido uma grande incidência na educação, na saúde e na pastoral, quer através de uma ação direta com as populações locais, quer através da formação de agentes pastorais.

## **Leigos para o Desenvolvimento**

Os Leigos para o Desenvolvimento são uma ONGD fundada a 11 de abril de 1986, dotada de personalidade jurídica canónica e civil. Esta associação católica sem fins lucrativos de inspiração inaciana viu reconhecido o seu estatuto de Pessoa Coletiva de Utilidade Pública, em 1995, pelo Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I. P.. Os primeiros voluntários partiram para São Tomé e Príncipe em outubro de 1998.<sup>129</sup>

Os Leigos para o Desenvolvimento partilham com os Jesuítas os princípios que guiam a sua ação, e a missão. A sua ação procura contribuir para o desenvolvimento integral e integrado das comunidades para onde são enviados. Atuam particularmente em países de expressão portuguesa, tendo já desenvolvido missão *ad gentes* em cinco países: Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. A sua missão desenvolve-se fundamentalmente em quatro grandes áreas<sup>130</sup>:

- a) Educação e formação, uma área considerada essencial e que passa pela criação de escolas, apoio ao seu funcionamento, cursos técnico-profissionais e de alfabetização, criação de bibliotecas, de centros infantis e de apoio escolar e fomentação de atividades de tempos livres. Esta área abrange ainda a formação de diferentes agentes locais de desenvolvimento através de ações de capacitação, sendo estas ações administradas a professores, técnicos de saúde, líderes associativos e comunitários, etc.
- b) Saúde, a atuação é limitada pelo número reduzido de voluntários formados nessa área, assim a ação está centrada na saúde comunitária e na capacitação de agentes de saúde;

---

<sup>129</sup> Cf. AMARO, Maria; BATISTA, Catarina, *Vidas de Missão – 25 anos de voluntariado dos Leigos para o Desenvolvimento*, 23

<sup>130</sup> Cf. AMARO, Maria; BATISTA, Catarina, *Vidas de Missão – 25 anos de voluntariado dos Leigos para o Desenvolvimento*, 23-24

- c) Dinamização e organização comunitária, através da construção e apoio a infraestruturas comunitárias, fomentação de agricultura de subsistência, inauguração de lojas comunitárias e promoção do empreendedorismo através do microcrédito. Ainda no âmbito do desenvolvimento comunitário, os Leigos para o Desenvolvimento promovem a integração familiar de “meninos de rua”, apoio aos idosos através de cozinhas sociais e promoção feminina através de programas específicos.
- d) Pastoral, através da realização de catequeses, atividade com grupos de jovens, organização de retiros e, se necessário, apoio aos secretariados diocesanos.

Os voluntários dos Leigos para o Desenvolvimento partem para uma experiência missionária com duração mínima de um ano e são por norma cristãos com uma formação superior ou técnico-profissional e idades compreendidas entre os 21 e os 40 anos. A missão dos voluntários dos Leigos assenta-se em cinco pilares: vida espiritual, missão e serviço, vida comunitária, pobreza e partilha e testemunho. Por forma a capacitá-los para a missão, os Leigos oferecem aos seus voluntários uma formação de um ano em várias vertentes pessoais, espirituais e aspetos específicos da missão a realizar.<sup>131</sup>

### **GAS'África**

O GAS'África é um grupo de ação social da Universidade Católica Portuguesa e atualmente está integrado na Unidade para o Desenvolvimento Integral da Pessoa desta universidade. Este grupo nasce da vontade de um grupo de alunos da universidade, que inspirados pela missão das Missionárias da Caridade, especialmente pela Madre Teresa de Calcutá. Decidiram organizar-se e consagrar algum do seu tempo auxiliando o trabalho das irmãs em Chelas e Setúbal. A experiência de entrega aos outros, levou o grupo a almejar por um projeto mais ambicioso, num destino mais longínquo, assim as atenções

---

<sup>131</sup> Cf. AMARO, Maria; BATISTA, Catarina, *Vidas de Missão – 25 anos de voluntariado dos Leigos para o Desenvolvimento*, 25-26

centraram-se em Angola. O projeto inicial seria apresentado em 1989, com uma reunião em Fátima, mas só em 1990 se reuniram as condições necessárias para que fosse enviado o primeiro grupo de voluntários, apesar de Angola se encontrar em guerra civil. Após meses de preparação e três dias de retiro, o primeiro grupo, de 21 elementos, partiria no início do mês de agosto para Luanda, para desenvolver a sua missão no Hospital Central, na Paroquia de Sant'Ana.<sup>132</sup> Em 1992, o grupo expande-se com a criação do núcleo do Porto.<sup>133</sup>

O GAS'África já desenvolveu projetos em Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Cabo-Verde e Moçambique. Estes projetos têm como objetivo o desenvolvimento integral e a potencialização das comunidades de acolhimento e são planeados por forma a responder aos pedidos das entidades parceiras e de acordo com os recursos locais quer humanos, quer materiais. O trabalho é desenvolvido de preferência em parceria com entidades que já trabalham no campo, por forma a haver, se possível, uma continuidade do trabalho iniciado. A sua missão tem como áreas privilegiadas: ação de inclusão social junto de grupos desfavorecidos, educação e formação humana, cívica e sanitária, sensibilização para os direitos humanos.<sup>134</sup> Os projetos têm duração de dois meses, ocorrendo nos meses de agosto e setembro.<sup>135</sup> A preparação é feita através de reuniões semanais, onde são abordados diversos temas, por forma a preparar os jovens a melhor se integrarem na cultura das comunidades de acolhimento. A preparação também inclui formação humana e espiritual.<sup>136</sup>

---

<sup>132</sup> Cf. GAS'ÁFRICA ET AL, *Gas'África – 25 anos de Missões*, 28

<sup>133</sup> Cf. GAS'ÁFRICA ET AL, *Gas'África – 25 anos de Missões*, 36

<sup>134</sup> Cf. GAS'ÁFRICA ET AL, *Gas'África – 25 anos de Missões*, 50

<sup>135</sup> Cf. Disponível na Internet via URL: <http://gasafricaporto.page.tl/Apresenta%E7%E3o.htm> [acedido no dia 10 de março de 2016]

<sup>136</sup> Cf. Disponível na Internet via URL: <http://gasafricaporto.page.tl/Forma%E7%E3o.htm> [acedido no dia 10 de março de 2016]

## **Ondjoyetu**

O Ondjoyetu é um grupo missionário da diocese Leiria-Fátima, nascido em 1999, após um encontro de jovens. Este encontro foi promovido por um grupo francês, da diocese de Creteil, e no qual os jovens da diocese Leiria-Fátima também participaram. Este grupo tinha realizado uma experiência missionária em Angola, mais precisamente na diocese de Menongue, e a partir da sua partilha nasceu o desejo de criar igualmente um grupo missionário. Pouco após a criação do grupo e a disponibilização do primeiro grupo de voluntários, D. Benedito Roberto, bispo da diocese do Sumbe, visitou a diocese de Leiria-Fátima e mostrou o desejo de aprofundar a relação entre as duas dioceses. Assim, o grupo missionário acabou por ser convidado a realizar a sua missão em terras angolanas, experiência que se repetiria de uma forma frequente, todas férias de verão, durante dois meses desde 2000 até 2005. A este projeto deu-se o nome de “Projeto ASA – Acção Solidária com Angola”, um projeto de curta duração, que decorria durante dois meses e que foi decisivo para o aprofundamento mútuo nas duas dioceses e para arriscar novos voos. Durante a caminhada, o grupo adotou o nome de Ondjoyetu, que quer dizer, em umbundo, a língua que se fala no Gungo – diocese de Sumbe, “A Nossa Casa”.<sup>137</sup> Com o aprofundar de relações entre as duas dioceses, foi assinado em 25 de março de 2006, a geminação entre as dioceses de Leiria-Fátima e Sumbe. Como corolário desta geminação, partiu para Angola, em agosto de 2006, uma equipa missionária composta por dois padres e três leigas para auxiliar na missão do Gungo de forma permanente. Atualmente, os Ondjoyetu desenvolvem um projeto de voluntariado de longa duração em Angola, sendo as áreas de atuação a pastoral: com formação de líderes comunitários/catequistas, catequese, celebração dos sacramentos, pastoral juvenil; e a área social: com formações de agricultura, Pastoral da Criança, cuidados básicos de saúde, alfabetização, culinária,

---

<sup>137</sup> Disponível na Internet via URL:<http://www.ondjoyetu.com/?page=11> [acedido no dia 12 de março de 2016]

economia doméstica, promoção feminina, animação de crianças e jovens, comércio com uma pequena loja onde se encontram bens de primeira necessidade a preços justos, transportes com o funcionamento de um camião, moagem comunitária, introdução de novas técnicas de construção através da técnica do BTC (Bloco de Terra Comprimida), construção de cisternas para águas pluviais e escavação de poços, sempre numa perspetiva de cooperação para o desenvolvimento. A partir da geminação, o grupo passou a ter uma casa no bairro da Pedra Um, por forma à equipa missionária residente na diocese poder participar e colaborar nas atividades das paróquias mais próximas e integrar-se de uma forma mais plena na vida da diocese. A preparação para a missão contempla a participação no Plano Anual de Formação da Rede de Voluntariado Missionário promovido pelos IMAG/FEC, uma formação local recorrendo a pessoas qualificadas e tendo igualmente como base experiências anteriores e um retiro espiritual. Nos voluntários, os Ondjeyetu procuram pessoas que partilhem valores como: fé, vivência cristã, atitude de diálogo, respeito pela diferença, capacidade de trabalho em equipa, acolhimento de diversas sensibilidades, serviço, cooperação, solidariedade, humildade, integridade, responsabilidade.

### **3.4 Análise e interpretação de dados**

#### **3.4.1. Caracterização da amostra**

Neste estudo tivemos um total de 60 respostas ao inquérito por questionário aplicado. É possível definir, assim, de forma resumida, o perfil dos voluntários missionários que responderam ao inquérito: uma larga faixa da amostra (77%) pertence ao contexto espiritano, sendo que 63,9% fizeram uma experiência de curta duração com o Movimento Jovens Sem Fronteiras e 13,1% uma experiência de longa duração com o Voluntariado Missionário Espiritano (tabela 3). Verificamos que a amostra (tabela 4) é principalmente do género feminino (78,3%) e nota-se que quando se analisa a distribuição dos

respondentes por faixa etária (tabela 5), que são os jovens até aos 30 anos que mais participam (51,7%).

Tabela 3- Distribuição dos voluntários por entidades ou organização de origem

	Frequência	Percentagem
Jovens sem Fronteiras	39	63,9
Voluntariado Missionário Espiritano	8	13,1
Ondjoyeto	7	13,1
GAS'África	6	9,8
Total	60	100,0

Tabela 4- Distribuição por género

	Frequência	Percentagem
Feminino	47	78,3
Masculino	13	21,7
Total	61	100,0

Tabela 5- Distribuição por idade

	Frequência	Percentagem
<=30	31	51,7
>30	29	48,3
Total	60	100,0

No que respeita às habilitações literárias (tabela 6), a maioria dos voluntários que responderam ao inquérito frequentam ou frequentaram a licenciatura (61,7%) e 20% frequenta ou tem um diploma de mestrado ou doutoramento. Mais de metade da amostra (68.3%) afirma que quando preencheu o inquérito, já tinha uma experiência de voluntariado em outro projeto (tabela 7), o que indica que há um grande empenho, uma vez que se nota haver repetição em atividades do terceiro setor.

Tabela 6- Distribuição dos voluntários por grau de escolaridade

	Frequência	Porcentagem
3º Ciclo do Ensino Básico	1	1,7
Ensino Secundário	10	16,7
Bacharelato ou Licenciatura	37	61,7
Mestrado ou doutoramento	12	20,0
Total	60	100,0

Tabela 7- Experiência anteriores de voluntariado

	Frequência	Porcentagem
Sim	41	68,3
Não	18	30,0
NS/NR	1	1,7
Total	60	100,0

Quase 98,3% dos inquiridos afirmam professar uma religião e, desses, praticamente 95% declaram professar a religião católica (tabela 8), um dado já esperado, considerando que as entidades parceiras têm uma matriz cristã católica, tanto ao nível da sua origem, quanto ao nível dos parceiros com os quais eles trabalham no terreno. Dos que responderam professar uma religião, 68,9% declaram estar envolvidos ativamente em organismos, instituições ou grupos da religião ou da Igreja que professam (tabela 9).

Tabela 8 - Distribuição por religião professada

	Frequência	Porcentagem
Católica Romana	57	95,0
Outra Igreja Cristã	2	3,3
NS/NR	1	1,7
Total	60	100,0

Tabela 9- Compromisso eclesial

	Frequência	Porcentagem
Não	18	30,0
Sim	42	70,0
Total	60	100,0

Pouco mais de metade dos inquiridos declara (tabela 10) que se comprometeu com a missão através da sua vivência nos meios eclesiais ou paroquiais (42,6%). Verifica-se que

há também uma percentagem muito relevante de participantes que se envolveu espontaneamente no voluntariado missionário através da influência de amigos, bem como de um testemunho (tabela 10). A duração da missão pode ser muito diversa (tabela 11), sendo que a maioria afirma que parte para missões de curta duração, por um período de permanência de um mês (65,6%).

Tabela 10 - Como se envolveu com o voluntariado missionário

	Frequência	Percentagem
Amigo	17	28,3
Através de um familiar	3	5,0
Internet entidade	1	1,7
Meios académicos	1	1,7
Meios eclesiais	26	43,3
Nas redes sociais	1	1,7
Outros	1	1,7
Testemunho	10	16,7
Total	60	100,0

Tabela 11 - Distribuição dos voluntários por duração da missão

	Frequência	Percentagem
1 mês	39	65,0
1 a 3 meses	11	18,3
6 meses	1	1,7
1 ano	9	15,0
Total	60	100,0

### 3.4.2. Razões que levam a partir em missão

A partir da análise quantitativa dos dados obtidos no inquérito podemos observar (tabela 12) que as motivações tanto são autocentradas, como heterocentradas<sup>138</sup>, ou seja, tanto estão centradas no outro enquanto ser humano, de uma forma consciente e desprendida, como nascem de um interesse próprio, como o de sentir-se bem. Esta tabela apresenta, de uma forma decrescente, os itens mais valorizados pelos voluntários<sup>139</sup>:

<sup>138</sup> Cf. JAVALOY, Patricia, *Voluntariado en red Hacia un nuevo universo solidario*, 81-82

<sup>139</sup> Nesta tabela estão apresentadas as funções cujos valores de media são inferiores até 1 unidade em relação à função mais destacada. A distribuição total dos itens encontra-se no anexo III

Tabela 12 - Itens mais destacados pelos voluntários

<b>Item</b>	<b>Função</b>	<b>Média Aritmética</b>
<b>Porque sinto que é importante ajudar os outros</b>	Valor	5,52
<b>Porque esta é uma causa que é importante para mim</b>	Valor	5,37
<b>Porque a vivência da fé cria uma disposição interior que me leva a procurar ajudar as pessoas nas suas necessidades</b>	Proteção	5,22
<b>Porque me preocupo com os mais pobres e quero ajudar</b>	Valor	5,15
<b>Porque sou também responsável pelos outros mais desfavorecidos</b>	Valor	5,15
<b>Porque me sinto bem ao ajudar os outros</b>	Proteção	5,12
<b>Porque me ajuda a concretizar o amor pelos outros</b>	Valor	5,08
<b>Porque há pessoas com necessidades que eu posso dar resposta</b>	Valor	4,93
<b>Porque as experiências que tive neste campo me levaram a ir mais longe</b>	Conhecimento	4,8
<b>Por causa da minha convicção religiosa</b>	Proteção	4,77
<b>Porque faz-me sentir útil</b>	Autovalorização	4,52

Os valores da tabela 12 sugerem que, para os voluntários auscultados neste estudo: é importante ajudar os outros; dar atenção e resposta a necessidades concretas do próximo a partir de um contexto de fé e preocupar-se com quem tem menos. Os valores indicam ainda, que os voluntários sentem uma necessidade de concretizar o seu amor pelos outros. Estes voluntários mostram ser pessoas atentas ao que os rodeiam e que têm um comportamento refletido e humano. Através de opções de vida e de ações que estão em consonância com aquilo que acreditam, os voluntários missionários exprimem a sua responsabilidade perante o outro, principalmente os mais pobres e realizam voluntariado missionário porque há uma causa que os move e pelo qual estão dispostos a sacrificar o conforto e a segurança no qual se encontram, para partir ao encontro do outro que vive outras realidades.

Tabela 13 - Classificação das funções motivacionais

<b>Função</b>	<b>Média Aritmética</b>
Valores	4,8
Proteção	4,7
Conhecimento	3,8
Autovalorização	3,0
Social	2,7
Carreira	2,6

Por outro lado, podemos observar que as funções que são mais referenciadas pelos voluntários pertencem ao conjunto de valores, seguida pelas funções pertencentes à proteção, conhecimento e, por fim, autovalorização/desenvolvimento (tabela 13). A dimensão altruísta do voluntário parece estar presente quando se observam os dados referentes à função carreira, que se encontram na cauda das escolhas feitas pelos voluntários, apontando para uma secundarização da instrumentalização do outro a seu favor e para uma visão não utilitarista do voluntariado. Embora, não vejam a ação voluntária como um meio de desenvolver uma carreira, os inquiridos afirmam que o voluntariado pode levar a um crescimento e desenvolvimento humano de si próprios.

No Inventário de Funções de Voluntariado (VFI) esses aspetos mais egoístas estão associados às funções de conhecimento e autoestima. Na nossa amostra a função conhecimento segue-se, na escala de importância, à função valor e proteção. A função autovalorização, por outro lado, teve uma pontuação pouco relevante, estando classificada logo após a função conhecimento. A função proteção, que está classificada em segundo lugar na escala de importância, pode ser uma função oposta ao altruísmo, quando é fundada em aspetos relacionados à culpa, à procura de um conforto, de bem-estar ou assegurar que no futuro, devido à sua ação haja alguma recompensa.

Os resultados obtidos vão quase ao encontro daquilo que o referencial teórico sustenta, ou seja, tem pontos que confirmam o observado na investigação desenvolvida por Clary

et al<sup>140</sup>, ou seja, os investigadores constataram através das respostas obtidas que as funções mais importantes eram valores, conhecimento e autovalorização/desenvolvimento e que as funções menos importantes, para os voluntários, eram a carreira, o social e a proteção. A única diferença é que no nosso estudo a função proteção tem uma posição mais elevada, um aspeto que, de certa medida, era expectável, pois é nesta função que se enquadram as motivações religiosas.

### **3.4.3. Autoavaliação e repercussão da experiência de voluntariado**

Ao interpelar os voluntários missionários sobre o balanço que fazem da sua experiência de ação voluntária em contexto de missão e sobre o impacto dessa experiência na sua vida, quisemos que eles fizessem uma releitura da experiência vivida e que dessem eles próprios um retrato daquilo que viveram. Assim, através das suas respostas, a questões abertas<sup>141</sup>, elegemos alguns indicadores que nos pareceram importantes no decurso da sua autoavaliação da experiência de voluntariado missionário. A análise mostra que a experiência de voluntariado missionário pode ser um lugar fecundo para uma aprendizagem, para o alargar dos horizontes pessoais e um desenvolvimento humano.

---

<sup>140</sup> CLARY, E.; SNYDER, M., “The Motivations to Volunteer: Theoretical and Practical Considerations in Current Directions”, *Psychological Science* 5 (1999) 156-157

<sup>141</sup> As questões abertas foram as seguintes: Indique 3 expectativas que tinha no início da sua experiência de voluntariado; Indique 3 aspetos que mudaram em si, devido à sua experiência de voluntariado missionário; Indique 3 aspetos positivos da sua experiência de voluntariado missionário; Indique 3 aspetos negativos da sua experiência de voluntariado missionário; Descreva em poucas palavras a experiência mais gratificante que teve enquanto voluntário missionário; Descreva em poucas palavras o impacto que julga ter tido a sua ação no terreno de missão; A formação fornecida através da instituição que o enviou, influenciou os resultados obtidos? Caso tenha respondido afirmativamente, quais foram as mais-valias dessa formação? Caso tenha respondido negativamente, que pontos julga terem faltado?; De que forma se sente, devido à experiência missionária, na sua contribuição eclesial / pastoral / humana / profissional?

## a) Expectativas

Em relação às expectativas dos voluntários no início da sua experiência de voluntariado (tabela 14), verifica-se que muitos dos voluntários tinham expectativas de índole religiosa (tabela 14). Essas expectativas estão centradas na sua fé e em ter uma vida coerente com a sua prática religiosa. Eles esperavam que esta experiência lhes permitisse ter uma melhor relação espiritual com Deus, através da vivência da sua fé, tendo muitos deles a esperança de que essa fé aumentasse. Apenas dois dos voluntários, 20C e 5L, afirmaram que tinha como expectativa a evangelização e a partilha da fé.

Tabela 14 - Exemplo de expressões utilizadas em relação às expectativas de contexto religioso

<b>Expectativas religiosas no início da experiência de voluntariado</b>
20C: <i>“Partilhar a minha fé”</i>
33C: <i>“Crescer na minha relação com Deus e na Igreja”</i>
41C: <i>“Fortalecer a fé na relação com os outros, os irmãos do Gungo”</i>
5L: <i>“Evangelizar onde seria mais necessário”</i>

Há igualmente voluntários que afirmaram ter partido com expectativas mais altruístas. Nas respostas obtidas encontramos expressões que demonstram um grande desejo de ajudar a população local, contribuindo para que eles tenham melhores condições de vida (tabela 15). Este é um desejo que corresponde a um espírito de serviço e de dádiva cristã.

Tabela 15 - Exemplo de expressões utilizadas em relação às expectativas de contexto de uma ação altruísta

<b>Expectativas humanistas no início da experiência de voluntariado</b>
1C: <i>“Entrega total ao outro”</i>
16C: <i>“Poder ajudar os outros de uma cultura diferente”</i>
5L: <i>“Ajudar no percurso académico dos jovens com quem iria trabalhar”</i>

Registámos igualmente nas respostas dos voluntários que à partida havia um anseio de encontrar novas experiências e entrar em contacto com outras realidades culturais por forma a não só as conhecerem, mas também terem algum tipo de aprendizagem (tabela 16).

Tabela 16 - Exemplo de expressões utilizadas em relação às expectativas de conhecer outras realidades

<b>Expectativas relativas ao conhecimento no início da experiência de voluntariado</b>
32C: <i>“Conhecer uma forma de religião diferente, um povo diferente, uma cultura diferente”</i>
2L: <i>“Conhecer um povo com cultura muito diferente”</i>
3L: <i>“Conhecer outros modos de viver o dia-a-dia e a fé”</i>

### **b) Mudanças pessoais notadas**

A experiência vivida pelos voluntários pode levar a um amadurecimento das motivações, sendo difícil antecipar qual o sentido final. Elas podem se mover num sentido heterocentrando, ou seja, o que vivem exteriormente influencia a sua motivação e o seu compromisso para com os demais. Mas também podem levar o voluntário a fazer uma análise da realidade que encontrou e tomar opções com base na sua avaliação, opções que podem findar em ações que o voluntário julgue ser apropriadas para melhor cumprir a sua missão.<sup>142</sup> Quanto às transformações pessoais e de desenvolvimento pessoal, podemos verificar, através das respostas obtidas, que os voluntários missionários de curta duração, após experimentarem uma realidade cultural diferente e socializarem com um outro povo num contexto de fé e promoção humana, sentem que houve uma mudança ao nível da sua fé, algo que até vai ao encontro das suas expectativas (tabela 17). Encontramos expressões que demonstram uma percepção de que esta experiência lhes aprofundou e aumentou a fé. Esta mudança tem como consequência que haja igualmente expressões que mostram um desenvolvimento na sua relação com Deus e na sua oração.

Tabela 17 - Exemplo de expressões utilizadas em relação às mudanças ao nível da fé

<b>Mudanças ao nível da fé</b>
14C: <i>“Aprofundamento da Fé”</i>
7C: <i>“A minha maneira de crer em Deus e como rezar”</i>
41C: <i>“A maneira como "olhava" para as celebrações da fé - comecei a dar muito mais valor à vivência e à celebração da fé”</i>

<sup>142</sup> Cf. GARCIA, Oscar, *La pasión de seguir: Voluntariado transformador, sin excusas, sin fronteras*, 98

As respostas denotam também que as relações sociais e o conhecimento de novas realidades levam estes voluntários a estarem mais atentos ao outro e ao que se passa no mundo (tabela 18). Os voluntários expressam uma maior atenção aos problemas que afligem os povos com que contactaram durante a sua experiência, mas também, essa vivência os torna mais sensíveis aos problemas da sua comunidade local

Tabela 18 - Exemplo de expressões utilizadas em relação à sua atenção renovada

<b>Mudanças ao nível da atenção ao outro e ao mundo</b>
21C: <i>“Atenção aos problemas que foram visíveis lá e que também são um problema cá”</i>
25C: <i>“Estar mais atenta aos problemas que surgem nos países PALOP”</i>
50C: <i>“Mais atenta ao outro”</i>

Quanto aos voluntários de longa duração, muitas das suas respostas indicam que depois da experiência de voluntariado se sentem mais confiantes, uma confiança que abrange a certeza em Deus, na Igreja (tabela 19). Essa confiança em Deus parece influenciar o modo como vivem a sua fé. Ela leva-os a descobrir dons que pareciam desconhecer e que foram-se revelando durante a experiência missionária. O facto de terem realizado uma experiência no terreno faz com que tenham um maior conhecimento da atividade realizada pelos missionários e leva-os a depositarem na Igreja missionária uma maior confiança, a valorizar a sua ação, o seu testemunho e a sua presença junto do povo.

Tabela 19 - Exemplo de expressões utilizadas em relação às mudanças do modo como se sentem confiantes, vivem a sua e relacionam-se com os missionários

<b>Mudanças na confiança e na visão dos missionários</b>
3L: <i>“Aprendi a confiar mais em Deus e a saber esperar os seus dons”</i>
1L: <i>“Valorização que dou ao trabalho levado a cabo pelos missionários”</i>

### c) Elementos que mais marcaram os voluntários

Do que tenho escutado em vários testemunhos, o voluntariado missionário oferece ao voluntário a oportunidade de experimentar acontecimentos gratificantes, situações singulares e irrepetíveis. Estas situações e acontecimentos vão desde o encontro com pessoas, ao efeito das suas ações em prol do próximo. Esta parece ser a visão dos

voluntários de curta duração, que afirmam ser significativa e gratificante o encontro com uma nova cultura e uma vivência comunitária diferente, baseada em parâmetros familiares e sociais diferentes (tabela 20).

*Tabela 20 - Exemplo de expressões utilizadas em relação ao contacto com a cultura local*

<b>Aspetos positivos no contato com uma nova cultura</b>
4C: <i>“A partilha de culturas”</i>
15C: <i>“Conhecimento de uma cultura diferente e aprendizagem sobre ela”</i>
2L: <i>“Participar e vivenciar momentos próprios e culturais de um País diferente”</i>

Este contacto cultural foi valorizado por não ser uma experiência solitária, mas sim uma experiência vivida em grupo. As amizades criadas e fortalecidas pelas aventuras partilhadas são apontadas por alguns voluntários de curta duração como um dos aspetos mais positivos do voluntariado (tabela 21). Os voluntários não acharam só positiva a experiência de sociabilização intragrupo, mas também a relação criada com as comunidades de acolhimento, sentindo-se acolhidos e ajudados na sua integração local.

*Tabela 21 -Exemplo de expressões utilizadas por voluntários de curta duração m relação ao grupo de voluntários e comunidade missionária local*

<b>Aspetos positivos vividos com os demais missionários</b>
20C: <i>“Vivências em grupo, partilha de vida com os missionários”</i>
23C: <i>“Amizade e amor por tantas pessoas que viveram essa experiência comigo”</i>
12C: <i>“A oportunidade de integração na comunidade facilitada pela equipa missionária de lá”</i>

Quanto aos voluntários de longa duração, um dos aspetos positivos mais encontrado nas respostas foi a vivência com a população local. A presença junto da população, a simplicidade, a humildade e a alegria que encontraram deixaram os voluntários fascinados (tabela 22). Outro aspeto positivo foi o contacto cultural, algo semelhante ao referido pelos voluntários de curta duração. Para eles foi muito positivo contactar, conhecer e vivenciar a cultura local nas suas muitas expressões. Estes voluntários também apontam como positivo as relações sociais estabelecidas durante a sua experiência missionária, principalmente as amizades que construíram e todas as emoções que viveram *in loco*.

Tabela 22 - Exemplo de expressões por voluntários de longa duração utilizadas em relação à vivência cultural e às relações sociais estabelecidas

<b>Aspetos positivos vividas com a população local</b>
3L: <i>“O contacto com a população local e a sua cultura”</i>
8L: <i>“Poder estar com um povo simples”</i>
9L: <i>“Simplicidade e humildade dos habitantes”</i>

**d) Elementos que marcaram de uma forma desfavorável a experiência de voluntariado**

Mas nem toda a vivência foi positiva. As circunstâncias criadas pela experiência da ação voluntária missionária podem formar um ambiente propício ao surgimento de obstáculos e dificuldades. Houve adversidades e problemas que marcaram de uma forma negativa a experiência missionária. Nesta categoria tanto os voluntários que participaram em experiências de curta duração, como os de longa duração, apontaram como um dos fatores mais negativos a duração dos projetos no qual estavam inseridos. Para eles o tempo foi insuficiente, e tanto para se integrarem de uma forma satisfatória, como para realizarem um trabalho razoável (tabela 23). A nosso ver, apesar do sentimento dos voluntários ser válida, a sua experiência de voluntariado vale mais pelo conhecimento da realidade missionária no terreno, pelos benefícios que traz à sua comunidade eclesial e ao próprio voluntário e não tanto pelo trabalho realizado.

Tabela 23 -Exemplo de expressões utilizadas em relação ao tempo da experiência de voluntariado

<b>A duração como ponto negativo</b>
15C: <i>“Gostaria de ter tido a possibilidade de ficar mais tempo no local”</i>
2C: <i>“Terem sido só 2 meses”</i>

Os voluntários de curta duração também apontaram como negativo a falta de formação e de preparação para enfrentar as situações vividas e a ação que iriam realizar. Outro ponto citado é a frustração e desmotivação que sentiram durante a experiência de voluntariado. Essa frustração nasceu em algumas situações pelos voluntários sentirem que a sua ação era insuficiente para alterar a realidade encontrada, criando uma sensação de impotência (tabela 24).

Tabela 24 - Exemplo de expressões utilizadas em relação à falta de formação e à frustração sentida durante o voluntariado missionário

<b>Sentimento de frustração e falta de formação como pontos negativos no voluntariado</b>
19C: <i>“Alguma falta de preparação prévia em algumas áreas”</i>
27C: <i>“A incapacidade de estar à altura de alguns desafios e situações para os quais estava menos preparada”</i>
23C: <i>“Desmotivação quando não conseguimos realizar aquilo que propúnhamos”</i>

Os voluntários de longa duração também citam como fator negativo a falta de preparação para abordar alguns temas no âmbito do cargo que lhes foi confiado pela equipa missionária local. Outro ponto negativo que os voluntários aludem é a dificuldade em comunicar, pois a língua lhes era estranha, levantando muitas vezes obstáculos intransponíveis para que pudessem aproximar-se da população local (tabela 25).

Tabela 25 - Exemplo de expressões utilizadas em relação à falta de formação e barreiras de comunicação encontradas nos voluntários de longa duração

<b>Dificuldades de comunicação e falta de formação como pontos negativos</b>
5L: <i>“Falta de preparação sobre determinados temas”</i>
2L: <i>“dificuldades na comunicação devido ao uso de dialetos locais”</i>

#### **e) O impacto da experiência de voluntariado na comunidade de acolhimento**

Toda a ação voluntária desenvolvida tem um impacto na comunidade de acolhimento e no próprio voluntário. Neste ponto da análise o foco está sobre qual foi o entendimento do voluntário quanto às mudanças ocasionadas pela sua ação no terreno de missão.

A resposta de muitos voluntários está em harmonia com a anterior afirmação de falta de tempo como sendo um fator muito negativo na sua experiência. Assim, muitos dos voluntários de curta duração dizem sentir que o impacto da sua ação é inexistente ou quase nulo, afirmando que se tivessem ficado mais tempo a sua ação poderia ter algum efeito positivo para a comunidade (tabela 26).

Tabela 26 - Exemplo de expressões utilizadas para manifestar os sentimentos em relação ao impacto das suas ações na comunidade local

<b>Impacto nulo ou insignificante</b>
26C: <i>“1 mês não tem qualquer impacto no terreno de missão”</i>
28C: <i>“Penso que o trabalho em si não é suficiente para mudar ou criar algum impacto.”</i>
46C: <i>“Acho que nunca vamos saber ao certo.”</i>

Outros julgaram que seria necessário mais tempo para poderem avaliar os resultados das suas ações ou afirmam que as repercussões das suas ações são indefinidas. Mas houve muitas respostas que afirmam que a sua presença, o seu modo de viver, o seu agir e a forma como os elementos do grupo voluntário agiam eram um testemunho e uma fonte de onde os habitantes locais aprenderam algo (tabela 27). Foi a partir desse interagir social, intercultural e cristão que os voluntários dizem ter visto mais o impacto. Alguns afirmam que podem ter mudado um pouco as mentalidades, de forma que entre a comunidade possa haver um desenvolvimento pessoal e local, principalmente entre as crianças e jovens, abrindo caminhos para que eles possam viver de uma forma diferente também a sua cidadania. Os participantes sentiram que esses encontros serviram para reduzir a distância entre povos e raças (tabela 27).

Tabela 27 - Exemplo de expressões utilizadas para manifestar os sentimentos em relação ao impacto do testemunho missionário na população local

<b>Testemunho e forma de vida como fator de mudança</b>
8C: <i>“Fez os jovens refletir, discutir... foi muito bom”</i>
5L: <i>“Consegui transmitir que na realidade a igualdade existe e que somos todos irmãos.”</i>
23C: <i>“Impacto mais no que toca aos direitos humanos, à gestão de conflitos e também na alegria que transmiti.”</i>

As respostas mostram que alguns voluntários regressam com a sensação de que o seu impacto foi quase negativo, pois as mentalidades e as culturas pareciam impermeáveis a qualquer ação.

Tabela 28 - Exemplo de expressões utilizadas para manifestar os sentimentos em relação ao acolhimento das suas ações por parte da comunidade local

<b>Mentalidades e culturas impenetráveis</b>
4L: <i>“Infelizmente num país como aquele que estive as coisas são muito difíceis de mudar. Mentalidades foi o que mais tentei mudar, e é o mais difícil”</i>

## **f) O impacto da formação no voluntário**

Para que o voluntário exerça a sua ação de uma forma estável, competente e ajustada à realidade a que vai ao encontro é necessário que haja uma boa formação e preparação das atividades. Por isso é necessário que todas as entidades ao desenvolverem os seus projetos de voluntariado identifiquem o tipo de competências que precisam e planeiem a formação dos voluntários que vão partir. Esta formação e preparação são ainda mais relevantes para os voluntários de longa duração, pois estes terão uma ação mais profunda e duradoura. A formação deverá incidir em vários contextos, poderá consistir em dar a conhecer o projeto, os seus princípios fundamentais, o tipo de trabalho a desenvolver, mas também poderá abranger uma preparação espiritual, com retiros e acompanhamento pessoal, preparação para uma vivência comunitária e dar a conhecer o ambiente cultural, o povo e o país de ação.

A maioria dos participantes na pesquisa, 45 voluntários, creem que a formação que receberam teve um impacto positivo no seu agir e na forma como viveram a experiência de voluntariado missionário. Muitos afirmam que ela foi fundamental para saber mais sobre o local de missão e se preparem para enfrentarem os problemas e adversidades que iriam encontrar de um modo mais confiante (tabela 29). Este conhecimento permitiu igualmente que os voluntários ajustassem as suas ações à realidade local e lidassem com mais segurança e agilidade em qualquer imprevisto. Estas formações possibilitaram um desenvolvimento pessoal dos voluntários, permitindo a muitos fazer um caminho de autoconhecimento, controlar as suas expectativas ou receios quanto ao voluntariado missionário. A formação proporcionou ferramentas para que os voluntários desenvolvessem capacidades para viver em comunidade e fizessem uma melhor gestão de conflitos (tabela 29).

Tabela 29 - Exemplo de expressões utilizadas quanto ao impacto da formação recebida na vivência da experiência

<b>Formação recebida como ferramenta para uma melhor vivência do voluntariado</b>
2C: <i>“Saber viver em dificuldades em simplicidade”</i>
12C: <i>“O estar preparada para a realidade que vou encontrar e saber qual a melhor forma de ser, estar e agir”</i>
4L: <i>“Consegui ter uma noção mais precisa daquilo que iria encontrar”</i>

Como pontos negativos, os voluntários ressaltam a falta de formação específica que os preparasse para atuar de uma forma mais confiante na área em que iam trabalhar. Houve outros voluntários que afirmaram o desejo de fazer uma experiência de vivência comunitária antes da partida para o terreno de missão (tabela 30).

Tabela 30 - Exemplo de expressões utilizadas quanto à falta de conciliação entre a formação recebida e a realidade encontrada

<b>Pontos negativos da formação recebida</b>
5L: <i>“A formação foi muito geral. Deveria ser mais específica, muito adaptada para a realidade que se vai encontrar.”</i>
8L: <i>“Não houve nenhuma formação concreta tendo em conta o local onde eu estaria, nem as áreas de atuação.”</i>
26C: <i>“Na minha opinião deveria existir uma experiência em regime interno durante pelo menos 1 semana.”</i>

### **g) O impacto da experiência missionária na contribuição eclesial, pastoral, humana e profissional**

O voluntariado missionário deve ser uma experiência na qual o voluntário consagra-se a cumprir de uma forma caridosa, fraterna e solidária a missão que lhe foi confiada, mas também recebe da parte da população local como forma de retribuição pela sua presença e a sua ação. O voluntário sente que recebe porque vive situações que o fazem desenvolver competências que podem ser empregues nos mais diversos contextos da sua vida. Assim, procurámos saber que diferença notam os voluntários entre o pré e o pós voluntariado. Para isso considerámos como indicadores de análise a vida eclesial, a vida pastoral, a vida profissional e o desenvolvimento humano dos voluntários.

Os voluntários indicaram que o facto de terem partido para uma outra realidade, diferente daquela que vivem quotidianamente, e de sentirem que realizaram uma ação útil trouxe-lhes uma sensação de bem-estar e que hoje são mais realizados (tabela 31). A

experiência de voluntariado também os tornou mais humildes, otimistas e agradecidos. A forma de estar na vida alterou-se, sendo que alguns voluntários sentem que são mais exigentes com eles mesmos, não se conformando tão facilmente com o que se passa à sua volta. Eles sentem que se tornaram mais preocupados e atentos às situações sociais que se passam em Portugal, mais disponíveis para influenciar de uma forma positiva a construção de um mundo melhor para todos os povos (tabela 31).

Tabela 31 - Exemplo de expressões utilizadas em relação ao contributo do voluntariado missionário no contexto humano

<b>Contributo humano</b>
12C: <i>“Mudou a minha forma de ser e estar. Mudou também as minhas prioridades e noção do que é realmente mais importante”</i>
18C: <i>“Sinto-me mais positiva e agradecida pelo que tenho, pelo que vivo e pelo que pratico. Vejo a vida com uma perspetiva diferente, agradeço e não tenho mais por hábito reclamar. Estou mais atenta ao outro”</i>
8L: <i>“Sinto que estou mais disponível, e por isso mais ocupada... Mais correta e por isso mais exigente comigo”</i>
16C: <i>“Tenho um papel de testemunho junto dos que me rodeiam (família, comunidade pastoral e no trabalho), contribuindo para uma melhor valorização do que temos, do que os outros não tem e que devemos construir uma realidade melhor, em conjunto com os outros povos que nos rodeiam.”</i>

No contexto pastoral e eclesial, os voluntários sentem que a sua fé está mais madura, sendo que a relação com Deus teve uma evolução positiva. Este amadurecimento e esta nova relação com Deus fazem com que o voluntário testemunhe o que viveu com grande alegria e como um dom. Levam-no a olhar de uma forma renovada para a sua ação pastoral e a sentir a presença de Deus nas suas atividades. Há voluntários que, depois da sua experiência de voluntariado, sentiram o apelo a comprometerem-se de uma forma mais profunda com a Igreja e com a sua missão (tabela 32).

Tabela 32 - Exemplo de expressões utilizadas em relação ao contributo do voluntariado missionário nos contextos pastoral e eclesial

<b>Contributo pastoral e eclesial</b>
41C: <i>“Mais envolvida na missão de, na minha vida quotidiana, dar mais atenção aos outros; mais competente a nível profissional (sou professora de EMRC); mais participativa na pastoral.”</i>
15C: <i>“Sinto que a minha paróquia não reconheceu em mim um testemunho válido de fé e missão mas que a minha experiência missionária contribuiu para o meu testemunho enquanto pessoa, enquanto profissional e enquanto membro de um movimento missionário.”</i>
35C: <i>“Mais rico, mais feliz por me sentir mais humana, com mais fé e ainda com sentir Deus perto de mim, através dos outros.”</i>
9L: <i>“Mais contemplativa na ação pastoral”</i>

Ao nível profissional, as repostas dos voluntários indicam que o voluntariado missionário lhes permitiu desenvolver habilidades para lidar de uma forma mais capaz com os imprevistos profissionais. Permitiu identicamente estar de uma forma mais humana nas situações que encontram na sua vida profissional (tabela 33).

Tabela 33 - Exemplo de expressões utilizadas em relação ao contributo do voluntariado missionário no contexto profissional

<b>Contributo profissional</b>
9L: <i>“Mais humana na ação profissional”</i>
1C: <i>“Ajudou-me a (...) ganhar mais flexibilidade a lidar com imprevistos a nível humano e profissional.”</i>

# CONCLUSÃO

## Conclusão a partir dos dados e confrontação com os dados teóricos

Este estudo tinha dois objetivos iniciais: 1) compreender quais os fatores motivacionais que levam os voluntários missionários a partir e a desenvolver a sua missão; 2) que balanço fazem, esses mesmos voluntários, da sua experiência missionária. Pensámos que estudando os voluntários de um pequeno número de entidades, de diferentes naturezas e áreas de recrutamento no universo do voluntariado missionário, poder-se-ia chegar a conclusões que trouxessem algumas pequenas luzes sobre o voluntariado missionário em Portugal. Devido a várias limitações e à amplitude do fenómeno estudado, os resultados e as conclusões deste estudo não podem ser de forma alguma generalizados.

Mesmo assim, é possível fazer algumas leituras dos dados conseguidos através da análise quantitativa da segunda parte e da análise qualitativa da terceira parte dos inquéritos. De acordo com o estudo realizado por Clary e Snyder<sup>143</sup> que avalia aspetos motivacionais do voluntariado, já referido no subcapítulo “motivação do voluntário”, as ações dos voluntários, em geral, são motivadas primeiramente por motivos altruístas. Fazendo uma comparação entre os resultados deste estudo e o referencial teórico, vemos que as motivações, apontadas pela maioria dos sujeitos da amostra para a prática de voluntariado, se baseiam também em valores fundamentais intrínsecos da responsabilidade e da solidariedade, ou seja, em motivos altruístas. Contudo, se, por um lado, a opção por exercer uma ação voluntária é motivado por altruísmo, por outro,

---

<sup>143</sup> Cf. CLARY, E.; SNYDER, Mark, “The Motivations to Volunteer: Theoretical and Practical Considerations in Current Directions”, *Psychological Science* 5 (1999) 156-157

podemos verificar que há também a procura de um autodesenvolvimento humano, de amor próprio e de bem-estar pessoal.

No período de preparação para o voluntariado, estes últimos pontos têm de ser abordados e esclarecidos, para não ficarem como elementos escondidos que possam atingir a ação do voluntário de uma forma menos positiva. A multiplicidade de experiências possibilitadas pelo voluntariado missionários, fazem com que ele seja um ambiente propício para que o voluntário cresça como pessoa ou compreenda a própria existência. Estes fatores, paralelamente à ação do voluntário, podem ser um dos objetivos do voluntariado missionário, principalmente para o de curta duração. Desta forma, o comportamento altruísta coabita com um carácter que exprime igualmente aspetos egocêntricos, mostrando não existir um único tipo de motivo para o exercício da ação voluntária.

Como podemos notar no perfil dos voluntários em estudo, em relação à escolaridade (tabela 6), uma elevada percentagem dos participantes frequentam ou frequentaram o ensino superior. No estudo “O Associativismo Juvenil e a Cidadania Política”, desenvolvido por Pedro Silva e Pedro Ferreira, é referido que “os jovens mais instruídos são mais ativos, têm mais consciência cívica e fazem mais uso dos direitos de cidadania. Da mesma forma, os países com tradições cívicas mais desenvolvidas apresentam invariavelmente níveis elevados de escolaridade”.<sup>144</sup>

David Burns afirma que na geração Y<sup>145</sup>, a que pertence a grande maioria da amostra estudada, o nível da educação tem uma influência positiva sobre a participação destes jovens adultos no voluntariado. Esta geração tende a trabalhar mais em prol da comunidade do que a geração anterior. Para esta geração a noção de uma vida melhor não é individualista nem materialista, mas sim um progredir de toda a comunidade:

---

<sup>144</sup> FERREIRA, Pedro; SILVA, Pedro, *O Associativismo Juvenil e a Cidadania Política*, 146

<sup>145</sup> A Geração Y refere-se a jovens que nasceram durante a década de 80 e 90, também conhecidos como Geração Millennials, ou ainda Geração da Internet.

*“Os membros da Geração Y, por exemplo, tendem a ser muito mais orientados para a comunidade do que as gerações anteriores. Além disso, a sua procura de uma vida melhor, não tem por base um materialismo ou individualismo, mas em vez disso está focada em melhorar a sociedade em geral”<sup>146</sup>*

Para eles, a comunidade pode atingir um cariz global, fruto da globalização, assim a sua ação tanto pode ocorrer a um nível local, como incidir sobre um grupo que se encontre em qualquer parte do mundo. Esta geração está consciente das suas possibilidades e capacidades e está disposta a colocá-las ao serviço da sociedade. De acordo com Maria Setúbal, são uma geração de causas e as procuram porque querem fazer o bem e pelo prazer de participar numa experiência fecunda e construtiva.<sup>147</sup>

Embora seja normal que os voluntários missionários tenham tais motivações, isso pode levantar grandes questões pastorais e eclesiais. A missão, como ressaltado no capítulo 2, é uma ação divina que se expressa na ação missionária da Igreja, que tem como objetivo anunciar Jesus Cristo como Salvador e o Reino de Deus que Ele apregoou. O participar nesta ação deveria partir de uma vivência religiosa e espiritual clara. Seria a partir desta experiência do divino, que o missionário deveria olhar para o mundo como a grande messe do Senhor onde é chamado a trabalhar de uma forma concreta e evangélica. Quando o voluntário é movido por causas ou por valores, mesmo que fundado na sua vivência religiosa, não é clara esta motivação religiosa, ou seja, torna-se muito difícil separar a motivação de um voluntário missionário de um voluntário da cooperação internacional. Das repostas do inquérito não se consegue intuir se a razão principal que os move é a fé ou uma outra causa social. Nota-se também que só pouco mais de metade

---

<sup>146</sup> BURNS, David, *Motivations to volunteer and benefits from service learning: an exploration of marketing students*. Disponível na Internet via URL: <http://www.mmaglobal.org/publications/JAME/JAME-Issues/JAME-2011-Vol18-Issue1/JAME-2011-Vol18-Issue1-Burns-pp10-23.pdf>. [acedido no dia 24 de maio de 2016], 12-13

<sup>147</sup> Cf. SETÚBAL, Maria, *Educação e sustentabilidade: Princípios e valores para a formação de educadores*

dos participantes afirmam estar ativamente inseridos nas suas comunidades eclesiais, o que parece estar em choque não só com o facto de a missão se exprimir antes de mais na ação da Igreja, mas também com o facto de todo o missionário ser enviado pela Igreja a partir. É necessário que haja espaços e tempos de discernimento, onde o voluntário possa aprofundar e purgar as suas motivações, para que elas sejam as mais claras e objetivas possíveis. A Igreja não é uma ONGD, mas sim, uma instituição, constituída por homens e mulheres, a quem Cristo deu um mandato claro.

Mas, na generalidade, os dados mostram que as motivações poderão não ser estáticas, pois grande parte das expectativas dizem respeito à sua prática religiosa. Os voluntários encaram o voluntariado missionário como um ambiente propício para desenvolverem a sua fé e agirem de acordo com as suas convicções religiosas. As respostas recolhidas na terceira parte do inquérito indicam que, ao longo da experiência missionária, as motivações que mais poderão ter evoluído foram as altruístas (tabela 18). Esta evolução é estimulada pelos vínculos sociais que o voluntário vai tendo com a população local e igualmente por um maior conhecimento da realidade missionária.

Devido ao facto do voluntariado missionário decorrer num ambiente “*ad gentes*”, o voluntário pode ir ao encontro de realidades que lhe são estranhas e que sobre a qual não tem total controlo. Assim, é normal que o voluntário desenvolva uma capacidade de adaptação a novas situações, uma habilidade para interagir de forma adequada com culturas distintas da sua, em contextos que podem ser difíceis e problemáticos. A fé, nesses contextos, pode ser importante para que o voluntário viva a experiência de uma forma construtiva e madura. De acordo com Gene Ano e Erin Vasconcellesque, os sujeitos motivados por uma vivência espiritual ativa têm vários benefícios. Eles são mais capazes de aceitar a realidade de uma situação, desenvolver estratégias criativas para reagir a essas situações, encontrar sentido nos momentos de dificuldade e trauma, conservar uma visão otimista do futuro, criar a motivação para persistir e resistir, crescer

na adversidade e lidar de uma forma madura com os problemas.<sup>148</sup> O voluntário é chamado a viver um processo de mudança onde a abertura e a compreensão face ao outro, que é diferente, são importantes. As respostas mostram que os voluntários no terreno conseguem ser generosos, mostrando-se disponíveis e humildes, atentos a tudo o que os rodeia, características que estão presentes e são cultivados após o regresso (e.g. participante 10C: “Mais humilde, com mais vontade de ajudar”). O voluntariado missionário permite igualmente ao voluntário conhecer a missão de perto, ver como vivem e agem os missionários e partilhar com eles a mesma missão (e.g. participante 2L: “sentir que a simples presença de um missionário, dá ao povo da comunidade esperança”).

Os dados recolhidos sugerem que o voluntariado missionário é um terreno propício para que no voluntário despontem características que até aquele momento lhes eram desconhecidas. Esta é uma das mais-valias do voluntariado missionário, principalmente o de curta duração. Pois, como também é ressaltado pelos voluntários, os ganhos para a população local devido a esta ação breve não são muitos, mas o impacto na vida do voluntário pode ser muito significativo. O valor desta experiência vem do facto que ela permite ao participante alargar os seus horizontes, ou seja, constitui um campo para descobertas e aprendizagens. No regresso, os voluntários afirmam ser pessoas diferentes e mais desenvoltas, pois ao enfrentar as dificuldades, aprendem a ter mais confiança e a superarem-se a si mesmos. Há um crescimento e um desenvolvimento pessoal, uma aprendizagem de novas competências que podem ser úteis para a sua comunidade de origem e para toda a Igreja. O voluntariado demonstra, assim, ser um fator de desenvolvimento humano, pastoral e mesmo profissional para os próprios voluntários.

---

<sup>148</sup> Cf. ANO, Gene; Vasconcelles, Erin B., “Religious Coping and Psychological Adjustment to Stress: A Meta-Analysis”, *Journal of Clinical Psychology* 61 (2005) 462

## Recomendações

A análise dos dados recolhidos neste estudo permite-nos sugerir recomendações às organizações de envio de voluntários missionários estudadas. Como já foi referido, é importante prever no período de preparação dos projetos de voluntariado, o acompanhamento mais ativo de alguém com competências religiosas, para ajudar os voluntários ao nível espiritual e de fé. Esta necessidade é fundamentada na fraca inserção eclesial de alguns voluntários, que pode levantar algumas questões quanto aos motivos da sua participação nesses projetos. O querer ajudar é bom, mas não pode ser a motivação mais profunda para fazer uma experiência de voluntariado missionário. Como o Papa Francisco referiu a Igreja não é uma ONG, nem a sua missão é uma pura ação motivações<sup>149</sup>. Pelo que a missão das entidades de voluntariado missionário, que está inserida na missão da Igreja, pede que elas acompanhem os seus voluntários espiritualmente, ajudando-os a situar as suas motivações no campo da fé. Este acompanhamento deverá ajudar os voluntários a fazerem uma leitura clara das suas motivações, assim como permitir que aprofundem a fé, caso a sua confissão seja católica. O acompanhamento deve também auxiliar os voluntários no conhecimento da espiritualidade da entidade com que vão fazer o voluntariado missionário, caso a entidade tenha uma ligação a um Instituto ou Congregação Religiosa. Este acompanhamento é ainda mais importante nas experiências de longa duração, pois o voluntário estará num contexto mais pessoal, partilhando de uma forma mais próxima a vida comunitária dos missionários no terreno, o que requer uma maturidade diferente e uma partilha de vida, a muitos níveis, com a comunidade religiosa. Este acompanhamento deverá também ocorrer no regresso, para permitir ao voluntário fazer uma leitura mais profunda e espiritual da sua experiência e integrar melhor as mais-valias daquilo que viveu.

---

<sup>149</sup> Este pensamento foi referido pelo Papa Francisco na sua homilia da Santa Missa com os Cardeais, que teve lugar na Capela Sistina a 14 de março de 2013

Por outro lado, seria bom que as entidades encontrassem mecanismos que lhes permitissem ter um relacionamento mais próximo com as comunidades eclesiais dos seus voluntários. Este ponto depende igualmente da abertura dos pastores às entidades e ao seu trabalho. Esta proximidade entre as entidades e as comunidades eclesiais dos voluntários permitiria que toda a experiência fosse ainda mais proveitosa para todos, podendo haver uma melhor integração do voluntário e uma melhor planificação de atividades. As entidades fazem um trabalho notável, mas, em algumas delas, a boa vontade não esconde que o seu trabalho não se assenta em metodologias criteriosas e planificações de longo prazo. Mesmo assim, elas conseguem ser atraentes para os voluntários e criar neles um espírito de pertença, desenvolvendo projetos bastante sólidos e com grande credibilidade para os voluntários.

### **Propostas para futuras abordagens**

Futuramente, para se fazer uma abordagem profunda e crítica do impacto da ação do voluntariado missionário nas comunidades de origem, seria necessário a participação de todos os atores sociais que intervêm neste fenómeno. Seria muito útil e valiosa a visão dos missionários no terreno quanto às diferenças registadas o antes e o depois da presença do voluntário missionário. Seria vantajoso entrevistar também elementos da população local, de modo a escutar aqueles que tiveram um papel predominante nos projetos. Seria importante escutar aqueles que acompanharam no terreno esses projetos, já num período pós voluntariado missionário, com o objetivo de obter dados concretos relativos às transformações ocorridas. Por fim, seria bom ter também a participação mais profunda das entidades, para poder comparar a visão desses atores com os objetivos propostos quando, no início, desenvolveram os projetos.

## **BIBLIOGRAFIA**

### **DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO**

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja: AAS 57 (1965), 1-71.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Decreto *Ad Gentes*, sobre a Atividade Missionária da Igreja: AAS 58 (1965), 947-990.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição pastoral *Gaudium et Spes*: AAS 58 (1966), 1025-1120.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Decreto *Apostolicam Actuositatem* - Sobre o Apostolado dos Leigos: AAS 58 (1966,) 837-864.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Voluntariado: Porta aberta para a humanização social*, Lisboa: Secretariado Geral da CEP, 2001.

PAULUS PP. VI, “*Adhortatio Apostolica Evangelii nuntiandi*”: AAS 68 (1976,) 5-76.

IOANNES PAULUS PP. II, “*Litterae Encyclicae Redemptoris Missio*”: AAS 83 (1991), 249-340.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIALOGO INTER-RELIGIOSO;  
CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS, *Instrução Diálogo e Anúncio*: AAS 84 (1992), 414-446.

SECRETARIADO PARA OS NÃO-CRISTÃOS, *A Igreja e as outras Religiões, Diálogo e Missão*: AAS 76 (1984), 816-828.

PAULUS PP. VI, “*Litterae Encyclicae Ecclesiam suam*”: AAS 56 (1964), 609-659.

FRANCISCUS PP., *Adhortatio apostolica Evangelii gaudium*: AAS 105 (2013), 1019-1137.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 1ª ed., Principia, S. João do Estoril, 2005.

IOANNES PAULUS PP. II, “*Adhortatio apostolica post-synodalis Christifideles Laici*”: AAS 81 (1989), 393-521.

IOANNES PAULUS PP. II, “*Litterae Encyclicae Sollicitudo Rei Socialis*”: AAS 80 (1988), 513-586.

PAULUS PP. VI, “*Litterae Encyclicae Populorum progressio*”: AAS 59 (1967), 257-299.

## ESTUDOS

- AGOSTINHO, *In Epistolam Ioannis ad Parthos tractatus decem*, Paris: J.-P. Migne, 1841, 1977-2062.
- AMARO, Maria; BATISTA, Catarina, *Vidas de Missão – 25 anos de voluntariado dos Leigos para o Desenvolvimento*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2012.
- BEVANS, Stephen; SCHROEDER, Roger, *Teología para la misión hoy. Constantes en context*, Estella: Editorial Verbo Divino.
- BIFET, Juan, *Misiología: evangelizar en un mundo global*, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2008.
- BLANCO, Juan, *Emplazados para una nueva evangelización*, Madrid: Ediciones Universidad San Dámaso, 2013.
- BOROBIO, Dionisio, *Los ministerios en la comunidad*, Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 1999.
- BOSCH, David, *Transforming Mission: Paradigm shift in theology of mission*, New York: Orbis Books, 1992.
- CAPÍTULOS E COMISSÕES DA PROVÍNCIA PORTUGUESA DA CSSp, *Documentos Capitulares – Carisma e Missão*, 2000
- DE OLIVEIRA FRANCO, José, *Recursos Humanos: Fundamentos E Processos*, Curitiba: IESDE, 2008.
- FERREIRA, Pedro; SILVA, Pedro, *O Associativismo Juvenil e a Cidadania Política*,
- GARCÍA ROCA, Joaquín, *Solidaridad y voluntariado*, Santander: Editorial Sal Terrae, 1994.
- GARCIA, Oscar, *La pasión de seguir: Voluntariado transformador, sin excusas, sin fronteras*, Buenos Aires: Seguir Creciendo, 2ª ed., 2007.
- JAVALOY, Patricia, *Voluntariado en red Hacia un nuevo universo solidário*, San Vicente del Raspeig: Publicaciones Universidad de Alicante, 2011.
- KIZHAKKEPARAMPIL, Isaac, *The Invocation of the Holy Spirit as Constitutive of the Sacraments according to cardinal Yves Congar*, Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1995.
- LEVINAS, Emmanuel, *Autrement qu'êtré ou au-delà de l'essence*, La Haye: Martinus Nijhoff, 1974.
- LEVINAS, Emmanuel, *Totalité et Infini. Essai sur L'extériorité*, Paris: Kluwer Academic, 2000.
- NEVES, Tony, *Crónicas com Missão*, Lisboa: Missionários do Espírito Santo, 2005.
- NEVES, Tony, *Crónicas com Missão 2*, Lisboa: LIAM, 2015.

TORRES NEIVA, Adélio, *Congregação do Espírito Santo e do Imaculado Coração de Maria: A história da Província Portuguesa 1867-2004*, Lisboa: Gráfica Povoense, 2005.

NUNES, José, *Teologia da Missão: Notas e Perspectivas*, Lisboa: Obras Missionárias Pontifícias, 2ª edição, 2008.

PLATAFORMA DE VOLUNTARIADO DE ESPAÑA, *Diagnóstico de la situación del voluntariado de acción social en España*, Madrid: Ministerio de Sanidad, Política Social e Igualdad, 2011.

SERAPIONI, Mauro; FERREIRA, Sílvia; MANECA LIMA, Teresa; MARQUES, Ricardo, *Estudo sobre o Voluntariado*, Coimbra: CES/Fundação Eugénio de Almeida, 2013.

SETUBAL, Maria Alice, *Educação e sustentabilidade: Princípios e valores para a formação de educadores*, São Paulo: Peirópolis, 2015.

SOBRINO, Jon, *Resurrección de la verdadera Iglesia: Los pobres, lugar teológico de la eclesiología*, Santander: Editorial Sal Terrae, 1981.

VIERA, Cátia, *A missão e os espaços de solidariedade, Missão. Urgência e prioridade. Jornadas Missionárias Nacionais (2004-2010)*, Lisboa: Obras Missionárias Pontifícias, 2011, 221-242.

## ARTIGOS

ANO, Gene; Vasconcelles, Erin B., “Religious Coping and Psychological Adjustment to Stress: A Meta-Analysis”, *Journal of Clinical Psychology* 61 (2005) 461-480.

ARANGUREN GONZALO, Luis, “La Solidaridad, más que una moda”, *Revista Cáritas* 376 (1997) 17-28.

ARCHER, Richard L.; DIAZ-LOVING, Rolando; GOLLWITZER, Peter M.; DAVIS, Mark H.; FOUSHEE, H. Clayton, “The role of dispositional empathy and social evaluation in the empathic mediation of helping”, *Journal of Personality and Social Psychology* 40 (1981) 786-796.

AYALA, Victor; SALAS, Emilio, “Globalización y voluntariado: construir una sociedad desde los valores del voluntariado”, *Documentación Social* 160 (2011) 71-89.

BORGES DE PINHO, José, “Lumen Gentium: A Igreja (antes, depois, 50 anos depois)”, *Theologica*, 48 (2013) 257-282.

CARLO, Gustavo; EISENBERG, Nancy; TROYER, Debra; SWITZER, Galen; SPEER, Anna L., “The altruistic personality: In what contexts is it apparent?”, *Journal of Personality and Social Psychology* 61 (1991) 450-458.

CLARY, E.; SNYDER, Mark, “The Motivations to Volunteer: Theoretical and Practical Considerations”, *Current Directions in Psychological Science* 5 (1999) 156-159.

DE SOUZA, Washington; DE MEDEIROS, Jássio, “Trabalho Voluntário: motivos para sua realização”, *Revista de Ciências da Administração* 33 (2012) 93-102.

GONZALO, Luis, “Voluntariado, más que un impulso solidario”, *Athenai* 54 (2011) 4-5.

Lei nº 71/98 de 3 de Novembro, DIÁRIO DA REPÚBLICA — I SÉRIE-A - N.º 254 (98-11-03).

VIEIRA, Domingos, “Solidariedade Cristã. Horizonte de Sentido e Lógica de Acção”, *Communio - Revista Internacional Católica* 2 (2009) 187-194.

## **FONTES DE INTERNET**

<http://equipoagora.es/Documentacion/El-voluntariado.html> [acedido no dia 5 de fevereiro de 2015].

<http://gasafriporto.page.tl/Apresenta%E7%E3o.htm> [acedido no dia 10 de março de 2016].

<http://www.revistaespacios.com/a12v33n09/12330914.html> [acedido 10 de janeiro de 2015].

<http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/nacional/voluntariado-900-portugueses-envolvidos-em-projetos-de-voluntariado> [acedido no dia 11 de abril de 2016].

[http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097\\_01%20Ricardo%20Marques.pdf](http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097_01%20Ricardo%20Marques.pdf) [acedido no dia 1 de outubro de 2015].

[https://www.chiesacattolica.it/cc\\_i\\_new/documenti\\_cci/2014-11/11-1047/](https://www.chiesacattolica.it/cc_i_new/documenti_cci/2014-11/11-1047/) "Evangelizzazione.e.sacramenti" \_Documento\_12.7.1973.pdf. [acedido no dia 22 de novembro de 2015]

<http://www.compactvoice.org.uk/sites/default/files/volunteering.pdf> [acedido no dia 10 de dezembro de 2014].

<http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/2011/02/16/voluntariado-e-nova-consciencia-social> [acedido no dia 25 de setembro de 2015].

[http://www.europarl.europa.eu/pdf/eurobarometre/2011/juillet/04\\_07/rapport\\_%20eb75\\_2\\_%20benevolat\\_en.pdf](http://www.europarl.europa.eu/pdf/eurobarometre/2011/juillet/04_07/rapport_%20eb75_2_%20benevolat_en.pdf). [acedido no dia 1 de outubro de 2015].

<http://www.fecong.org/imprimir.asp?noticiaid=13470> [acedido no dia 7 de março de 2016].

<http://www.fecong.org/noticia.asp?noticiaid=34972> [acedido no dia 12 de janeiro de 2016].

[http://www.fecong.org/qs\\_noticia.asp?noticiaid=32754](http://www.fecong.org/qs_noticia.asp?noticiaid=32754) [acedido no dia 22 de dezembro de 2015].

<http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/motivação> [acedido no dia 1 de janeiro de 2015].

<http://www.mmaglobal.org/publications/JAME/JAME-Issues/JAME-2011-Vol18-Issue1/JAME-2011-Vol18-Issue1-Burns-pp10-23.pdf> [acedido no dia 24 de maio de 2016].

<http://www.ondjoyetu.com/?page=11> [acedido no dia 12 de março de 2016].

[http://www.unv.org/fileadmin/docdb/pdf/2011/SWVR/English/SWVR2011\\_full\\_%5B04%5D\\_chapter1.pdf](http://www.unv.org/fileadmin/docdb/pdf/2011/SWVR/English/SWVR2011_full_%5B04%5D_chapter1.pdf) [acedido no dia 10 de dezembro de 2014].

## INDICE DE TABELAS

Tabela 1- Evolução do número de voluntários por ano/missões internacionais.....	68
Tabela 2- Lista de itens apresentada aos voluntários .....	74
Tabela 3- Distribuição dos voluntários por entidades ou organização de origem.....	85
Tabela 4- Distribuição por género .....	85
Tabela 5- Distribuição por idade .....	85
Tabela 6- Distribuição dos voluntários por grau de escolaridade .....	86
Tabela 7- Experiência anteriores de voluntariado .....	86
Tabela 8 - Distribuição por religião professada.....	86
Tabela 9- Compromisso eclesial .....	86
Tabela 10 - Como se envolveu com o voluntariado missionário .....	87
Tabela 11 - Distribuição dos voluntários por duração da missão.....	87
Tabela 12 - Itens mais destacados pelos voluntários.....	88
Tabela 13 - Classificação das funções motivacionais .....	89
Tabela 14 - Exemplo de expressões utilizadas em relação às expectativas de contexto religioso .....	91
Tabela 15 - Exemplo de expressões utilizadas em relação às expectativas de contexto de uma ação altruísta .....	91
Tabela 16 - Exemplo de expressões utilizadas em relação às expectativas de conhecer outras realidades .....	92
Tabela 17 - Exemplo de expressões utilizadas em relação às mudanças ao nível da fé. 92	
Tabela 18 - Exemplo de expressões utilizadas em relação à sua atenção renovada.....	93
Tabela 19 - Exemplo de expressões utilizadas em relação às mudanças do modo como se sentem confiantes, vivem a sua e relacionam-se com os missionários .....	93
Tabela 20 - Exemplo de expressões utilizadas em relação ao contacto com a cultura local .....	94
Tabela 21 -Exemplo de expressões utilizadas em relação ao grupo de voluntários e comunidade missionária local .....	94
Tabela 22 - Exemplo de expressões utilizadas em relação à vivência cultural e às relações sociais estabelecidas .....	95
Tabela 23 -Exemplo de expressões utilizadas em relação ao tempo da experiência de voluntariado .....	95

Tabela 24 - Exemplo de expressões utilizadas em relação à falta de formação e à frustração sentida durante o voluntariado missionário .....	96
Tabela 25 - Exemplo de expressões utilizadas em relação à falta de formação e barreiras de comunicação encontradas nos voluntários de longa duração .....	96
Tabela 26 - Exemplo de expressões utilizadas para manifestar os sentimentos em relação ao impacto das suas ações na comunidade local.....	97
Tabela 27 - Exemplo de expressões utilizadas para manifestar os sentimentos em relação ao impacto do testemunho missionário na população local.....	97
Tabela 28 - Exemplo de expressões utilizadas para manifestar os sentimentos em relação ao acolhimento das suas ações por parte da comunidade local.....	97
Tabela 29 - Exemplo de expressões utilizadas quanto ao impacto da formação recebida na vivência da experiência.....	99
Tabela 30 - Exemplo de expressões utilizadas quanto à falta de conciliação entre a formação recebida e a realidade encontrada.....	99
Tabela 31 - Exemplo de expressões utilizadas em relação ao contributo do voluntariado missionário no contexto humano .....	100
Tabela 32 - Exemplo de expressões utilizadas em relação ao contributo do voluntariado missionário nos contextos pastoral e eclesial .....	101
Tabela 33 - Exemplo de expressões utilizadas em relação ao contributo do voluntariado missionário no contexto profissional.....	101

## **INDICE DE FIGURAS**

Figura 1- Pirâmide da Hierarquia das Necessidades de Maslow .....	28
Figura 2- Cronograma do Estudo Empírico .....	72

# INDICE GERAL

SIGLÁRIO E ABREVIATURAS .....	3
INTRODUÇÃO.....	4
CAPÍTULO 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEITOS FUNDAMENTAIS DO VOLUNTARIADO .....	10
1.1 O conceito de voluntariado .....	10
1.2 Princípios enquadradores do voluntariado.....	14
1.3 Principais áreas e grupos alvos do voluntariado.....	19
1.5 Voluntariado e Solidariedade.....	29
CAPÍTULO 2 - TEOLOGIA DA MISSÃO .....	36
2.1. Fundamentos Teológicos .....	36
2.2. Perspetivas da Missão Contemporânea.....	45
2.3. O lugar e a missão dos leigos na Igreja e no Mundo .....	56
2.4. Missão como meio de promoção humana.....	61
2.5. O voluntariado missionário em Portugal .....	65
CAPÍTULO 3 - ESTUDO EMPÍRICO .....	70
3.1. Questões de partida .....	70
3.2. Caminho Percorrido .....	72
3.3. Caracterização das entidades que participam no estudo.....	76
3.4 Análise e interpretação de dados .....	84
3.4.1. Caraterização da amostra .....	84
3.4.2. Razões que levam a partir em missão .....	87
3.4.3. Autoavaliação e repercussão da experiência de voluntariado.....	90
CONCLUSÃO.....	102
BIBLIOGRAFIA.....	109
INDICE DE TABELAS .....	114
INDICE DE FIGURAS .....	116

ANEXO I: Guião do inquérito por questionário .....	119
ANEXO II: Dados do inquérito por questionário: caracterização dos voluntários .....	129
ANEXO III: Dados do inquérito por questionário: motivação dos voluntários .....	135
ANEXO IV: Respostas relativas ao impacto da experiência de voluntariado .....	143
ANEXO V: Entidades de voluntariado missionário em Portugal .....	155

## **ANEXO I**

### **Guião do inquérito por questionário**



# Voluntariado Missionário - Motivação, Impacto e Balanço

O presente inquérito por questionário enquadra-se numa investigação no âmbito do Mestrado Integrado em Teologia, da Universidade Católica Portuguesa, a fim de que seja possível produzir a dissertação de Tese, desenvolvida por um jovem religioso da Congregação do Espírito Santo.

O inquérito é dirigido aos voluntários missionários e pretende recolher dados sobre as motivações e balanço dos voluntários. Sem prejuízo dos dados recolhidos serem utilizados para fins de tratamento estatístico e análise, assegura-se a estrita confidencialidade de origem dos mesmos. Agradeço, antecipadamente, a sua participação e peço que responda até 29 de fevereiro.

**\*Required**

## 1. Idade \*

.....

## 2. Sexo \*

*Mark only one oval.*

Masculino

Feminino

## 3. Com que grupo ou associação realizaste o teu voluntariado missionário? \*

.....

## 4. Por que período de tempo partiu? \*

*Mark only one oval.*

1 mês

1 a 3 meses

6 meses

1 ano

2 anos

Mais de 2 anos

## 5. Escolaridade

*Mark only one oval.*

Sem escolaridade

1º Ciclo do Ensino Básico (4ª classe/ano)

2º Ciclo do Ensino Básico (6º Ano)

3º Ciclo do Ensino Básico (9º Ano)

Ensino Secundário (12º Ano)

Bacharelato ou Licenciatura

Mestrado ou doutoramento

**6. Situação Profissional**

*Mark only one oval.*

- Estudante
- Empregado
- Desempregado
- Outro

**7. Professa a fé de alguma religião?**

*Mark only one oval.*

- Sim
- Não

**8. Se respondeu sim à questão anterior, podes indicar a religião?**

*Mark only one oval.*

- Católica Romana
- Outra Igreja Cristã
- Outra
- Não sei / Não respondo (NS/NR)

**9. Como classificava a sua inserção na Igreja, antes da sua experiência missionária?**

*Mark only one oval.*

- Uma inserção muito activa
- Uma inserção muito reduzida
- Nula
- NS/NR

**10. Está atualmente comprometido/a ativamente em algum movimento, grupo ou paróquia?**

*Mark only one oval.*

- Sim
- Não
- NS/NR

**11. Antes da sua experiência de voluntariado missionário, já tinha participado em outro voluntariado?**

*Mark only one oval.*

- Sim
- Não
- NS/NR

**12. Caso já tivesse participado em outro voluntariado, poderia indicar em que voluntariado participou?**

.....

13. **Como conheceu ou escolheu a entidade / grupo onde desenvolveu o voluntariado missionário?**

*Mark only one oval.*

- Através de um familiar
- Através de um amigo
- Pela comunicação Social
- Nos meios académicos
- Através do testemunho de um voluntário que já fez a experiencia
- Na página de internet da entidade / grupo
- Nas redes sociais
- Nos meios eclesiais / Paróquia
- Outros
- NS/NR



Porque é importante para a minha família, amigos e conhecidos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Porque ajuda-me a melhor relacionar e lidar com o outro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Porque pode ter um efeito positivo sobre a minha autoconfiança	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Porque poderá ter efeito positivo sobre a minha autoestima	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Por causa da minha convicção religiosa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Porque a vivência da fé cria uma disposição interior que me leva a procurar ajudar as pessoas nas suas necessidades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Porque é bom experimentar a gratidão dos outros na sua relação comigo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Porque me sinto bem ao ajudar os outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**15. Existe mais algum motivo não mencionado anteriormente que foi importante para si?**

.....

.....

.....

.....

.....

**16. Indique 3 expectativas que tinha no início da sua experiência de voluntariado**

.....

.....

.....

.....

.....

**17. Indique 3 aspetos que mudaram em si, devido à sua experiência de voluntariado missionário**

.....

.....

.....

.....

.....

**18. Indique 3 aspetos positivos da sua experiência de voluntariado missionário**

.....

.....

.....

.....

.....

19. Indique 3 aspetos negativos da sua experiência de voluntariado missionário

.....  
.....  
.....  
.....  
.....

20. Descreva em poucas palavras a experiência mais gratificante que teve enquanto voluntário missionário

.....  
.....  
.....  
.....  
.....

21. Descreva em poucas palavras o impacto que julga ter tido a sua ação no terreno de missão

.....  
.....  
.....  
.....  
.....

22. Em que áreas atuou ou que tipo de trabalho realizou enquanto voluntário?

.....  
.....  
.....  
.....  
.....

23. A formação fornecida através da instituição que o enviou, influenciou os resultados obtidos?

*Mark only one oval.*

Sim

Não

24. Caso tenha respondido afirmativamente, quais foram as mais-valias dessa formação?

.....  
.....  
.....  
.....  
.....

25. Caso tenha respondido negativamente, que pontos julga terem faltado?

.....  
.....  
.....  
.....  
.....

26. De que forma se sente, devido à experiência missionária, na sua contribuição eclesial / pastoral / humana / profissional?

.....  
.....  
.....  
.....  
.....

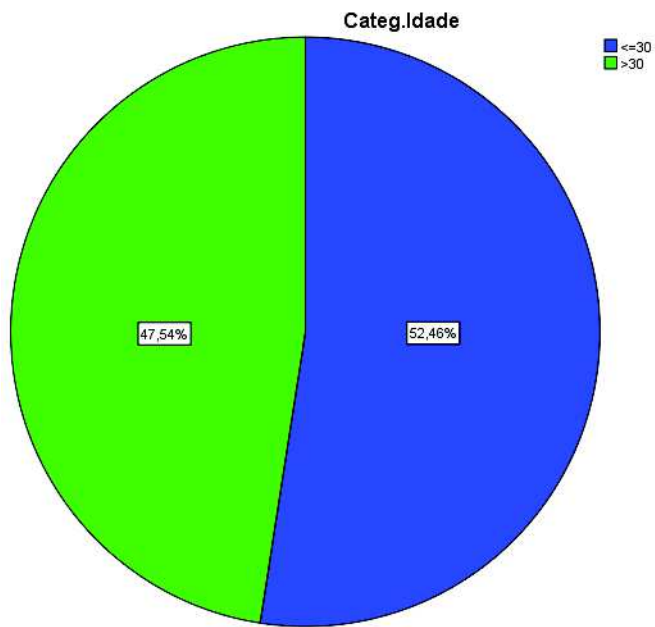


## **ANEXO II**

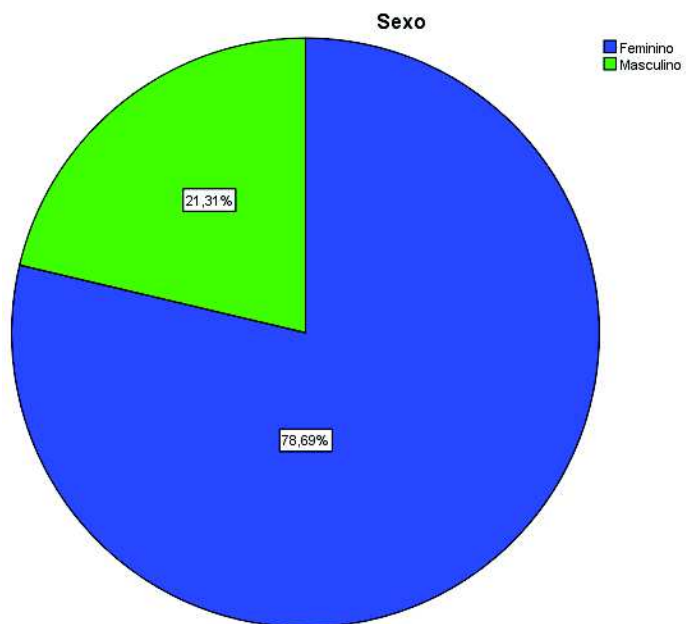
### **Dados do inquérito por questionário: caracterização dos voluntários**



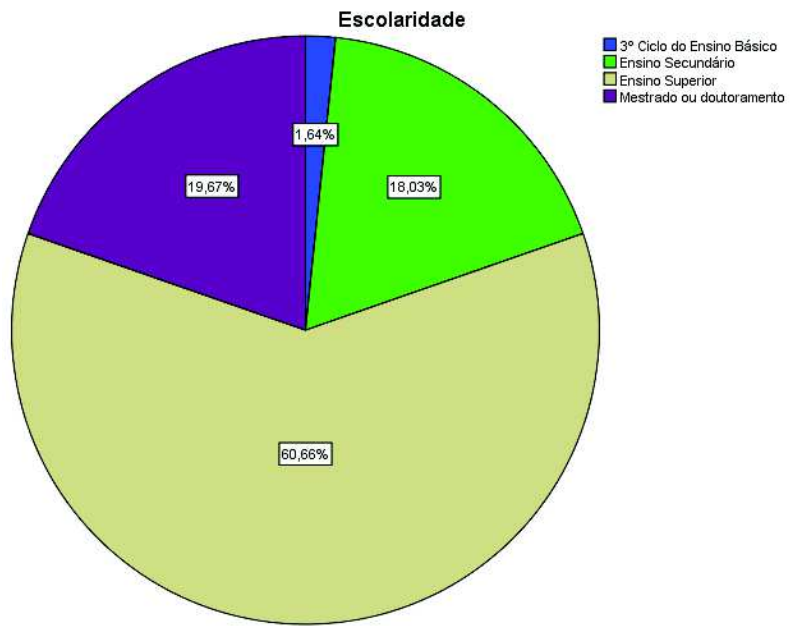
## Idade



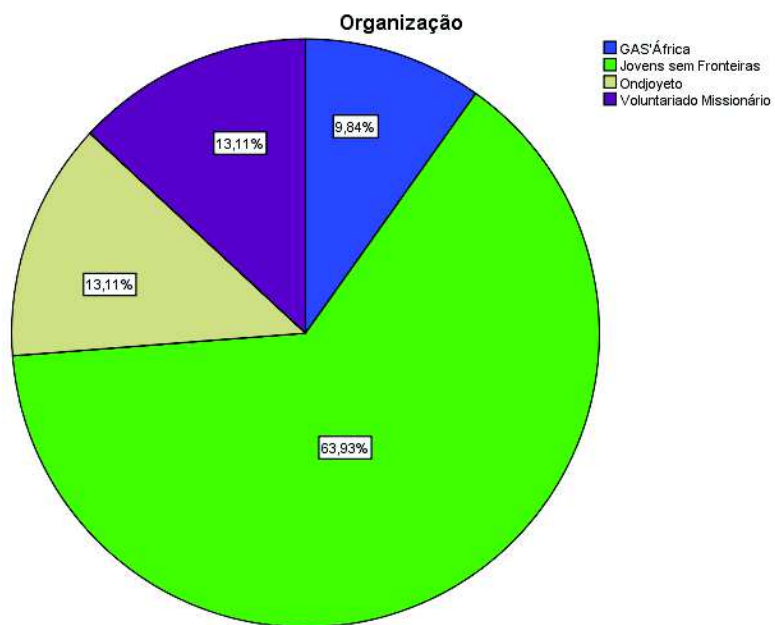
## Género



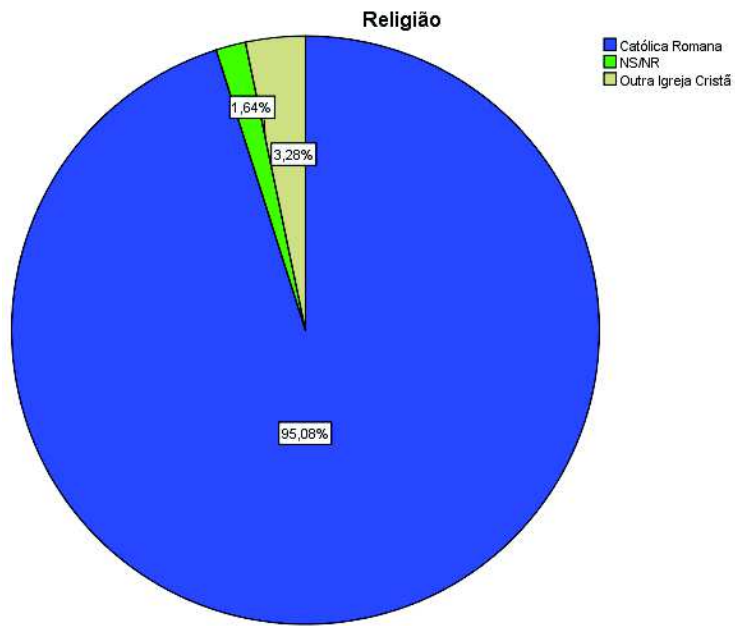
## Escolaridade



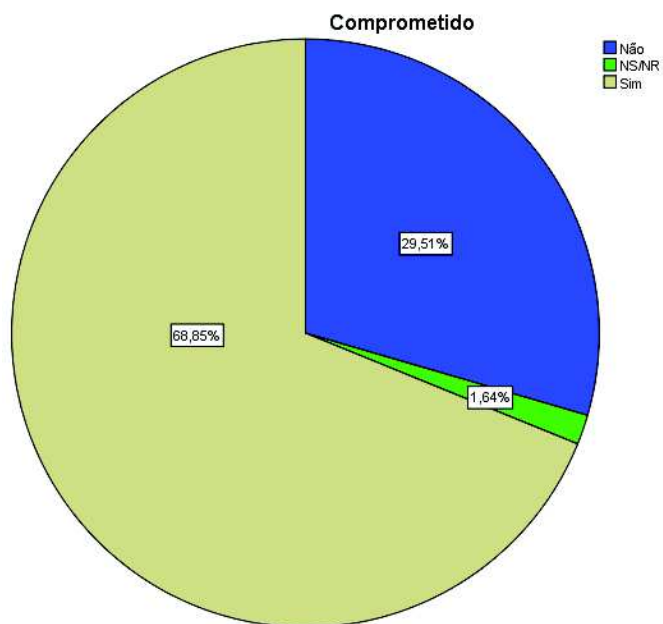
## Entidades de Envio



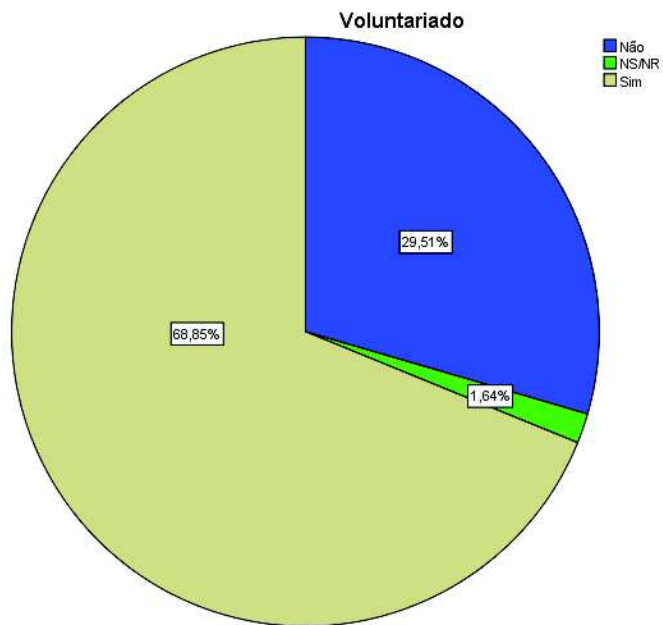
## Religião



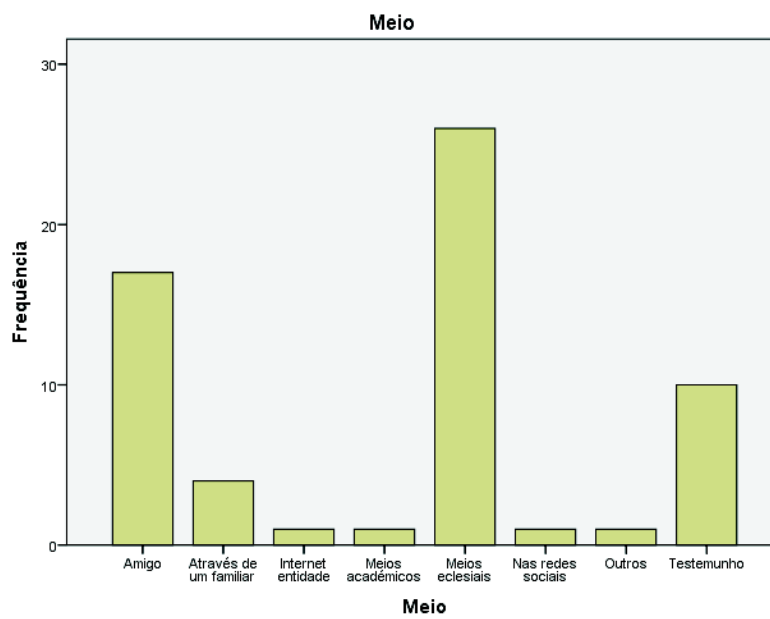
## Envolvimento ativo em algum movimento / grupo/Instituição da religião que professa



## Participação anteriores em ação e voluntariado



## Como se comprometeu no voluntariado missionário



### **ANEXO III**

#### **Dados do inquérito por questionário: motivação dos voluntários**



## Tabelas de frequência relativos a cada função do IFV

1 - Nada Motivado [...] 6 – Muito Motivado

Função	Item do Inquérito	Frequência					
		1	2	3	4	5	6
VALORES	1. Porque há pessoas com necessidades que eu posso dar resposta	1	2	5	12	12	28
	2. Porque me preocupo com os mais pobres e quero ajudar	1	0	5	10	11	33
	3. Porque sinto que é importante ajudar os outros	0	0	1	8	10	41
	4. Porque sou também responsável pelos outros mais desfavorecidos	0	3	4	7	13	33
	5. Porque esta é uma causa que é importante para mim	0	0	4	6	14	36
	6. Porque também já vivi situações difíceis e sei como é bom ser ajudado(a)	23	16	11	5	3	2
	7. Porque me ajuda a concretizar o amor pelos outros	1	0	2	13	18	26

Função	Item do Inquérito	Frequência					
		1	2	3	4	5	6
CONHECIMENTO	8. Porque as experiências que tive neste campo me levaram a ir mais longe	3	1	6	12	11	27
	9. Porque gosto da aventura de ajudar pessoas num destino exótico	26	11	13	2	7	1
	10. Porque gosto de conhecer lugares e culturas novas	3	10	14	15	9	9
	11. Porque julgo que fazer-me entender melhor o que é a vida	1	8	12	11	16	12
	12. Porque pode-me ajudar a conhecer a mim mesma	4	2	11	13	19	11

Função	Item do Inquérito	Frequência					
		1	2	3	4	5	6
AUTO-VALORIZAÇÃO	13. Porque é bom e importante para mim ser apreciado(a)	28	13	12	3	4	0
	14. Porque é bom e importante para mim ser reconhecido(a)	30	15	8	3	4	0
	15. Porque jugo que recebo mais do que dou	9	10	8	9	10	14
	16. Porque faz-me sentir uma boa pessoa	11	8	16	6	9	10
	17. Porque faz-me sentir importante	28	12	9	5	5	1
	18. Porque faz-me sentir útil	2	6	4	15	13	20
	19. Porque gosto de ocupar-me	22	11	9	10	6	2
	20. Porque pode-me mudar como pessoa	3	4	8	17	16	12
	30. Porque pode ter um efeito positivo sobre a minha autoconfiança	18	12	11	10	7	2
	31. Porque poderá ter efeito positivo sobre a minha autoestima	19	12	10	10	7	2

Função	Item do Inquérito	Frequência					
		1	2	3	4	5	6
SOCIAL	23. Para dar um bom exemplo aos que me rodeiam	9	10	14	9	11	7
	24. Porque os meus amigos e a minha família já foram também	38	11	6	4	1	0
	25. Porque me permite conhecer novas pessoas e fazer novos amigos	13	12	16	11	4	4
	26. Porque me permite construir as minhas próprias redes sociais	32	16	6	4	2	0
	27. Porque o sou com um grupo que partilha comigo uma mesma causa	6	8	6	16	16	8
	28. Porque é importante para a minha família, amigos e conhecidos	37	14	6	1	2	0
	29. Porque ajuda-me a melhor relacionar e lidar com o outro	6	8	9	12	17	8

Função	Item do Inquérito	Frequência					
		1	2	3	4	5	6
<b>PROTEÇÃO</b>	32. Por causa da minha convicção religiosa	3	2	6	7	19	23
	33. Porque a vivência da fé cria uma disposição interior que me leva a procurar ajudar as pessoas nas suas necessidades	2	0	3	6	16	33
	34. Porque é bom experimentar a gratidão dos outros na sua relação comigo	7	10	9	8	17	9
	35. Porque me sinto bem ao ajudar os outros	0	2	9	6	24	25

Função	Item do Inquérito	Frequência					
		1	2	3	4	5	6
<b>CARREIRA</b>	21. Porque me ajuda a desenvolver as minhas competências profissionais	13	6	9	16	12	4
	22. Porque me vai ajudar a conhecer oportunidades de emprego	20	13	10	4	3	0

## Distribuição total dos itens

<b>Item</b>	<b>Função</b>	<b>Média Aritmética</b>
<b>Porque sinto que é importante ajudar os outros</b>	Valor	5,52
<b>Porque esta é uma causa que é importante para mim</b>	Valor	5,37
<b>Porque a vivência da fé cria uma disposição interior que me leva a procurar ajudar as pessoas nas suas necessidades</b>	Proteção	5,22
<b>Porque me preocupo com os mais pobres e quero ajudar</b>	Valor	5,15
<b>Porque sou também responsável pelos outros mais desfavorecidos</b>	Valor	5,15
<b>Porque me sinto bem ao ajudar os outros</b>	Proteção	5,12
<b>Porque me ajuda a concretizar o amor pelos outros</b>	Valor	5,08
<b>Porque há pessoas com necessidades que eu posso dar resposta</b>	Valor	4,93
<b>Porque as experiências que tive neste campo me levaram a ir mais longe</b>	Conhecimento	4,80
<b>Por causa da minha convicção religiosa</b>	Proteção	4,77
<b>Porque faz-me sentir útil</b>	Autovalorização	4,52
<b>Porque pode-me mudar como pessoa</b>	Autovalorização	4,25
<b>Porque pode-me ajudar a conhecer a mim mesma</b>	Conhecimento	4,23
<b>Porque julgo que fazer-me entender melhor o que é a vida</b>	Conhecimento	4,15
<b>Porque o sou com um grupo que partilha comigo uma mesma causa</b>	Social	3,87
<b>Porque ajuda-me a melhor relacionar e lidar com o outro</b>	Social	3,83
<b>Porque é bom experimentar a gratidão dos outros na sua relação comigo</b>	Proteção	3,75
<b>Porque gosto de conhecer lugares e culturas novas</b>	Conhecimento	3,73
<b>Porque jugo que recebo mais do que dou</b>	Autovalorização	3,72
<b>Porque faz-me sentir uma boa pessoa</b>	Autovalorização	3,40
<b>Para dar um bom exemplo aos que me rodeiam</b>	Social	3,40
<b>Porque me ajuda a desenvolver as minhas competências profissionais</b>	Carreira	3,33
<b>Porque me permite conhecer novas pessoas e fazer novos amigos</b>	Social	2,88
<b>Porque pode ter um efeito positivo sobre a minha autoconfiança</b>	Autovalorização	2,70
<b>Porque poderá ter efeito positivo sobre a minha autoestima</b>	Autovalorização	2,67
<b>Porque gosto de ocupar-me</b>	Autovalorização	2,55
<b>Porque gosto da aventura de ajudar pessoas num destino exótico</b>	Conhecimento	2,27

<b>Item</b>	<b>Função</b>	<b>Média Aritmética</b>
<b>Porque também já vivi situações difíceis e sei como é bom ser ajudado(a)</b>	Valor	2,25
<b>Porque faz-me sentir importante</b>	Autovalorização	2,17
<b>Porque é bom e importante para mim ser apreciado(a)</b>	Autovalorização	2,03
<b>Porque me vai ajudar a conhecer oportunidades de emprego</b>	Carreira	1,95
<b>Porque é bom e importante para mim ser reconhecido(a)</b>	Autovalorização	1,93
<b>Porque me permite construir as minhas próprias redes sociais</b>	Social	1,80
<b>Porque os meus amigos e a minha família já foram também</b>	Social	1,65
<b>Porque é importante para a minha família, amigos e conhecidos</b>	Social	1,62



## **ANEXO IV**

### **Respostas relativas ao impacto da experiencia de voluntariado**



### Indique 3 expectativas que tinha no início da sua experiência de voluntariado

<b>Expectativas religiosas no início da experiência de voluntariado</b>
4C: <i>“Crescer na fé”</i>
7C: <i>“Aumentar a minha crença e fé”</i>
8C: <i>“Crescer na fé”</i>
15C: <i>“Crescimento espiritual”</i>
20C: <i>“Partilhar a minha fé”</i>
24C: <i>“Experimentar Cristo no que precisa de ajuda”</i>
33C: <i>“Crescer na minha relação com Deus e na Igreja”</i>
35C: <i>“Mais fé”</i>
35C: <i>“Colocar em práticas as bases das minhas convicções cristãs”</i>
40C: <i>“Fazer experiência de comunhão eclesial”</i>
41C: <i>“Fortalecer a fé na relação com os outros, os irmãos do Gungo”</i>
42C: <i>“Levar as pessoas a uma comunhão íntima com Cristo”</i>
1L: <i>“Consolidação da minha fé”</i>
4L: <i>“Conhecer melhor a força da minha fé”</i>
4L: <i>“Conhecer Cristo e a Igreja na sua plenitude”</i>
5L: <i>“Evangelizar onde seria mais necessário”</i>
5L: <i>“Consolidar a minha fé”</i>

<b>Expectativas altruístas no início da experiência de voluntariado</b>
1C: <i>“Entrega total ao outro”</i>
8C: <i>“Servir”</i>
14C: <i>“Ajudar”</i>
16C: <i>“Poder ajudar os outros de uma cultura diferente”</i>
22C: <i>“Ajudar os outros”</i>
27C: <i>“Que os conhecimentos adquiridos na minha área de formação podiam ajudar as pessoas com quem iria trabalhar”</i>
28C: <i>“Dar”</i>
30C: <i>“Partilhar”</i>
37C: <i>“Ajudar de forma que em Portugal nunca o faria”</i>
41C: <i>“Ajudar ativamente na formação dos professores”</i>
43C: <i>“O serviço ia ser um pilar fácil de executar”</i>
45C: <i>“Apoiar no que a comunidade de chegada precisasse”</i>
46C: <i>“Dar-me ao outro (pensar mais no outro que em mim)”</i>
5L: <i>“Ajudar no percurso académico dos jovens com quem iria trabalhar”</i>
9L: <i>“Ajudar”</i>

<b>Expectativas relativas ao conhecimento no início da experiência de voluntariado</b>
4C: <i>“Que ia ser interessante o contacto com outra cultura”</i>
8C: <i>“Aprender”</i>
10C: <i>“Transmitir a minha cultura e aprender a deles”</i>
12C: <i>“Conhecer uma nova cultura”</i>
16C: <i>“Conhecer uma realidade missionária além-fronteiras”</i>
16C: <i>“Conhecer uma cultura diferente da europeia”</i>
19C: <i>“Iria conhecer pessoas e uma cultura diferente”</i>
28C: <i>“Conhecer”</i>
30C: <i>“Conhecer”</i>
32C: <i>“Conhecer uma forma de religião diferente, um povo diferente, uma cultura diferente”</i>
32C: <i>“Conhecer uma forma de religião diferente”</i>
32C: <i>“Uma cultura diferente”</i>
37C: <i>“Aumentar o meu conhecimento”</i>
40C: <i>“Conhecer outra cultura”</i>
2L: <i>“Conhecer um povo com cultura muito diferente”</i>
3L: <i>“Conhecer outros modos de viver o dia-a-dia e a fé”</i>

**Indique 3 aspetos que mudaram em si, devido à sua experiência de voluntariado missionário**

<b>Mudanças ao nível da fé</b>
7C: <i>“A minha maneira de crer em Deus e como rezar”</i>
7C: <i>“A minha fé”</i>
9C: <i>“A fé em Deus”</i>
14C: <i>“Aprofundamento da Fé”</i>
18C: <i>“Mais fé”</i>
20C: <i>“A forma de ver e viver em igreja”</i>
26C: <i>“A forma de viver a minha fé”</i>
33C: <i>“A profundidade da Fé”</i>
35C: <i>“A minha fé”</i>
40C: <i>“Valorizar o esforço para viver a fé”</i>
41C: <i>“A maneira como “olhava” para as celebrações da fé - comecei a dar muito mais valor à vivência e à celebração da fé”</i>
47C: <i>“Maior vivência de fé”</i>
5L: <i>“Valorização da minha própria fé e do meu testemunho cristão”</i>
9L: <i>“Fé”</i>

<b>Mudanças ao nível da atenção ao outro e ao mundo</b>
21C: <i>“Atenção aos problemas que foram visíveis lá e que também são um problema cá”</i>
21C: <i>“Atenção às notícias sobre o país”</i>
25C: <i>“Estar mais atenta aos problemas que surgem nos países PALOP”</i>
42C: <i>“Estou mais atenta ao Outro”</i>
47C: <i>“Atenção pelos outros”</i>
50C: <i>“Mais atenta ao outro”</i>
8L: <i>“Fiquei mais atenta ao outro”</i>

<b>Mudanças na confiança e na visão dos missionários</b>
1C: <i>“Confiança”</i>
3C: <i>“Auto-confiança”</i>
15C: <i>“Maior valorização dos religiosos missionários”</i>
22C: <i>“Mais positiva e confiante”</i>
29C: <i>“Confiança no futuro”</i>
33C: <i>“A auto-confiança”</i>
34C: <i>“Confiança”</i>
37C: <i>“Mais confiança no meu trabalho”</i>
39C: <i>“O respeito por aqueles que dedicam uma vida aos outros”</i>
1L: <i>“Valorização que dou ao trabalho levado a cabo pelos missionários”</i>
3L: <i>“Aprendi a confiar mais em Deus e a saber esperar os seus dons”</i>
5L: <i>“Valorização do trabalho levado a cabo pelas equipas missionárias”</i>

### Indique 3 aspetos positivos da sua experiência de voluntariado missionário

<b>Elemento positivo: o contato com uma nova cultura</b>
4C: <i>“A partilha de culturas”</i>
15C: <i>“Conhecimento de uma cultura diferente e aprendizagem sobre ela”</i>
15C: <i>“Aprendizagem de uma nova língua”</i>
16C: <i>“Conhecimento de uma cultura diferente da minha”</i>
20C: <i>“Conhecimento de diferentes culturas”</i>
21C: <i>“Contacto com uma cultura diferente”</i>
26C: <i>“O encontro com outra cultura”</i>
27C: <i>“Troca de experiências com outras culturas”</i>
28C: <i>“Conhecer novas culturas e pessoas”</i>
32C: <i>“Aprender mais sobre outro povo”</i>
33C: <i>“O encontro de culturas”</i>
43C: <i>“Cultura”</i>
2L: <i>“Participar e vivenciar momentos próprios e culturais de um País diferente”</i>
5L: <i>“Maior conhecimento/compreensão da cultura moçambicana”</i>

<b>Aspetos positivos vividos com os demais missionários</b>
5C: <i>“Os missionários que nos receberam”</i>
9C: <i>“Eramos um bom grupo em termos de numero e qualidade, ajudávamo-nos e apoiávamo-nos sempre”</i>
12C: <i>“A oportunidade de integração na comunidade facilitada pela equipa missionária de lá”</i>
20C: <i>“Vivências em grupo, partilha de vida com os missionários”</i>
21C: <i>“Amizade criada ou reforçada”</i>
22C: <i>“Aprender a viver numa comunidade completamente diferente da que estou habituada”</i>
50C: <i>“Acolhimento dos padres da missão”</i>
1L: <i>“Trabalho com a equipa missionária”</i>
5L: <i>“Trabalho pastoral com os animadores, comunidades e equipa missionária”</i>
8L: <i>“Viver com missionários espíritanos”</i>

<b>Aspetos positivos vividas com a população local</b>
10C: <i>“O acolhimento”</i>
19C: <i>“Termos sido recebidos como irmãos”</i>
50C: <i>“Acolhimento do povo”</i>
1L: <i>“O conhecimento, o convívio, o estar com o povo”</i>
3L: <i>“O contacto com a população local e a sua cultura”</i>
3L: <i>“O carinho, a partilha e os sorrisos, as amizades que vão preenchendo os dias de missão com muitas aprendizagens”</i>
8L: <i>“Poder estar com um povo simples”</i>
9L: <i>“Simplicidade e humildade dos habitantes”</i>

### Indique 3 aspetos negativos da sua experiência de voluntariado missionário

<b>A duração como ponto negativo</b>
2C: <i>“Terem sido só 2 meses”</i>
7C: <i>“Ser pouco tempo”</i>
12C: <i>“Ser só um mês pois não dá para obter verdadeiros resultados em tão pouco tempo”</i>
15C: <i>“Gostaria de ter tido a possibilidade de ficar mais tempo no local”</i>
26C: <i>“A duração”</i>
27C: <i>“A duração dos projetos”</i>
28C: <i>“Pouco tempo de missão”</i>
37C: <i>“O voluntariado ter acabado”</i>
45C: <i>“Ter que regressar”</i>
1L: <i>“O sentir que para eu ser bem-sucedida nos meus objetivos, precisava de começar num ponto muito mais atrás do que me foi permitido devido ao tempo que, apesar de ter sido 1 ano, se revelou insuficiente para tudo o que poderia ainda ser feito”</i>
2L: <i>“Término do tempo de permanência no momento em que a integração mais se começa a sentir”</i>
9L: <i>“Pouco tempo”</i>

<b>Sentimento de frustração e falta de formação e dificuldades de comunicação como pontos negativos no voluntariado</b>
9C: <i>“Por vezes não me sentia bem preparada e útil”</i>
19C: <i>“Alguma falta de preparação prévia em algumas áreas”</i>
21C: <i>“A falta de preparação para o que o país realmente era”</i>
23C: <i>“Desmotivação quando não conseguíamos realizar aquilo que propúnhamos”</i>
27C: <i>“A incapacidade de estar à altura de alguns desafios e situações para os quais estava menos preparada”</i>
29C: <i>“Sensação de impotência”</i>
47C: <i>“A incapacidade de estar à altura de alguns desafios e situações para os quais estava menos preparada”</i>
1L: <i>“A minha falta de preparação sobre determinados temas”</i>
2L: <i>“Incapacidade de lidar com as frustrações diárias”</i>
2L: <i>“Dificuldades na comunicação devido ao uso de dialetos locais”</i>
5L: <i>“Falta de preparação sobre determinados temas”</i>
5L: <i>“Não conseguir chegar a todos por causa da língua”</i>

**Descreva em poucas palavras o impacto que julga ter tido a sua ação no terreno de missão**

<b>Impacto nulo ou insignificante</b>
18C: <i>“Acho que nenhum. No fundo o trabalho que realizamos, seja um mês ou uma semana, não tem grande impacto. Quem está mais tempo é que marca a diferença”</i>
24C: <i>“A minha ação concreta é irrelevante”</i>
26C: <i>“1 mês não tem qualquer impacto no terreno de missão”</i>
28C: <i>“Penso que o trabalho em si não é suficiente para mudar ou criar algum impacto”</i>
35C: <i>“O tempo foi pouco para criar um grande impacto, mas julgo que acabei por deixar uma semente e uma experiência diferente a quem nos acolheu, e ainda levar a mensagem de Cristo”</i>
46C: <i>“Acho que nunca vamos saber ao certo”</i>
47C: <i>“Em um mês o impacto maior é para quem vai”</i>
48C: <i>“Ficamos com a impressão de que se podia ter feito muito mais”</i>
4L: <i>“Infelizmente num país como aquele que estive as coisas são muito difíceis de mudar”</i>
6L: <i>“Não sei”</i>

<b>Testemunho e forma de vida como fator de mudança</b>
7C: <i>“Ter dado a conhecer a minha maneira de viver e as diferenças e igualdades dos países e a maneira como rezamos”</i>
8C: <i>“Fez os jovens refletir, discutir... foi muito bom”</i>
12C: <i>“Penso que o que teve mais impacto foi o testemunho de outra cultura e forma de viver a fé”</i>
14C: <i>“Pelo que me foi dito, o maior impacto esteve relacionado com a coesão do grupo com quem estive que foi revelador para os jovens da comunidade”</i>
15C: <i>“Sei que as relações pessoais que criei deixaram saudade, creio ter sido também testemunha da fé de Jesus”</i>
23C: <i>“Impacto mais no que toca aos direitos humanos, à gestão de conflitos e também na alegria que transmiti.”</i>
29C: <i>“Testemunho”</i>
5L: <i>“Penso que, através do meu trabalho e da minha atitude para com o outro, consegui derrubar algumas barreiras que por vezes sentia que existiam por ser "a branca". Consegui transmitir que na realidade a igualdade existe e que somos todos irmãos”</i>

## Quais foram as mais-valias da formação nos os resultados obtidos?

<b>Formação recebida como ferramenta para uma melhor vivencia do voluntariado</b>
1C: <i>“O autoconhecimento, espírito de comunidade, a fé e formação específica em alfabetização e dinâmicas”</i>
2C: <i>“Saber viver em dificuldades em simplicidade”</i>
4C: <i>“No controlo das expectativas e medos face à realidade do país de missão. Ao dar o conhecimento sobre o ritmo de um mês em missão e sobre algumas considerações sobre como agir numa cultura diferente”</i>
7C: <i>“Reconhecimento das necessidades do local, formação sobre o país, mas também de temas mais profundos sobre missão, formação sobre viver em grupo”</i>
8C: <i>“Na verdade poucas, mas ajudou a conhecer melhor a população com quem trabalhamos”</i>
9C: <i>“Temos alguma noção do que vamos/ podemos encontrar, da história do sítio em questão, da sua cultura e hábitos. Assim como do que possivelmente vamos fazer”</i>
10C: <i>“Preparar-nos para o que nos esperava”</i>
12C: <i>“O estar preparada para a realidade que vou encontrar e saber qual a melhor forma de ser, estar e agir”</i>
14C: <i>“Conhecer melhor a população e cultura do país”</i>
15C: <i>“Melhor integração no terreno (formação sobre a cultura e demografia do país, avaliação correta e fidedigna das necessidades do terreno, melhor noção das temáticas sobre o desenvolvimento e contexto sócio-histórico-económico-cultural do país de missão)”</i>
16C: <i>“Maior conhecimento da realidade que iria encontrar e assim adaptar-me melhor aos condicionalismos da comunidade e potencialização dos seus aspetos positivos”</i>
19C: <i>“Sabermos o melhor possível o que íamos encontrar; Ter um contexto do país, região e cidade onde íamos trabalhar; Aprender sobre como estar e antecipar o que poderia vir a ser "problemático" principalmente em termos pessoais (sentimentos, expectativas, frustrações,...)”</i>
20C: <i>“Contextualização do local e do trabalho a realizar, ajuda na elaboração do projeto, formação humana, religiosa e multicultural”</i>
21C: <i>“A formação tenta preparar-nos para o que encontrámos. Apesar de o país e a cultura ser diferente do que estava à espera foi importante a formação no sentido em que nos alertou para os principais problemas e para os principais desafios”</i>
22C: <i>“Que nós teríamos de nos adaptar ao meio onde estávamos inseridos e não tentar forçar a nossa cultura lá”</i>
25C: <i>“Conhecer melhor a cultura e conseguir estar melhor preparada para enfrentar as dificuldades”</i>
28C: <i>“A consciencialização do trabalho que iríamos desenvolver e que o mesmo seria desenvolvido sempre no seio de um grupo, a aquisição de conhecimento prévio sobre a realidade dos países onde se desenvolveram as experiências missionárias, a preparação prévia e organização do trabalho a desenvolver e do material a transportar”</i>

<b>Formação recebida como ferramenta para uma melhor vivencia do voluntariado</b>
29C: <i>“A vivência de grupo de missão, o conhecer previamente cada pessoa, ter oportunidade de partilhar orações, refeições, entre outros. Contudo, é sempre subjetivo o tipo de formação que podemos ter. Só no terreno é que vamos saber as dificuldades, é que vamos ter de alterar todos os programas e formações e vamos ter de lidar com as diferentes personalidades”</i>
30C: <i>“Maior sensibilidade e formas de agir para fazer prevalecer e valorizar o ser humano”</i>
34C: <i>“Através do testemunho de quem já tinha estado em missão: expectativas do que encontrar, cuidados a ter connosco - saúde -, com os outros - respeito pelos contextos de vida e cultura diferentes; a Confiança de um Espírito Santo que nos impele a ir, mas que também nos dá os dons para cumprir a missão; de um Deus que nos acompanha sempre, mas que também está e continua nos locais onde vamos - que continua a acompanhar quem lá fica”</i>
35C: <i>“Formas de encarar a realidade e aprender que podemos aprender com os outros”</i>
36C: <i>“Preparação para a tomada de consciência do terreno, características das pessoas, a língua e as tradições”</i>
37C: <i>“Conhecer o local, população, história, cultura do país de missão; conhecer o grupo de missionários; definir planos e projetos de ação”</i>
38C: <i>“Na adaptação à realidade”</i>
40C: <i>“Conhecimento da cultura”</i>
42C: <i>“Conhecimento da realidade local e contexto social, cultural e histórico Aquisição de competências para a vivência em grupo”</i>
42C: <i>“Facilitou a minha inculturação na terra de missão”</i>
43C: <i>“Manter a coesão da comunidade, estabilidade emocional, focus”</i>
44C: <i>“As formações permitiram-me conhecer, perceber, aceitar e acolher os pilares que sustentam o GAS'África. Foram fundamentais para a coesão e formação de uma comunidade competente, para a planificação do serviço a desenvolver e, ainda, deram espaço à exploração e resolução de possíveis dificuldades de Missão. A formação foi essencial para me conhecer a mim mesma, para transformar os meus defeitos em qualidades e "pô-los a render" em prol de uma sociedade mais justa, igualitária e feliz”</i>
47C: <i>“Saber o que encontrar no local, e onde atuar”</i>
2L: <i>“Refletir em aspetos inerentes ao ir para um outro país, um outro povo e cultura; assim como abrir horizontes quanto à nossa presença numa comunidade, descentralizando-nos do nosso eu”</i>
3L: <i>“Tomada de consciência de que numa experiência missionária existem dificuldades a par com as "facilidades", nem tudo é bom e quando não é tão bom, temos Deus connosco e temos que deixar atuar o Espírito Santo”</i>
4L: <i>“Consegui ter uma noção mais precisa daquilo que iria encontrar”</i>
9L: <i>“Descoberta da missão que íamos enfrentar e preparação dos temas”</i>
10L: <i>“Primeiro deu-me mais à vontade para enfrentar o desafio e depois ajudou-me a preparar melhor as funções que me foram destinadas”</i>

## Quais foram pontos menos favoráveis da formação nos os resultados obtidos?

<b>Pontos negativos da formação recebida</b>
6C: <i>“Não houve formação técnica, apenas de sentido de missão, interação com o grupo e questões culturais”</i>
18C: <i>“Preparação para a realidade do território”</i>
26C: <i>“Na minha opinião deveria existir uma experiência em regime interno durante pelo menos 1 semana”</i>
41C: <i>“Formação espiritual deficiente e pouca clareza em relação à realidade concreta a encontrar”</i>
5L: <i>“A formação foi muito geral. Deveria ser mais específica, muito adaptada para a realidade que se vai encontra.”</i>
8L: <i>“Não houve nenhuma formação concreta tendo em conta o local onde eu estaria, nem as áreas de atuação”</i>

## De que forma se sente, devido à experiência missionária, na sua contribuição eclesial / pastoral / humana / profissional?

<b>Contributo humano</b>
4C: <i>“Ajudou-me a ganhar mais flexibilidade a lidar com imprevistos a nível humano”</i>
7C: <i>“Mais humana, mais preocupada e interessada em aprofundar alguns temas e vivências”</i>
9C: <i>“Parte de mim está mais completa. estou mais serena”</i>
12C: <i>“Mudou a minha forma de ser e estar. Mudou também as minhas prioridades e noção do que é realmente mais importante”</i>
16C: <i>“Sinto que apesar de estar numa pequena comunidade, num pequeno país, existe um mundo real além das minhas fronteiras, e que pequenos gestos podem ser o princípio para que se pode fazer crescer uma comunidade de forma saudável, justa e respeitadora da vida. Tenho um papel de testemunho junto dos que me rodeiam (família, comunidade pastoral e no trabalho), contribuindo para uma melhor valorização do que temos, do que os outros não tem e que devemos construir uma realidade melhor, em conjunto com os outros povos que nos rodeiam”</i>
18C: <i>“Sinto-me mais positiva e agradecida pelo que tenho, pelo que vivo e pelo que pratico. Vejo a vida com uma perspetiva diferente, agradeço e não tenho mais por hábito reclamar. Estou mais atenta ao outro”</i>
20C: <i>“Tento ajudar mais os outros, compreender mais os outros, racionar as coisas, ou seja, ser menos consumista, porque o que nos faz feliz são as pessoas e não as coisas, sem as coisas conseguimos viver sem amigos é muito difícil ser feliz”</i>
24C: <i>“Como pessoa enriqueceu-me e tornou-me um pedacinho melhor”</i>
26C: <i>“Sinto-me bastante bem”</i>
28C: <i>“Sinto que sou mais feliz por ter conhecido e vivido momentos tão únicos e tão intensos. Sinto que encontro mais facilmente a minha paz interior e isso reflete-se em todo o campo da minha vida”</i>
33C: <i>“Sinto que cresci mais enquanto pessoa, com a oportunidade de me conhecer melhor, mas também de conhecer melhor outras realidade e vivências. Alarga os horizontes do meu Ser, do meu olhar e permite que olhe o mundo de modo mais amplo, sob vários prismas. Este crescimento estende-se a todo a vivência humana (Espiritual, social, psicológica)”</i>

<b>Contributo humano</b>
35C: <i>“Mais rico, mais feliz por me sentir mais humana”</i>
42C: <i>“Mais focada no essencial. Mais exigente. Menos conformada, mais atenta e desperta”</i>
46C: <i>“Sinto-me uma pessoa mais completa, capaz de refletir sobre o que me rodeia e isso aplica-se em todos os contextos da minha vida”</i>
8L: <i>“Sinto que estou mais disponível, e por isso mais ocupada... Mais correta e por isso mais exigente comigo”</i>
10L: <i>“Sinto que esta experiência mudou a minha vida a nível pessoal e por isso consigo ser uma pessoa melhor nas minhas atitudes e forma de ver os outros”</i>

<b>Contributo pastoral e eclesial</b>
4C: <i>“Ajudou-me a amadurecer a fé”</i>
15C: <i>“Sinto que a minha paróquia não reconheceu em mim um testemunho válido de fé e missão mas que a minha experiência missionária contribuiu para o meu testemunho enquanto pessoa, enquanto profissional e enquanto membro de um movimento missionário.”</i>
35C: <i>“Mais rico, mais feliz por me sentir mais humana, com mais fé e ainda com sentir Deus perto de mim, através dos outros.”</i>
41C: <i>“Mais envolvida na missão de, na minha vida quotidiana, dar mais atenção aos outros; mais competente a nível profissional (sou professora de EMRC); mais participativa na pastoral.”</i>
9L: <i>“Mais contemplativa na ação pastoral”</i>

<b>Contributo profissional</b>
1C: <i>“Ajudou-me a amadurecer a fé e a ganhar mais flexibilidade a lidar com imprevistos a nível humano e profissional”</i>
4C: <i>“Ajudou-me a lidar com imprevistos a nível profissional”</i>
23C: <i>“Mais preparada a nível profissional”</i>
9L: <i>“Mais humana na ação profissional”</i>

## **ANEXO V**

### **Entidades de voluntariado missionário em Portugal**



Entidades<sup>150</sup>:

<b>Nome</b>	<b>Data de Criação</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Parceiros</b>	<b>Área de Ação</b>	<b>Países de Missão</b>
Associação de Acção Social da Universidade Lusíada	1992	Associação de Ação Social	--	Educação, Saúde, Evangelização e Infraestruturas	Portugal e Cabo Verde
Associação dos Leigos Voluntários Dehonianos (ALVD)	1999	Associação privada voluntária para o Apoio Humanitário e Desenvolvimento Comunitário	Província Portuguesa dos Sacerdotes do Coração de Jesus	Educação, Saúde, Evangelização e Promoção Humana	Moçambique e Timor

<sup>150</sup> As entidades aqui compiladas encontram-se referenciadas na página de internet da FEC – Fundação Fé e Cooperação, que pode ser consultada via WWW. URL: [http://www.fecong.org/vm\\_entidades\\_list.asp](http://www.fecong.org/vm_entidades_list.asp) [acedido no dia 5 de julho de 2016]. Devido a falta de informação na página da FEC, não estão presentes neste quadro as seguintes entidades: Alamos, Congregação dos Sagrados Corações, Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, Misericórdias para o Desenvolvimento, Paróquia de Ramalde, Missionários de São João Baptista, Paróquia Foz do Sousa, Paróquia do Campo Grande, Projecto Casa Fiz do Mundo - Paróquia da Carregosa, Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Voluntariado Missionário Cluny, Voluntariado Passionista, Voluntários das Misericórdias para o Desenvolvimento.

<b>Nome</b>	<b>Data de Criação</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Parceiros</b>	<b>Área de Ação</b>	<b>Países de Missão</b>
Centro Missionário Arquidiocesano de Braga (CMAB)	2011	Organismo da Diocese de Braga	Diocese de Braga	Coordenação da Formação, Animação e Cooperação Missionária da Diocese	Moçambique (Diocese de Pemba)
Congregação das Irmãs de Santa Doroteia	2007 <sup>151</sup>	Grupo de leigos missionários	--	Informação não disponível	Angola
Diálogos – Leigos SVD para a missão	2000	Grupo de leigos missionários	Congregações dos Missionários do Verbo Divino e Missionárias Servas do Espírito Santo	Educação, Saúde e Evangelização	Angola

<sup>151</sup> Data de início do projeto de voluntariado. As Irmãs de Santa Doroteia foram fundadas em 12 de agosto de 1834, por Paula Frassinetti

<b>Nome</b>	<b>Data de Criação</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Parceiros</b>	<b>Área de Ação</b>	<b>Países de Missão</b>
Equipa d'África	1998	Organização Não Governamental para o Desenvolvimento	--	Educação, Saúde, Evangelização, Formação e Animação	Moçambique e Príncipe
Fidesco	1981	Organização Não Governamental Católica	--	Educação, Saúde, Formação e Justiça e Paz	Brasil, Ruanda, República Democrática do Congo, Indonésia e Guiné-Conacri
Fraternidade Missionária Verbum Dei	2006	Grupo de leigos missionários	--	Evangelização	Honduras, Brasil, Timor e Cabo-Verde.

<b>Nome</b>	<b>Data de Criação</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Parceiros</b>	<b>Área de Ação</b>	<b>Países de Missão</b>
Fundação Champagnat	1995	Instituição Particular de Solidariedade Social e Organização Não Governamental para o Desenvolvimento	Instituto dos Irmãos Maristas	Educação e Desenvolvimento Social	Moçambique, Zâmbia, Honduras e El Salvador
Fundação D. Bosco - Projeto Vida	1998	Instituição Particular de Solidariedade Social	Sociedade Salesiana	Educação e Evangelização	Moçambique, Brasil, Angola, Timor e Cabo Verde
Fundação João XXIII - Casa do Oeste	1991	Instituição Particular de Solidariedade Social	--	Educação, Saúde e Agricultura	Guiné-Bissau
Grupo de Ação Social do Porto (GASPorto)	2002	Organização Não Governamental para o Desenvolvimento	--	Educação, Saúde e Infraestruturas	Timor-Leste, Moçambique e Guiné-Bissau

<b>Nome</b>	<b>Data de Criação</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Parceiros</b>	<b>Área de Ação</b>	<b>Países de Missão</b>
GAS' África – Lisboa	1989	Grupo de ação social da Universidade Católica Portuguesa	--	Educação, Saúde, Formação, Ação Social, e Pastoral	Angola, Guiné e S. Tomé e Príncipe
GASNova	1999	Grupo de Ação Social da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa	--	Educação, Saúde e Infraestruturas	Cabo Verde e Moçambique
GASTagus	2008	Organização Não Governamental para o Desenvolvimento	Associações, Paróquias ou ONG locais	Educação, Saúde e Promoção Humana	Angola, Brasil, Cabo Verde, Moçambique e S. Tomé e Príncipe

<b>Nome</b>	<b>Data de Criação</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Parceiros</b>	<b>Área de Ação</b>	<b>Países de Missão</b>
Grão	2005	Grupo de leigos missionários	ONG's, Institutos Religiosos católicos e outras organizações locais já presentes no local	Educação, Saúde e Ação Social	Moçambique, Angola e São Tomé e Príncipe
Grupo Missão Mundo	2006	Grupo de leigos missionários	Congregação das Irmãs Concepcionistas ao Serviço dos Pobres	Educação, Saúde e Formação	Moçambique
Grupo Missionário João Paulo II	2007	Grupo de leigos missionários	Irmãs Criaditas dos Pobres e Padres Missionários da Boa Nova	Saúde, Evangelização e Formação	Brasil
Grupo Tuala Kumoxi - Paróquia de Famões	2003	Grupo de leigos missionários	--	Ação Social e Pastoral	Angola (Nambuanguo)

<b>Nome</b>	<b>Data de Criação</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Parceiros</b>	<b>Área de Ação</b>	<b>Países de Missão</b>
Guard'África	2002	Grupo de leigos missionários	Diocese da Guarda	Educação, Saúde, Evangelização, Infraestruturas e Pastoral	Angola
Jovens Missionárias da Apresentação de Maria	2003	Grupo de leigos missionários	--	Educação, Ação Social e Pastoral	Moçambique e Brasil
Juventude Hospitaleira	1988	Movimento juvenil	Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus e os Irmãos de S. João de Deus	Educação, Saúde e Assistência social	Moçambique e Timor
Leigos Missionários Carmelitas	2000	Grupo de leigos missionários	Ordem dos Carmelitas Descalços	Educação, Saúde, Evangelização, Ação Social e Comunitária,	Moçambique

<b>Nome</b>	<b>Data de Criação</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Parceiros</b>	<b>Área de Ação</b>	<b>Países de Missão</b>
Leigos Missionários Combonianos (LMC)	1987	Movimento Laical Missionário internacional	Institutos da Família Comboniana	Educação, Saúde, Evangelização, Justiça e Paz, Ação Social e Pastoral	Informação não disponível
Missionárias Dominicanas do Rosário	1918	Grupo de leigos missionários	--	Saúde, Evangelização, Promoção Humana e Ação Social	Moçambique, Angola e Timor-Leste
Movimento ao Serviço da Vida	1991	Instituição Particular de Solidariedade Social	--	Informação não disponível	Brasil
Movimento Missionário da Paróquia da Ramada	2006	Associação para a Cooperação e Desenvolvimento	--	Informação não disponível	São Tomé e Príncipe

<b>Nome</b>	<b>Data de Criação</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Parceiros</b>	<b>Área de Ação</b>	<b>Países de Missão</b>
Movimento Missionário Laical Maria Ana Mogas	1994	Movimento Laical Missionário	Irmãs Franciscanas Missionárias da Mãe do Divino Pastor	Educação, Saúde, Evangelização, Ação Social e Acompanhamento das Comunidades Cristãs	Angola, Moçambique, Benin, Argentina, Chile, Peru, Venezuela e Bolívia
Movimento Teresiano de Apostolado	1977	Movimento de Apostolado	Irmãs da Companhia de Santa Teresa de Jesus	Educação	Informação não disponível
Obra Missionária de Ação Social/Leigos Boa Nova	1992	Organização Não Governamental para o Desenvolvimento	Sociedade Missionária da Boa Nova	Educação, Justiça e Paz, Ação social e Pastoral	Informação não disponível
ORBIS - Cooperação e Desenvolvimento	2006	Organização Não Governamental para o Desenvolvimento	Diocese de Aveiro	Informação não disponível	Timor, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau e Brasil

<b>Nome</b>	<b>Data de Criação</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Parceiros</b>	<b>Área de Ação</b>	<b>Países de Missão</b>
Paróquia da Apúlia	2002	Grupo de leigos missionários	--	Educação, Formação e Cultura	Cabo Verde
Paróquia de Algueirão - Projecto Bé Bá Chiná	2003	Grupo de leigos missionários	Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição	Informação não disponível	São Tomé e Príncipe e Moçambique
PROCURA - Missões Claretianas	2008	Organização Não Governamental para o Desenvolvimento	Congregação Missionários Claretianos	Educação e Saúde	São Tomé
Projeto SABI - NAVEGAR	2008	Associação Humanitária para a Cooperação e Desenvolvimento	Paróquia de Santana e Congregação Religiosa em São João dos Angolares	Educação e Pastoral	São Tomé

<b>Nome</b>	<b>Data de Criação</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Parceiros</b>	<b>Área de Ação</b>	<b>Países de Missão</b>
SOPRO – Solidariedade e Promoção	1996	Organização Não Governamental para o Desenvolvimento	--	Educação, Saúde e Formação Humana/Cívica e Cristã	Moçambique (Sofala e Niassa) e Brasil
Voluntariado Internacional de Educação à Solidariedade (VIDES)	1989	Associação Internacional de Voluntariado Missionário	Instituto Filhas de Maria Auxiliadora	Educação	Moçambique (Inharrime)
Voluntariado Teresa de Saldanha	Não disponível	Grupo de leigos missionários	Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena	Educação, Saúde, Promoção, Animação de Tempos Livres	Albânia, Angola, Brasil, Moçambique e Timor